This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 465634

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

BIOGRAPHIA POLITICO-LITTERARIA

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

BIOGRAPHIA
POLITICO-LITTERARIA

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

POR

DOMINGOS MANUEL FERNANDES

Garrett, pela variedade dos seus escriptos, e pelo seu gosto maravilhoso em escolher os assumptos nacionaes revestindo-os de formas portuguezas, não é só um poeta, é uma litteratura inteira.

Poetas d'este vulto, reinam sós e nunca deixam herdeiro.

Rebello da Silva.

O nome do visconde de Almeida Garrett, é tanto para atear o enthusiasmo em quem o escuta, como para infundir um respeitoso temor em quem o evoca.

Não se passa por diante d'essas figuras ou dos seus monumentos sem inclinar a fronte ou dobrar o joelho.

Mendes Leal.

LISBOA
TYP. LUSO-BRITANNICA de W. T. Wood
MDCCCLXXIII

869.8
A1490
F36
1873

48
206
63-304653
1

AO

Batalhão litterario que opera actualmente no campo das lettras portuguezas

Dedica e Consagra

O AUCTOR

PREFACÇÃO

Vão já decorridos dezoito para dezenove annos que desappareceu do seio dos vivos um dos homens que mais ennobreceram n'este seculo a patria de Luiz de Camões.

Foi o nobre visconde de Almeida Garrett, soldado leal e esforçado da liberdade, escriptor distinctissimo, orador afamado, e poeta quasi digno de uma coroa de gloria, como aquella que ornou a fronte soberba do incomparavel cantor das glorias portuguezas.

Nós que sentimos ainda, o coração apertado entre as garras da vehementissima saudade d'este genio privilegiado, que a sepultura guarda, vi-

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

BIOGRAPHIA POLITICO-LITTERARIA

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

caminhar na estrada árida da gloria; indifferente á intriga, desconhecendo a inveja, vê, ouve e cala-se! A par d'aquelle grandioso genio a quem as maiores intelligencias do mundo prestam homenagem, recordo-me d'esses talentos mesquinhos, minados d'inveja, quasi desconhecidos, que embriagando-se de encantadoras illusões, se julgam illustres favoritos dos filhos da Memoria, e cegos d'orgulho, despresam os que lhe são iguaes ou superiores: desgraçados! Se por um instante a opinião publica os eleva, ella mesma offendendo-se da desmedida altivez dos seus validos, os arremeça ao esquecimento.»

Ora, eu apesar de não ser talento nascente, nem coisa que a isso se assemelhe, senti-me ensoberbecer ao gostar as respeitosas phrazes que o estudioso mancebo dirigia a esse distincto litterato, digno d'um dilatado viver, para que augmentem os primorosos trabalhos que a sua penna gloriosa costuma offerecer-nos; e resolvi commetter uma temeridade! Lembrei-me que um homem tão cheio de grandezas d'alma e coração, como o sr. A. Herculano, não deixaria de prestar attenção aos vagidos de um recem-nascido litterario, como eu; e animado por essa fé, escrevi-lhe uma carta, perguntando-lhe quasi suscintamente a ideia

que formava dos trabalhos a que havia dado o fim.

Passados alguns dias, recebi pelo correio uma attenciosa carta do talentoso historiador, em que me patenteava as grandes difficuldades com que eu tinha a luctar, para desempenhar este grande encargo; que era mais para Francisco Gomes de Amorim, pela circumstancia de ter vivido intimamente com Garrett, do que para outro qualquer.

Não me envergonha; honra-me muito a carta do sr. Alexandre Herculano. Abstenho-me de lhe dar publicação no primeiro lugar do meu pobre livro, por dois motivos bem palpaveis. O primeiro é evictar os murmurios da inveja jerados n'algum coração menos puro, que porventura me chamassem vaidoso, e se atrevessem a dizer que eu me abrigava á sombra do actual governador da nossa provincia litteraria para me livrar da critica! o segundo, e a meu ver mais sensato, é conhecer os erros que commetti n'este trabalho, e não querer nem por sombras, ver o nome do auctor de *Eurico* motejado a par do meu, por algum critico que conheça ainda menos do que eu, a materia de que estou tractando.

Ha muitas inexatidões no meu volume; faço aqui publica confissão d'ellas, para descargo de

consciencia. Não envolve as condições que se exigem nos trabalhos d'esta especie, mas estou certo, que o pouco merecimento que encerra, póde satisfazer em parte, o desejo d'aquelles que ha tantos annos esperam em vão, pelas memorias biographicas que Amorim e Rebello prometteram publicar, quando o corpo de Garrett ainda se achava inteiro na sepultura.

Agora que me resolvo a dar estas poucas paginas ao legado de Guttemberg, sou o primeiro a declarar que este pensamento, lançado á roda dos expostos pela doença de Amorim, podia ser inscripto nos annaes das publicações com epilogo mais feliz do que o meu, e com menos fadigas tambem, do que eu tive para liar este molho de *phrazes descóradas*, como dizem os criticos mordazes, quando sentem descer ao coração o acre da inveja, e bradar-lhe: *Mata esse insecto, que nos vem cá zumbir aos ouvidos!*

A estes se me calumniarem, digo-lhes com antecipação que escrevam uma biographia melhor, e m'a enviem depois, para eu por ella, corrigir os erros que commetti na minha: aos que blasphemarem d'ella só pelo gostinho de dizer mal, e a deprimirem por não a entenderem, dou-lhes um conselho que não devem despresar: leiam *Carlos Ma-*

gno, e outras obras que foram escriptas expressamente para alguns ignorantes que por nossa desgraça ahi andam apregoando luz, e a dar cabeçadas, que nem que a claridade tivesse o nome de trevas.

Áquelles que me fizerem justiça recta, e critica conscienciosa, desde já lhes agradeço, e prometto arrepender-me dos meus erros passados, remediar os presentes, e empregar todas as deligencias para os evictar no futuro.

Se dedico o meu livro ao batalhão litterario que opera actualmente no campo das lettras, não ponho em vista as honras d'um agradecimento unanime, nem tampouco escudar-me com elle contra bloqueios merecidos.

Não.

Offereço-o a essa illustre corporação, porque, como disse o poeta, *quem conhece a materia é que a estima*, e presando-me eu de estimal-a sem conhecel-a, busco este meio, para provar o respeito que tributo aos mestres a quem a consagro.

Lisboa 25 de Março de 1873.

Domingos Manuel Fernandes.

BIOGRAPHIA POLITICO-LITTERARIA

DO

Visconde d'Almeida Garrett

. . . . . Oh! qual te vejo
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu senhora dos mares? Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? A morte,
A escravidão, lhes traz ferros e sangue...
Para quem?... Para ti mesquinha Lysia!
(GARRETT.—*Camões*)

I

João Baptista — da Silva Leitão — d'Almeida Garrett, primeiro visconde d'Almeida Garrett, e primeiro poeta peninsular depois de Luiz de Camões, nasceu no Porto a 4 de Fevereiro de 1799, — segundo a sua certidão de idade, e a confissão d'alguns escriptores vivos e fallecidos, aos quaes se deve prestar toda a consideração; — que tractaram com elle, na infancia e na adolescencia, nas terras mais notaveis do reino e ilhas ad-

jacentes, como Angra do Heroismo, Lisboa, Porto, e Coimbra, onde estudou até os principios do anno de 1822; e tambem no estrangeiro durante os desterros que soffreu, pela simples culpa de pugnar pela causa da liberdade, quando viu seu brilho quasi offuscado pela nuvem pavorosa do despotismo, que se desdobrava rapida sobre ella, e a toldou por fim complectamente; perseguindo sanhuda e temivel, os seus dignos apostolos, e arremessando-os pelo direito da força, além dos marcos da patria.

Entre os differentes litteratos que teem publicado retalhos da vida do grande poeta, (porque complecta não me consta que se tenha publicado até hoje) encontram-se tantas divergencias na dacta do nascimento, que hesitei fortemente para me decidir a encher as linhas, que deixara em branco ao principiar estes insignificantes estudos. São taes esses anachronismos como os que vou citar; uns assignados por pennas vantajosamente respeitadas no campo das lettras, outros anonymos, que asseveram ter nascido Almeida Garrett, em 1798, 1801, 1802, e ainda em 1804; dactas absurdamente imaginadas, ou tiradas de documentos duvidosos, e não escriptas á vista da certidão do baptismo do poeta, que es-

tá exarada n'um documento historico, concebido n'estes termos: — *João Baptista da Silva Leitão, d'Almeida Garrett, nasceu no Porto a quatro de Fevereiro de mil setecentos noventa e nove, e foi baptizado na egreja Parochial de Sancto Ildefonso, no dia dez do mesmo mez e anno.* — Os escriptores que estão em verdadeira harmonia com a citada certidão, aos quaes alludi acima, são os Srs. Latino Coelho n'um esboço da infancia de Garrett, que publicou em hespanhol no primeiro volume da *Revista Peninsular*, Gomes d'Amorim, nos seus *Cantos Matutinos*, e Innocencio Francisco da Silva, no terceiro volume do seu Diccionario Bibliographico, que veio engrandecer immensamente a erudição dos constantes ledores do antigo Barbosa Machado. Foram paes de João Baptista d'Almeida Garrett, Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo cavalleiro da Casa Real, fiscal mór da sellagem da Alfandega do Porto, e D. Anna Augusta d'Almeida Leitão, filha d'um abastado negociante, accionista e deputado da poderosa companhia dos vinhos do Alto-Douro. Sua familia era oriunda d'um condado d'Irlanda e de mui remota ascendencia, que tendo sido perseguida por seus naturaes por causa de questões de politica ou de religião, andou errando muitos annos, sem pão

nem abrigo certo, por varias terras da Europa, como tantas familias desgraçadas, a quem os partidos politicos e seitas religiosas tem feito morrer ao desamparo entre corações estranhos. Experimentando sempre a mais inconstante fortuna durante essa larga e dolorosa peregrinação, e achando-se finalmente em Hespanha, a desolada familia resolveu-se a transpor as fronteiras de Portugal, e veio no sequito que acompanhou a Lisboa a rainha D. Marianna Victoria, esposa de el-rei D. José primeiro, e filha de D. Maria Anna d'Austria, e de D. Philippe V. Pouco depois de entrar em Portugal, foram estes infelizes residir para o Porto.

Depois passou esta familia ás ilhas dos Açores, guiada não sei porque felicidade ou desventura, e ahi nasceu então Antonio Bernardo, pae do nosso poeta. Voltando Antonio Bernardo para o Porto, ahi foi contrair os laços matrimoniaes, com a virtuosa filha do respeitavel negociante portuense. Adquirindo por esta vulgar circumstancia uma fortuna soffrivel, nasceu João Baptista de Almeida Garrett no seio das melhores commodidades que podem ser ambicionadas, pelo homem que surgiu no mundo, envolto n'um sudario de dores e agonias, como o que velára o nascimento de

seu pae no intimo de sua familia, inda pouco feliz, e fortemente magoada com a viva lembrança do querido ninho patrio, d'onde mãos traidoras a tinham rechassado. Mas por fim os perfurantes esgalheiros do exilio haviam-se tornado suaves, para esse resto dos membros da estirpe irlandeza.

Quando João Baptista começava a soltar dos labios tenros e engraçados as primeiras modulações de creança, achava-se este pequeno torrão de Portugal, descançado sobre a mais placida e firme tranquillidade, mas apenas principiou a pronunciar claramente as vulgaridades familiares, foi surprehendido por uma nuvem negra e atterradora, que se desdobrava sobre os horisontes portuguezes, e por uns sons eccoantes, complectamente ignorados pelos seus ouvidos d'infante. Era o troar petrificante dos canhões francezes, accesos pela raiva ambiciosa de Napoleão I, que já derruira então os primeiros torreões erguidos nas fronteiras de Portugal, para derramar sacrilegamente o sangue de nossos avós, e coligado com a fanfarrona Hespanha obrigal-os a fechar seus portos aos inglezes, prender os que habitassem em terras portuguezas, e confiscar-lhes os bens que possuissem; mas reaggindo o

governo portuguez contra as despoticas medidas do Cesar moderno, entrou em Portugal uma poderosa divisão do exercito francez e alguns hespanhes commandada pelo general Junot, obrigando o principe regente D. João, a sair as agoas do Tejo com toda a familia Real, demandando as terras de Santa Cruz. Avançando iracunda e sedenta sobre Portugal, essa legião destruidora de guerreiros esfaimados, pisando com o maligno cothurno, tudo que encontrava na passagem que operava nas veigas portuguezas, saqueando tudo aquillo a que podia lançar as garras ambiciosas, violando os sanctos lares das familias, e cevando a bruta sensualidade á viva força nas donzellas, emquanto outros assassinavam seus desgraçados paes a ferro e fogo, foi acampando de monte em monte, de descampado em descampado, e de povoação em povoação, esperando que Portugal se resolvesse a dar apoio ao systema continental, que Napoleão concebera crear n'aquelle cerebro eivado de malvadez, avareza estulta, e ambição de governar o mundo!

Tinham passado apenas dez annos sobre a cabeça joven do nosso poeta, onde amadurecia um estro excepcionalmente fogoso que o devia levar mais tarde sobre suas azas possantes ao apogéu

da gloria, a esse término immensuravel da immortalidade, onde subira já, havia perto de tres seculos, o inspirado cantor do esforçado Gama, o grande capitão rival de Christovão Colombo, e parece que descendente dos carthaginezes, os mais ousados navegadores da antiguidade, que como disse o nosso Homero, metteu frotas altaneiras

«Por mares nunca d'antes navegados»

e erguendo seus olhos magneticos e penetrantes onde fulgia o astro brilhante da intelligencia, que reverberava no rosto azul do céu; ergueu-os para as cumiados imponentes que se desenrolavam em dilatada extensão entre Minho e Douro, viu tremular ao som dos ventos patrios a bandeira das aguias imperiaes, hasteada pelas tropas do orgulhoso e detestavel Corso, que mandára abater a das Quinas d'Ourique, outr'ora tão respeitada por todo o universo, como a imagem d'um Deus de bondade, que rége os céus e a terra, empunhando na dextra a compaixão divina para galardoar os seus eleitos, e a anathema na sinistra para aniquillar os filhos dissolutos, depravados e

avaros, renegantes da religião que Elle nos deixou escripta por seu proprio punho, e com o seu divino sangue. Apoiado á mão de seu pae, que tremia da proxima perda da independencia nacional, encarou summamente admirado, esses horisontes affogueados e desconhecidos, que annunciavam uma tempestade horrorosa em todo o paiz, que o devia tornar n'um lago de sangue, e deixando escapar do peito innocente e fragil, um d'estes suspiros que parecem pertender arrancar o coração soffredor, e arremessal-o ao lodo mundanoso, sobre o bafo indomavel da intima agonia, perguntou a Antonio Bernardo, o que symbolisavam tantos homens d'um aspecto tão singularmente differente d'aquelles que sempre vira, quando ainda conchegado aos seios de sua mãe, tão risonhos e pacificos sob a fleugma da mais pura tranquilidade nacional; qual a sua procedencia, e o motivo porque toda a cidade estava agitada. Antonio Bernardo chorou de gozo e de dor n'essa occasião; de dor, por ver a patria do seu berço invàdida por estrangeiros, e de gozo, ao escutar as discretas e afflictivas observações da creança. Como bom pae que era, ellucidou João Baptista, o melhor, que poderam conseguir os seus labios tremulos, com o susto que infundia em seu

animo, a legião d'invasores barbaros. Contou-lhe que tal gente, com a furia indomada espalhada nos rostos crestados pelos sóes ardentes, era inimiga da patria; aquella côr denegrida que causava panico, e fasia lembrar as furias infernaes, era produzida pelo fumo despargido nos acampamentos durante carniceiros combates e lambedoras fogueiras accesas no campo durante os dias de descanço e o traçar de planos de guerra desde o Sena até ao Douro caudal, e turvo, e mais pavoroso ainda com o sangue vertido em suas longas margens que logo se junctava ao sequito funebre de suas extensas agoas. A creança começou a soluçar abraçada a seu pae, e ainda perguntou se lhe matariam a sua mãe; e recebendo a imprudente affirmação da pergunta innocente, correu a lançar-se nos braços da carinhosa Anna Augusta, sua mãe beijando-a e dizendo que fugisse porque a queriam matar, e a seu pae tambem. A mãe buscou tranquillisal-o, abraçando-o e cobrindo-o de beijos, e contrariando bastante a seu pezar as palavras do esposo que amava em extremo, e assim pôde restituir-lhe o socego habitual e tirar-lhe da lembrança a devastadora expedição, que abafava as palavras indignadas que os portuguezes buscavam proferir con-

tra o causador de tantas miserias que já vinham perto opprimil-os, apoz tanto sangue espadanado para se apossarem dos haveres d'aquelles que haviam empregado toda a sua vida nas tralhosas lidas que Deus nos deixou para tirarmos d'ellas o sustento do corpo e do espirito. Até Garrett, havia tão pouco desprendido do berço que o vira nascer, já soluçava e vertia lagrimas sobre o profanado altar da patria! Pobre innocente! Tão tenro ainda e já soffria tanto, de ver o seu berço calcado por tyrannos useiros da força bruta! Era Deus que lhe illuminava o espirito infantil, e o fazia comprehender as cruas disenssões dos homens; corações impedernidos, que intentam fechar na mão infame e avara as redondezas d'esse orbe incommensuravel, e constituirem-se dominadores barbaros de toda a humanidade.

. . . . . N'estas horas d'agonia
Grata consolação é ver unidos
No funeral da patria, os que inda podem
Carpil-a bem sem remorso e sem vergonha.
. . . . . .
. . . . . Na tua edade
Respeitam-se os anciãos, ouve-se e aprende-se
Mancebo escuta. Libertar a patria
E dar pelo resgate a propria vida
Não é mais que dever, grande heroismo,
Acções de gloria n'isso não as vejo.

(GARRETT.—*Catão*)

II

Poucos dias depois d'estas scenas, partia a honesta familia de Garrett, do Porto para Lisboa, tentando escapar-se do jugo oppressor, e salvar alguns haveres das mãos dos saqueadores.

Em Lisboa poderam residir alguns mezes mais socegados, mas escaceando-lhes corações amigos na capital, resolveram passar ás ilhas dos Açores em demanda d'um virtuoso prelado seu parente em grau muito aproximado que ali residia, go-

sando a geral estima de todos os habitantes d'aquelle archipelago. Era o veneravel octogenario, D. Frei Alexandre da Sagrada Familia bispo d'Angra do Heroismo, tio paterno de João Baptista. Ali poderam então os foragidos disfructar alguns dias felizes, no remanso d'uma vida cheia de alegrias, juncto da alma generosa do venerando sacerdote. Este ministro de Deus, possuia a par de uma religião immaculada, e d'uma caridade que o tornava profundamente estimado e bem quisto pela diocese de que era digno director espiritual, uma tão basta erudição e sabedoria, que affiançava um futuro brilhante ao pequeno Garrett, se acaso o bom velho fosse o seu perceptor. O bom velho era um conjuncto de grandezas moraes e intellectuaes, como raramente se encontra nas aras do christianismo ou no altar do sacrificio de Deus! João Baptista estudara no Porto ainda com seu pae, as primeiras lettras, e já soletrava alguns nomes em livros que Antonio Bernardo lhe dava para elle ler quando soubesse. O pequeno entregara-se ao estudo com grande vontade, e breve começou a ler soffrivelmente as historias que o pae lhe mandara guardar quando abandonou o Porto. Na ilha tomou tanta amizade aos livros, que estava quasi sempre a folheal-os. Seus paes

gosavam uma singular consolação, vendo que elle era inteiramente contrario aos brinquedos infantis, a que se abraçam a maior parte das creanças com uma paixão desordenada. A João Baptista nunca se apegara essa lepra contagiosa.

Os castellinhos de seixos e barro em cuja feitura as creanças gastam o tempo, e rompem os vestidos, eram complectamente desconhecidos pelo futuro cantor de Luiz de Camões. Em lugar d'esses divertimentos tributarios adoptou o pequeno de Antonio Bernardo, outro systema de edificar, com pedra mais bem lavrada, e barro tão sublimemente amassado, que seria impossivel derrubal-os a mais horrorosa tempestade que tentasse açoutal-os. Passava dias e noites successivas, cavando os alicerces para enterrar as bases d'esses magnificos torreões, que só haviam de ver um rival entre os Lusos; e esse era o que levantara Camões, cantando o nosso ousado Gama. Mas que castellos eram esses, que a creança riscava entre os afagos da familia? Com que argilla os cimentava? Com que elementos os fabricava, e lhe dava tanta fortaleza?

Era com os livros das vastas bibliothecas de seu tio D. Frei Alexandre, que juncto de uma collecção numerosa dos melhores gregos e latinos, co-

mo Pindaro, Anacreonte, Sophocles, Homero, e Horacio, Virgilio, e Ovidio, era possuidor dos melhores partos dos classicos portuguezes, como Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda, Rodrigues Lobo, Bernardim, e outros que souberam tanger com valentia as lyras da antiguidade. Foram de tal natureza os materiaes que Garrett ajunctou para os seus castellos que se tornaram inexpugnaveis, até para os mais attilados guerreiros, que com armas da mesma especie pretenderam altear-se ao mesmo ponto, ou prostral-os em complecta ruina. Mas aos bloqueios succederam-se bloqueios, bombardeamentos a bombardeamentos, odios a odios, extorsões a extorsões, maldizentes a maldizentes, imitadores a imitadores, plagiarios a plagiarios; e o grande Garrett contemplava-os impassivel, com aquelle sorriso de sceptico que sentiu desabrochar nos desterros que provou em abono do seu ninho patrio, e não ousava punir pelos direitos que de justiça e lei lhe pertenciam e o favoreciam plenamente. Era a imagem da resignação; era o guerreiro que vendo o campo onde peleja com os seus, talado de cadaveres lacerados e lançando golfadas de sangue, pousa negligentemente o escudo salvador sobre o peito anciado, e aguarda com os olhos no céu, a chegada de

uma bala perfurante, que lhe transporte a alma á tranquilla mansão da eternidade; mas revella no olhar de humildade que ainda crê firmemente n'um Deus de misericordia, que contempla do seu throno d'ouro, os cruentos debates accesos por seus filhos com a mira em governar alheios territorios, e fazer alvo da tyrannia os seus desgraçados incolas. Garrett era assim! De tantas e tão igneas balas que lhe apontavam ao coração, nenhuma o pôde ferir, nem as arguições estupidas o fizeram nunca descer o mais apertado degrau, do logar onde o levára a intelligencia que assombrava os detractores e falsos apostolos da seita que elle adorou.

Os Zoilos espumavam e mordiam-se de ver prosperar o seu nome, e elle ria-se da mesquinhez d'elles, que vendo-se todos na impossibilidade de o igualarem, maldiziam-n'o, e buscavam prostral-o no maior rastejamento. E nunca tremeu este homem, diante d'esses invejosos e praguentos? E não descarregava sobre elles o azurrague tremendo que empunhava? Não? Porque? Porque olvidando todas as crenças, conservava uma no seu nobre coração, e essa, era, — a que todos devem alimentar, até lhe estalar a mola ultima da vida — a de que existe uma Providencia,

que é principio, meio e fim de tudo quanto ha bom e incomparavel, e capaz de tudo o que não é permittido praticar aos homens. Com a vista fixa n'essa sombra que dulcifica as magoas do vivente, ouvia a celleuma dos seus adversarios, sem procurar abafal-a com os eccos de sua palavra soberba e altisona!

D. Frei Alexandre, enfadava-se ás vezes com o pequeno sobrinho, porque lhe devastava ás estantes dos livros para os pôr enfileirados sobre as mesas e nos alegretes do quintal, onde se assentava a analisar a diversidade dos typos, gothicos, gregos, allemães, e outros que em nada se pareciam com aquelles que lhe haviam ensinado o A. B. C Mas, Garrett não se enmmendava, e um dia chegou a dizer ao honrado velho, que se elle não o ensinava a ler aquelles livros, ia aprender para casa de Joaquim Alves; um velhote terceirense que o estimava muito e lhe dava muitos doces. D Alexandre não pôde deixar de sorrir da crianceira influencia do sobrinho, mas conhecendo-lhe uma excellente comprehensão e uma vocação singular para as lettras começou-lhe a fazer varias perguntas sobre grammatica, e vendo que respondia com a promptidão do melhor estudante, principiou a dar-lhe as primeiras lições de latim, com

aquella consciencia e prudencia que lhe eram habituaes. Fazendo o pequeno, em pouco tempo grandes progressos n'esta lingua, deu-lhe tambem algumas prelecções da grega, em que era profundamente versado. Com tão erudito pedagogo, e tão boa vontade de estudar pôde Garrett conhecer em pouco tempo as doutrinas d'esses grandes gigantes do pensamento, do tempo do primeiro Mecenas, que o veneravel sacerdote conservava como reminiscencia da edade juvenil, em cujo regaço se abastecêra de bem cimentados estudos. Assim corria a vida do joven poeta, sempre com o pensamento engolfado nos seus livros, e em aturadas consultas entre os varios auctores. Quando fechava os livros, quasi sempre a instancias dos seus maiores, empregava o tempo a fazer a sua ode, a alinhavar os seus sonetos, e ensaiava-se em differentes generos de verso e prosa, mas tão fraco se considerava ainda, que nos momentos em que o amor das lettras o incitava a mostrar essas escreveduras ao bom tio, antepunha-se-lhe no caminho, o pejo e a vergonha de creança, e obrigava-o a guardar aquelles alvores, que mais tarde elle refundiu, e fez dardejar a sua luz nos mais erguidos pincaros do universo. Escrevia, e guardava, para depois apresentar todo

aquelle molho de criancices litterarias. Sabendo o latim soffrivelmente, e *arranhando* menos mal, como se costuma dizer, no grego, D. Frei Alexandre descançou algum tempo com as suas lições, e disse-lhe naturalmente que profundasse mais os estudos dos classicos portuguezes, para depois aprender o italiano; mas qual não foi a sua admiração ao ver o sobrinho lêr correctamente as obras de Metastasio, e de Goldoni, a par de Tasso e Dante, e até os classicos mais enrevesados de Italia?! O velho pastor das ovelhas açorianas levou as mãos á cabeça e benzeu-se de ver o rapaz ler correctamente nos livros que elle lhe reservava para mais tarde.—«Pois tambem já tu sabes o italiano?» exclamou D. Frei Alexandre verdadeiramente desappontado, por não gosar elle a gloria de ter sido seu mestre em tal lingua. —«Sei sim senhor,» respondeu Garrett, levantando o cabello que teimava cobrir-lhe aquella fronte espaçosa —«Ora o rapaz...» dizia o velho comsigo, e procurando uns italianos que tinha na bibliotheca, «Vou-lhe entregar Maffei, a ver como elle se desenvolve.» (1) E D. Frei Alexandre levou-lhe uma

(1) Veja-se introducção da *Merope*.

tragedia do poeta italiano, e mandou-o ler uma scena ao acaso. Garrett, n'essa occasião, sentiu correr-lhe no cerebro um pensamento de vaidade e orgulho, porque olhando ironicamente para o tio, leu ligeira e correctamente a scena que elle lhe apontára, e avançou ainda muito mais. Frei Alexandre não cabia em si: foi perguntar a sua Cunhada D. Anna Augusta, se era conhecedora dos progressos do filho, e respondendo-lhe aquella que os desconhecia inteiramente, procurou seu irmão, mas não teve tempo de o interrogar, porque Antonio Bernardo correu para elle, dando-lhe exactamente a mesma noticia que soubera n'aquella occasião; —«O rapaz é o... sabes o que eu te digo Antonio? o rapaz ainda não pára ali, aquillo vae muito longe... e sabes o que me está lembrando? É... é... nem eu sei o que... Nem tenho animo para t'o dizer...»

—«Homem! explica-te?! Queres mandal-o estudar para alguma academia de Lisboa, ou mandal-o ordenar?» —Ah!... pois é isso mesmo; sae d'ali um grande homem e um grande sacerdote!» «—Pois se elle quizer... respondeu provavelmente o pae do intelligente estudante. E D. Alexandre dizia bem; o bom do velho queria dar-lhe um caminho onde achasse a posição de que o

considerava merecedor, que estivesse em harmonia com a capacidade e talento que lhe conhecia, e lembrando-se que podia abdicar n'elle um dia a mitra de bispo da diocése que governava, e legar á egreja por sua morte um sabio e discreto ministro, e um rival de Jeronymo Osorio, trabalhou com acerrima constancia, para lhe alcançar um beneficio da ordem de Christo, o que conseguiu no fim d'alguns mezes. Aconselhado pela mãe e pae, e quasi arrastado pelo respeitavel pastor d'almas chegou Garrett a professar as ordens menores; mas D. Alexandre acertaria sempre nas suas escolhas, menos n'aquella; porque Garrett não tinha uma d'aquellas physionomias que quando apparecem, se diz d'ellas: *é mesmo uma cára de padre!* Observando minuciosamente ao lado de seu tio, os estatutos que a egreja sôe metter na mão dos ecclesiasticos começou a olhar para todas aquellas ceremonias com desmedida indifferença e a mostrar-se enfadado e tristonho, e vendo-lhe o velho no rosto esse desapego, interrogou-o sobre tão estranho procedimento. Garrett revestiu-se então de toda a coragem de que dispunha, tão novo ainda, e respondeu-lhe que não sentia forças para empunhar o pesado bastão de pastor d'almas e que da me-

lhor vontade seguiria o curso da magistratura. O tio estacou ante a sua repentina resolução, mas breve cobrou animo. Era um d'estes homens que não desanimam facil, nem se curvam aos mais feros desappontamentos da vida. Encarou o sobrinho n'um olhar austero, e buscou ler-lhe no intimo para o guiar pela palavra affectuosa, ao caminho da obediencia e da virtude. Não colhendo porem, os fructos que esperava d'esta operação, procurou com seus conselhos mostrar-lhe o honroso lugar que podia occupar no porvir, sobre as aras sagradas do christianismo; o respeito que lhe seria tributado pelo rebanho que guardasse, e os interesses que poderia colher n'esse estado, mas João Baptista, apezar de se apresentar resignado ante as suas sanctas doutrinas, mostrava bem visivel no rosto o turbilhão de controversias, que lhe ia no intimo. Esquecendo esses symptomas atterradores, o tio buscou mettel-o de novo na carreira que tinha encetado, mas vendo que eram infructiferos os seus lavores, concordou com Antonio Bernardo, em não contrariar as aspirações do filho, e deixal-o seguir o rumo que desejava. Garrett, quando se viu solto das cadeias que começavam a prendel-o á egreja, resfolgou satisfeito, e bateu livre, as azas em de-

manda das regiões porque suspirava a sua alma de poeta. Tendo-se familiarisado com o seu Eschylo, e o seu Euripides tomou amor á tragedia, e apoiando-se a esses mestres, começou a ensaiar-se n'ésse genero, com que diliciava os ouvidos de seus paes, e do tio, que tambem o escutava com satisfação. Os versos, esses, é que o poeta guardava para mostrar mais tarde.

Concluindo deseseis annos de idade, seu tio resolveu mandal-o preparar para entrar na universidade, e elle não descançou em quanto se não viu em estreita convivencia com as auras do Mondego. Chegando áquella soberba capital das sciencias portuguezas, começou logo a cursar a cadeira de jurisprudencia, e renunciou o beneficio que alcançára da egreja, a pedido de Frei Alexandre. Applicando-se com todas as suas forças áquelles estudos, e não recebendo no primeiro exame os elogios e valores que imaginára alcançar n'elle, aborreceu-se de tal forma, que dando-lhe de mão, entrou a frequentar as cadeiras de mathematica, philosophia e algebra, mostrando a seus professores o elevado talento, e a fina comprehensão de que era dotado. Sabendo isto seus paes, não tentaram contrafazel-o mas mostraram-se magoados, e aconselharam-no com a sua gran-

de prudencia, a que não deixasse o curso das leis. Garrett, obedeceu á voz que mais devia respeitar, e continuou com os antigos estudos na firme resolução de os acabar, e pouco depois alcançou que lhe fizessem a justiça que merecia, concedendo-lhe um dos maiores premios de louvor que se deram na universidade. D. Frei Alexandre, tomou na devida consideração a obediencia do sobrinho, presenteando-o generosamente, com dadivas d'amor e amizade. O estudante começou então a entrar destemido em themas que desconhecera até ali. O novo estudante possuia um dote sublime, um dote que era invejado por muitos e logrado por poucos que estudavam nas mesmas paginas onde elle chegára por esse tempo. Era uma reminiscencia tão sã e robusta, a sua, que abrangia todos os dominios que lhe appeteciam; e jamais se viu hesitar entre as mais difficeis proposições academicas, cujos turbilhões, atormentavam a grande turma de cursistas. Estudava ao mesmo tempo, os mais intrincados e profundos ramos scientificos, que já houveram na universidade, a par de artes pouco faceis, sem com isso amputar o fio dos estudos que tão inergicamente sustentava, entre os seus companheiros, pela maior parte apologistas desalmados do

leito de Procusto... Sim, fallo d'aquelles estudantes, que se amarram como sanguesugas, ao debil baculosinho do genero que encetaram para seguir um caminho só, e dão de mão a todos os mais assumptos que não têem parentesco, nem consaguinidade, com o genero a que se dedicam.

É por esse motivo que os padres pela maior parte, sabem apenas aquella *cantilena* do Evangelho, e d'ahi não têem ordem de passar. Aprenderam aquelles curtos periodos, da mesma forma que eu estudei, para ajudar á missa, ao abbade da minha aldeola, e fallei em latim, mas venham-me cá perguntar o que significavam taes palavras, na nossa linguagem! Venham, que estão servidos! É o mesmo que acontece a esses latinistas que para dar a entender que são *alguma coisa*, dizem muito pomposamente que estiveram em Coimbra! Isto não é só no latim, é em todas as mais classes de estudo.

Garrett não era assim; aquelle cerebro infatigavel, jamais se conhecera cançado, com a vasta amontoação de pensamentos, conceitos e preconceitos de que andava sempre inçado. Nada lhe saciava a sede de aprender que o devorava.

Tudo quanto até ali fizera mover os nobres

filhos de Guttemberg, em todas as nações e linguas cultas na Europa, era pouco, e mesquinho para encher o vacuo que tinha aberto na sua imaginação fogosa. Todos os livros tinham merecimento para elle, porque em todos encontrava uma novidade, e uma coisa proveitosa. Em fim, n'aquelle ser excepcional, promettia-nos, o mais completo encyclopedico; e se o não chegou a ser, póde-se attribuir á sancta causa em que se envolveu ainda moço, e não á enercia, porque essa molestia glutinosa, nunca lhe roçàra, nem levemente pelas vestes. Ali começou o excellente estudante a desenrolar ante os olhos avidos da republica conimbricence as empoeiradas e amarellas folhas de papel onde guardava as escrevedurras que fizera na ilha Terceira, a occultas do tio e de seu pae, onde só sua extremosa mãe tivera occasião d'ouvir com summo prazer, aquellas expansões do estro que despontava apenas, e já era tão fugaz e creador. João Baptista como deixamos dito, mostrára ao tio alguns quartos de tragedia que escrevera em creança, e não recebendo d'elle uma apreciação como entendia, — porque D. Alexandre em litteratura não gostava de discutir — resolveu-se a esconder os versos aos seus olhos, e por isso as suas producções infan-

tis só se revellaram embaladas pelas auras da Fonte dos Amores, essa encantadora irmã de Hyppocrenne e Castalia, que tanto inspirou o primeiro cantor de Portugal! Os seus companheiros, receberam-n'o com enthusiasmo delirante. Abraçaram-n'o, deram-lhe vivas e acompanharam-n'o a casa em triumpho. Estava coroado poeta!

Estes repetidos e quasi loucos applausos com que tamanha alluvião, festejou o apparecimento das suas auroras poeticas, infundiram n'elle ainda mais amor pela litteratura, e levaram-n'o a um novo hemispherio, onde a natureza era mais productiva, e a poesia brincava leda e jovial, sobre as azas da brisa que agitava as ervinhas espadaneas e enrugava o rosto dos regatos victrios, e se alevantava depois de fatigada, para ir agasalhar-se em seu cerebro pensador.

Nas vastas margens d'aquelle Mondego, tão sublimemente festejado pela harpa do immortal cantor da desgraçada amante — esposa do rei *Justiceiro*, assentado na relva rociada, e nas pedras musgosas, era onde o tenro neophyto das cammenas, ia pulsar as cordas da lyra d'alma, contemplando os cachões espumosos das aguas, e os curvados salgueirães, onde soluçava o zephyro com suavidade, e trinava o passarinho apaixo-

nado, dando parte da sua existencia, á meiga avesinha que colhia nos pantanos, os vermes para alimentar os tenros filhinhos que esperavam no ninho entre as folhagens e nas mattas selvosas. Era n'aquelle paraiso, que o poeta se ensaiava para subir aos astros nas azas da inspiração, e cantar as bellezas que a natureza apresentava no matisado dos prados, no aroma das flores, no expesso das arvores, no gorgear canoro dos cantores plumosos dos vergeis, no balar dos rebanhos que percorriam os pendores dos montes, no sussurro monotono e fleugmathico das nascentes d'agua, e no murmurio dos cachões que se despenhavam espadanados no vasto sulco que ali corria! Foi n'aquelles campos tapetados de hervinhas molares e frescas, que rodeiam a vasta metropoli de todas as sciencias portuguezas, que o novel poeta desprendeu seus vôos fogosos, elevando-se qual aguia possante, ás alturas da idealidade e remontando as destendidas nuvéns que povoam sempre as regiões do Zenith. Foi n'aquelles diliciosos outeirinhos, rivaes de Tempe e de Phocide, por entre os renques frondosos que elle escutou os bravos freneticos e dilirantes da grande republica, e onde lhe cingiram na fronte espaçosa, um laurel explendido, que o levava á digni-

dade de primeiro poeta da academia. E em volto em tudo isto, os seus estudos galopavam com espantosa velocidade, tomando a dianteira aos collegas que primeiro mofavam d'elle, pela reprovação que soffreu ao entrar na universidade! E os professores começavam a estimal-o, e a ligar-lhe mais attenção do que áquelles que luctavam todos os dias com os verdeaes.

N'este tempo ainda elle não revellára a sua veia poetica aos professores, mas correndo algum tempo e sendo apertado fortemente pelo lente de mathematica e algebra, indignou-se e pespegou-lhe com um soneto nas bochechas que fez erguer todas as aulas! O mestre gostou da composição e elogiou-o muito. D'ali para o futuro todos lhe chamavam poeta em (plenos geraes,) e as suas producções eram lidas com enthusiasmo, até pelos professores mais orgulhosos em materia de litteratura. Correram tempos, e o poeta era incansavel nos seus lavores poeticos. N'este comenos, veio despertal-o um novo sentimento!

Leu muito, viajou com attenção pelas aventuras mais notaveis do amor, e desejou amar. Mas amar a quem? Era provavelmente esse o seu constante pensamento; amar quem o amasse tambem. Mas esse *quem* estava ainda occulto atraz

dos bastidores do impossivel. Vercejou. Faltando-lhe por fim o asumpto para tamanha collecção de versos como ambicionava, saiu das aulas, um dia, e foi percorrer os arrabaldes de Coimbra em procura de assumpto para um poema. Na margem d'um ribeirinho descubriu um vulto. Desceu ao local, e viu... viu uma mulher!

Nada mais natural — dirá o leitor.

Olhou-a, ella olhou-o e retirou-se. Tinha encontrado o ramo de Sybilla! Frequentando aquelles sitios a miudo, via sempre a nayade, e tantas vezes se viram que se amaram. Por fim visitava-a todos os dias, e ella lá estava sempre, no seu posto. Um dia porem, a nympha não lhe appareceu. Retirou-se a casa, e deitou-se, com a firme tenção de ir no dia seguinte; foi, e não a viu! Passaram-se mezes, e o regato corria da mesma forma,—mais triste só — as margens eram ledas como outr'ora, mas a deusa não contemplava a corrente como era costume. Tinha desapparecido! Então o poeta tornou-se scismatico, e ia esconder-se, nos ermos mais solitarios, para desaffogar das suas magoas. Ahi é que elle era sublime e grande; ahi é que elle era poeta. Quem o quizesse admirar, era embrenhar-se por entre as cepas ramalhudas dos vallados, e contemplal-o

silenciosamente, quando estava immerso nas suas intimas cogitações. De espaço a espaço, erguia a fronte de repente, como se acordasse d'um somno leve, e fitando as verduras que o rodeavam, murmurava com voz triste: «Annalia? Annalia?... Quem te arrebatou dos meus olhos?» — suspirava elle com a voz queixosa do homem, ou antes do poeta profundamente apaixonado pela visão que lhe levou uma nuvem procelosa. Quem era essa Annalia, leitor? Que segredos existiriam entre o poeta e a possuidora d'um nome que tanto o impressionava, e lhe vibrava tão meigo e saudoso, nas fibras mais intimas da alma de poeta? Não sabes, leitor amigo e condescendente?!... Era aquella, a quem elle, tencionava dar a colhêr os seus affagos d'amante apaixonado! e... Perdão leitor ou leitora! a penna ás vezes enlouquece, e escorrega... A nympha não appareceu mais. O poeta continuou a frequentar as aulas e fez tantos versos que se esqueceu do amor; continuou a amar, mas os seus amores antigos, seus paes, seu tio, seus livros, seus poetas e seus amigos: — «Fiz versos como um desalmado,» — diz elle na introducção d'uma de suas obras. Comprehende-se aqui que versos são infaliveis para serenar as sezões amorosas. Eu por mim não sei;

tenho feito os meus versinhos medidos a compasso, mas sem amor, até já fabriquei um folheto d'elles uma noite para distribuir pela manhã, como ouvi dizer ainda ha pouco tempo, a um distincto escriptor. «Que a litteratura de hoje, se faz de noite para vender pela manhã»

Mas vamos ao assumpto principal.

Por esta occasião escreveu Garrett uma satyra ao desalmado critico José Agostinho de Macedo que era um dos seus maiores inimigos. Essa composição anda agora juncta ás *Folhas Caidas*, e algumas fabulas e contos tambem d'esse tempo. Começando o poeta a roçar nos vinte annos, recebeu um golpe mais fatal e fundo do que a sua Annalia lhe deixára no coração que logo sarou passados alguns dias de dilirio poetico, poetico só, já se sabe. Sentiu entrar n'aquelle peito generoso e sensivel, um ferro sangrante, que não o prostrando por terra, avivou-lhe grandemente as lavas da imaginação, e forneceu-lhe uma divina inspiração, para revellar mais vantajosamente, quanto podia o estro que o queimava. Era um assumpto grandioso, e digno de ser aproveitado por aquelle talento singular, que não hesitava para avançar alem das regras de Couto Guerreiro, nos edificios metricos, que nos deixaram no mes-

mo ponto em que esperavamos um mestre para ensinar a fazer boa poesia ou canora ao menos, porque diz Vigny, no seu drama Chatterton, que para o poeta não ha mestre, é a immensidão que a nossa vista abrange. Então Garrett influido por seus amigos e mestres, que lhe haviam laureado a lyra enternecedora, resolveu-se a dar amplo desenvolvimento a esse facto que feriu subita e profundamente, a universidade e os conimbricenses, e rasgou o sendal com que occultava a lyra aos olhos enrugosos de muitos doutoraços antigos que se jactavam de estar em estreita convivencia com as musas patrias, mas que finalmente mostravam-se pescadores de termos pomposos, e gamelladas philosophicas, como dizia, creio que o veneravel padre Sancto Agostinho. O estro de Garrett, rebentou então em torrentes impetuosas do limbo em que jazera ignorado por muitos, e desferiu com estranha inergia, as cordas da sua alma, que desillusões mundanas ainda não tinham estallado;—esses vermes roedores que tão cêdo começam a germinar nos mancebos, principalmente n'aquelles que, creanças ainda, se sentem queimados pelo fogo dos sentidos e attrahidos pelo iman feminino, na meza d'orgia, ou perdidos no vortice da extrema dissolução, que faz bra-

mir o organismo, e entontece, quando não amputa complectamente os voadoiros que tentam leval-os ao supremo engrandecimento. João Baptista amara, e amava ainda, mas não os bordeis do vicio que queimam, ensandecem, e mattam alma e espirito. Amava com a influencia de joven e de poeta, porque onde não ha amor não ha poesia, como disse algures, não sei que pensador ou philosopho.

O assumpto fôra a morte rapida e sentidissima d'um cathedratico da universidade, que fôra sempre amado e respeitado com veneração pelos numerosos alumnos que estudavam aquella faculdade em que Garrett se alistára, e fizera já espantosos progressos. O incansavel poeta ergueu-se cheio de enthusiasmo, e inspiração, e subindo ligeiro aos apraziveis outeiros do seu Helicon, embalado por essa viração embalsamada de poesia, modulou uma elegia, ou nenia funebre que encheu de pranto e gratidão a todos os academicos que lh'a ouviram recitar com toda a sua cadencia d'alma. Todos os amigos do fallecido lente abraçaram o discipulo que cantava tão sublimemente a saudade que lhes despertára a falta do mestre. Esta producção do nosso esperançoso poeta, revellava sufficientemente a bondade

que manára sempre na alma do erudito e prudente magistrado.

Poucos dias depois, abraçado a Eschylo, escreveu uma tragedia em cinco actos, que encerrava algumas coisas boas, e que se representou pelos amigos que o influiram para a pôr em scena. Garrett não foi muito feliz na representação, mas os que a conheciam, e amavam a poesia pediam-lhe copias, e por fim aquasi que a sabiam de cór. Escrevendo tambem na mesma epoca, a sua *Lucrecia*, tragedia ainda de mais subido merito, que tambem não saiu á luz da publicidade como a ultima, pela muita modestia do auctor, ficou o poeta gosando na academia de uma tão subida reputação poetica, como nenhum dos seus companheiros foi capaz de alcançar, não obstante os grandes exforços que fizeram. Os estudantes mais instruidos andavam sempre a pedir-lhe que repetisse a leitura d'esta ultima, porque diziam que sempre que a ouviam lhe encontravam grandes novidades.

Elogios, e amigos das lettras não lhe faltaram por essa occasião, e a par d'estes laureis que tanto merecia, e tão bem lhe ficavam n'aquella fronte soberba, soffreu tambem as successivas impertinencias da grande republica que principiava a dirigir a palavra ás musas, mas das quaes colhia mal

articuladas respostas. Entre esses fabricantes de regrinhas desiguaes como lhe chama o sr. Castilho, que molestavam impiamente Almeida Garrett, contavam-se alguns que davam esperanças de fabricar mais tarde alguns versos soffriveis, como José Frederico Pereira Marrecos estudante de Jurisprudencia, José Maria Grande, estudante de medicina que veio a ser soffrivel orador parlamentar, o padre Emygdio, e muitos outros que viam em Garrett um ente para occupar mais tarde o distincto logar que ficára vago pela morte agonisante do desditoso Camões, que expirara abraçado ao leal escravo da ilha de Java, e baixara á morada commum, olvidado de todos os portuguezes ingratos, a quem legara a maior maravilha poetica que se tem visto no reino das noventa leguas, e talvez em toda a Europa, um genio para contar em melodiosos versos, as vicissitudes que o esperavam, qual outro Fernão Mendes Pinto as contara em elegante prosa. Passados alguns mezes, depois d'este acontecimento luctuoso, achou-se o poeta muito doente, e recolheu-se a casa.

Achando-se melhor, e voltando a frequentar pelo meiado de 1820 as aulas, ainda não complectamente restabelecido, continuou com as suas tarefas litterarias, com crescente admiração dos seus

collegas no anno, e mesmo dos lentes da universidade.

Por esse tempo entregou-se a uma composição que eu julgo sufficiente, para se chamar desassombradamente poeta a quem a fizesse. Mas não poeta só quanto á arte ou elegancia, poeta de coração e alma! Foi uma ode admiravel ao triumpho da liberdade nos fins de 1820, que recitou em geraes, na sala dos actos grandes da universidade, em que exclama para o numeroso auditorio com aquelle puro amor da patria sasonado com os reflexos das chronicas romanas, onde viajara attento e vira revellados os premios com que baixaram ao regelo do sepulchro os pugnadores da liberdade:

«Ergo tardia vóz, mas ergo-a livre
«Ante vós, ante os céos, ante o universo,
«Se os céos, se o mundo, minha voz ouvirem!»

E depois de communicar aos ouvintes extasiados, as suas sympathicas e nobres ideias, as crenças e anceios que alimentava, prosegue com o

mais fundo sentimento, que póde existir nos seios de uma alma generosa e sensivel:

«Não posso tanto ; não me atrevo ó socios,
«Mas tenho um coração que é Lusitano,
«Mas tenho um coração que é livre, é de homem.
«Livres como elle, minha voz meu brado,
«O que a alma sente, vos espalhe n'alma
« E o grito da razão troveje ao mundo!
«Livre! Ah! livre um portuguez foi sempre.
«Sim: que essa infame sordida caterva,
«Esse rebanho vil de vis escravos,
«Que ao sceptro da ignorancia insensam curvos,
«Esses... esses oh! Lusa academia,
«Do nome portuguez, vergonha opprobrio,
«Portuguezes não são, jámais o foram.»

Não é esta uma grandiosa concepção d'um adorador da terra em que nasceu? Quem deixará de amar o poeta que arranca do peito violado pela doença, tão sublimes estrophes que deleitam com melodia, enthusiasmam, exaltam com sua ideia firmada sobre a verdade, e que são capazes de

despertar o amor pela liberdade ao maior despota do mundo? Quem?!... Quem terá animo para negar um monumento glorioso a quem descarrega uma trovoada d'estas, sobre esses monstros vis e sedentos do despotico governo? Quem se não curvará diante d'um apostolo tão leal, da sancta causa liberal?

Tão alto brado de puro patriotismo, deve ficar gravado ecternamente nos corações dos homens liberaes que o escutaram, para que o repitam diante de todos os que se presam de ser filhos d'esta abençoada terra de Portugal. Um poeta assim, merecia aquasi, as palavras com que o meu querido Palmeirim festejou o cantor dos grandes feitos da Lusitania antiga:

«Era um astro fulgurante,
«Era um poeta gigante
«Tinha mais alma que o Dante
«Contava com mais amor!»

Eu se tivesse ideias de ser um dia poeta, e resolvesse evocar tal genio n'um verso, parece-me que diria proximamente:

Oh! que risonhas esp'ranças
Dava Garrett na lyra!
Quem não ama tal poeta?
Quem por elle não suspira?

Quem n'uma idade d'aquellas
Erguera tão alto brado?
Quem ouvindo-lhe a voz meiga
Não se sente enthusiasmado?!

Quem tão poeta nascera
Como o cantor de Camões?...
Quem sob as plagas do exilio
Soffrera tantos baldões?

Quem tanto se resignara
Ante as agras decepções?
Quem fôra tão laureado
Pelas mais cultas nações?

Só Camões ergueu mais alto
O seu ecco sublimado.
Nenhum genio Lusitano
Cantara tão inspirado!

Mas surge alfim um gigante
Contando-lhe a negra sorte,
O que em vida lhe negaram,
Deu-lh'o Garrett na morte!

Nenhum poeta além d'elle,
Como Garrett cantou:
Nenhum poeta mais nobre
Nenhum mais alto voou!

E que tal? não me ia esquecendo da prosa em que me embrenhei entrando por esta selva enredada! Mas já volto a ella, apesar de me ser muito ingrata, pondo-me barreiras, e mostrando-me precipicios que fariam tremer genios mais animosos do que eu. Em seguida ás tragedias *Xerxes* e *Lucrecia* escreveu Almeida Garrett uma terceira, a *Merope* que principiara em 1819, obra que revella já mais vasta erudição, do que empregara nas mais, muito engenho, e fecunda imaginação; cujas qualidades essenciaes hão de collocal-a,—se acaso ainda não a collocaram,—ao lado dos seus bons poemas. Tem scenas de grande merecimento litterario e effeito dramatico, mas não foi nunca representada em consequencia

de o auctor começar por esse tempo a atolar-se na politica com seus companheiros da academia, que lhe punham em scena as suas composições.

Esta peça dedicou-a Garrett a sua mãe por ser uma das primeiras obras de mais vulto que saiu da sua penna de creança. Se não tivesse tão apagada a reminiscencia que d'ella me ficou dava uma amostra ao leitor, mas como não a tenho agora aqui á mão, deixo ficar aqui a minha humilde apreciação, e mais adiante me occuparei d'esta peça e da sua publicação.

. . . . . Em prol da patria
Uns obramos c'oa espada; cumpre a outros
C'oa penna honral-a.

(GARRETT.—*Camões*).

III

Havia pouco tempo que o poeta acabara de dar os ultimos traços n'esta ultima obra, e já começava a ferir com seu cinzel aguçado, uma pedra tosca que arrancara em idade mais verde á borda d'um rio, para formar d'ella uma estatua em que tivesse o retracto d'uma deusa que lhe vivera no coração! Era o *Retracto de Venus*, poema didactico-social, e que me parece referir-se áquella divindade que elle baptisou com o poeti-

co nome d'Annalia. N'esta obra, o poeta parecia ter desejos de revellar ao leitor que amava já d'outra forma que não a primitiva. Parece que perdendo aquella que amara com o lyrismo de poeta e joven, se envolvera logo no manto da dissolução, olvidando o amor virtuoso. Desenvolve ali ideias tão attrevidamente luxuriosas, que me obrigam a negar o que disse d'elle no capitulo precedente — «Garrett amava... amava; mas não os bordeis do vicio, que queimam, ensandecem e mattam alma e espirito.»

Não o lembro como modelo de virtude para as pessoas essencialmente honestas, porque isso era dizer o que não sinto, mas como uma bella obra d'arte, e do grande conhecimento que o auctor mostra da pintura, é digno de ser lido por todos. E mesmo ainda que não tivesse esta ultima boa qualidade, nada podia adulterar a honestidade das leitoras, porque quem é bom, querendo, nunca será máo. A propria fogueira não estende a lingua para lamber a estopa, sem que um sopro de vento a incline, ou crepite a lenha, e arremesse uma brasa sobre a materia que se inflama. Por isso não se deixe a leitora açoutar por mao vento e leia este poema. É uma imagem lindissima e bem esculpturada, mas o que

a desfeia horrivelmente são os vestidos extremamente curtos com que se adorna, para se apresentar aos olhos pudicos da sociedade innocente... que quer livros onde hajam exemplos de moral, e não ideias que inflamam o espirito e os sentidos. A phrase é inergica, sem sombras de affectação, e empregada com elegancia e magnifica propriedade, mas a liberdade que Garrett deu ao bico da penna, que a derramou sobre o papel raspou-lhe em parte essa belleza, e salpicou-a com o absyntho da mais devassa impudicicia, e audaciosa sensualidade. Gravitam ás vezes ali pensamentos, que fariam mover com impeto o bruto que Camões disse que a nada se movia. O auctor apresenta a Vénus dos seus sonhos, a Vénus pagã em trajos curtos, n'aquella languidez perdida que provoca o homem, transporta-o do campo da virtude, ás regiões do mais arraigado sensualismo, e o faz arder em desejos de barregão, por que

«Em quanto nas lidadas officinas,
«Forjando o raio vingador dos numes,
«Vive o coxo marido sem receios,
«Já deslembrado da traidora rede,

«Do Cynereu mancebo entre os abraços
«Jáz a esposa gentil ennamorada,
«Nas languidas pupilas lhe transluze,
«O prazer divinal que a opprime e anceia,
«Nos enflamados beijos, nas caricias,
«No palpitar do seio voluptuoso,
«No lascivo apertar dos braços niveos,
«Nos olhos em que a luz quasi se extingue
«Na interrompida vóz que balbucia,
«Nos derradeiros ais que desfalecem...
«Quem do prazer não reconhece a deusa
«No excesso do prazer quasi expirando?
«Sorri-lhe ao lado o filho de travesso,
«E d'entre o myrtho as candidas pombinhas
«C'o estremecido arrulho a dona imitam.
«Ah! se o gosto supremo a um deus não peja,
«Porque mesquinhas leis nos vedam barbaras
«Tão suave peccar, doce delicto,
«Antes virtude que a natura ensina.»

N'este e em muitos mais ponctos, tem Garrett muita e muito boa rasão, e julgo que tem todo o mundo a seu favor por que a natureza manda que se toquem os dois generos da humana cons-

trucção, para que progridam as gerações, e não se apartem disolvendo a amizade que é indispensavel no mundo. Continua o poeta:

«D'est'arte as breves horas decorriam
«Aos alheados fervidos amantes,
«E vezes trez rotara o disco argenteo
«Trivia gentil, sem que no Olympio ou Lemnos
«A esposa de Vulcano apparecesse.

«Já na etherea mansão vagos juizos
«Maliciosa forma, a inveja, a intriga
«E sorriso maligno ás deusas todas
«Do marido infeliz incita o fado,
«. . . . . .
E em busca da infiel vagueia o mundo.
«. . . . . .
Tal é paixão zelosa o teu imperio!»

Vou voltar os olhos outra vez para traz, a ver o que encontro que melhor ligue com a finda citação.

«Mas quanto é bello, é grato o vencimento,
«Se á dôr suave do pungir fagueiro,
«Da ferida se encontra amigo balsamo,
«E nos olhos da linda vencedora,
«Do ardimento o perdão, brando se acolhe!
«Tu Marte, o dize o Cypreo, o moço o Teucro;
«E vós que ousaes na terra imitar numes,
«Que do summo prazer rompendo arcanos
«N'um momento gozaes da eternidade.»

No fim do poema, indica viver de novo com Annalia, em Annalia, ou que ella vivia em seu coração de poeta apaixonado, por que diz:

. . . . . .
«. . . . . quando natura se empenhara
«Em dar-te ao mundo, carinhosa Annalia
«Um, e um copiou meigos encantos,
«Que, ó minha Venus, te compõem te adornam;
«Ali olhos no quadro; os teus formosos
«Estremada rasgou; ali as faces
«De neve, e rosas, coloriu divinas;
«Foi anninhar-se amor, te abriu mimosa;

«Ali o collo d'alabastro puro;
«Os lacteos pomos que devoram beijos,
«Do faminto amador; lisas columnas,
«Que sustentam avaras mil segredos;
«Segredos que... Perdoa: eis-me calado

«Volve a meus versos compassiva amante,
«Benignos olhos, para ti voando,
«Da critica mordaz censuras fogem;
«Se accolheres o rude offertamento
«Serão meus versos como tu divinos.»

O resto do poema, quero dizer a parte que fica por citar, que é quasi todo, é cosinhado com temperos d'este genero, mais ou menos apimentados ou insulsos isso nada adianta ou atraza.

Venus, ou Annalia, a deusa que inspirou o poeta, occupa ali o centro do quadro n'uma posição provocadora e sublime, e em volta d'ella estão os melhores pintores, cujos nomes Garrett conheceu, debuxando em suas telas aquellas formas seductoras da estatuaria trabalhada pelo Creador do mixto terrestre e celestial. As admiraveis fórmas d'aquella imagem profana, dominadora dos sentidos do homem, e com especialidade do ho-

mem material, tangem as finas palhetas dos pintores que a cercam, nos quaes o poeta mette só o amor carnal, empregnado de materialismo e depravação de costumes, com seus affectos desmedidamente devassos. Façamos justiça ao poeta: se n'este livro existe uma parte que ultrapassa os limites da chamada decencia, abrange por outra uma face moral, que nos faz esquecer o turbilhão d'ideias que primeiro experimentamos, das mundanidades desordenadas, e instruenos sobre a existencia de homens que ignoravamos pela maior parte, em que epocas floresceram, e qual a sua procedencia. Este poema foi publicado entre os annos de 1820-21 pela antiga livraria Orcel de Coimbra, e foi recebido por conhecidos e amigos do poeta com muitos applausos, e parece-me que ainda mais pelos editores, porque era procurado com summa influencia.

Vulgada desde logo por pertos e longes a existencia do poema phenomeno, começaram varios invejosos a fazer uma guerra medonha a Garrett. Os padres foram segundo me consta, os seus maiores verdugos. Empunharam o azorrague da maledicencia, e com a inveja a ferver no cerebro, pretenderam leval-o ao maior rastejamento. En-

tre esses invejosos, que não sentiam forças para se igualarem ao auctor do *Retracto de Venus*, extremava-se o vulto d'esse padre talentuoso, e mordaz — Jose Agostinho de Macedo, que com estas e outras rivalidades, perdeu a reputação que o seu profundo estudo lhe podia grangear. Garrett conservou-se calado ante esses brados modulados pela inveja dos detractores, que o calumniavam. Deixou-os blasphemar, e guardou o silencio que se requer para homens como os que o dipprimiam, mostrando-lhes assim o pouco caso que fazia de taes invectivas. Vendo elles que nada podiam conseguir com suas accusações estupidas, deram-lhe fim, mas protestando começar de novo a empresa, e fazel-o descer da altura que tinha vingado com os seus voos altaneiros. Regressando a Portugal o Cardeal Patriarcha D. Carlos da Cunha, que fôra desterrado por se ter recusado a jurar, e dar azas á constituição de 1820, e sendo-lhe apresentado o livro, para o examinar, juncto com varios juizos criticos d'aquelles que o haviam rebaixado, D. Carlos condemnou o auctor, e prohibiu logo a venda do poema com pena d'excommunhão maior. Esta condemnação foi um grito d'alarma para despertar aquelles que ainda não conheciam o livro de

Garrett, porque se esgotou desde logo a edição apesar de se vender em segredo. Os ultimos exemplares venderam-se por um preço excessivamente subido, e por fim haviam individuos, que offerèciam dois e tres mil reis por elle, e mesmo assim não conseguiam obtel-o. Mas porque se exgotou tão repentinamente essa obra que foi tão calumniada pelos Quixotes coimbrões e Menippes provincianos? perguntará o leitor d'estas memorias que me encarreguei de publicar? Sabes porque leitor?! Porque era o fructo prohibido, e os animaesinhos que inçam este amalgama de rivalidades, são todos descendentes d'aquella habitante do Paraizo companheira d'Adão, que cubiçou os taes pomos do Eden, onde penetrára a serpente sua irmã e companheira, para tental-a a diliciar tambem o paladar de Adão. O fructo prohibido foi sempre cubiçado, e será em todas as gerações que sobrevierem aos nossos dias. Esta condemnação que o Cardeal Patriarcha carregou sobre Garrett, não o abalou nada, porque se riu quando soube tal novidade! Tractaram de lavrar o processo, formado sobre a lei da liberdade d'imprensa, e pouco depois remetteram-n'o para Lisboa. Garrett, partiu logo para a capital, sem o minimo susto, resolvido a deffender-

se das garras da justiça, e refutar as arguições parvas e quasi injustas, que lhe haviam feito os seus inimigos e invejosos, sobre o assumpto do poema, e seu desenfreamento d'estyllo. Parecenos que depois que se estabelleceu em Portugal, a liberdade d'imprensa, foi esta a primeira obra que soffreu prohibição, e este caso, tornou-se logo tão notòrio em quasi todo o paiz, que chamou a Lisboa os homens que avultavam mais na republica litteraria. Por esta epoca, já Garrett possuia a carta de bacharel da universidade, e parece que este acto a que elle ia assistir, lhe era decretado pela Providencia, para alcançar uma nova coroa de louros, alem da de poeta, que todos lhe davam pelos seus brados altivos, — a coroa d'orador, porque se lhe proporcionava uma bella occasião para revellar aos portuguezes, esse grande dote, punindo pelos seus proprios direitos. Chegando o dia do julgamento, apresentou-se João Baptista no tribunal competente perante o conselho de jurados; e perguntando-lhe á hora extrema pelo seu advogado de deffeza, mudo e jovial, respondeu — que o advogado melhor para o *reu* que não teme, era o mesmo reu. Esta resposta foi recebida pelos circumstantes, como a affirmação de existir no *reu* uma força

maior. Preparado tudo, e chegando o instante de começar o julgamento, ergueu-se o poeta, encarou firme, juizes e jurados, e começou a deffender-se com tão moderada prudencia, e fogoso enthusiasmo, que deixou extacticos e enternecidos os seus julgadores, e a sala expessa d'ouvintes, que ali affluira para ver aquelle julgamento de novo genero.

Á vista de tão eloquente e desataviada oração foi logo o *reu* absolvido, e abraçado com dilirio pelos homens que gosavam então os melhores postos na litteratura, que tinham comparecido no tribunal, para depôrem as suas plenas ideias a favor do poeta nascente. Entre esses padrinhos que foram assistir ao duello travado entre o joven Garrett e o conselho de jurados, achava-se Pato Moniz, um dos mais aguerridos e conspicuos deffensores dos talentos que soffriam a pedrada traiçoeira dos desalmados e maldizentes.

Todos os homens prudentes que escutaram o poeta, lhe louvaram o procedimento, e dirigiram-lhe palavras tão bondosas e sinceras, que lhe affiançavam mais tarde, um lugar distincto na tribuna portugueza. Por esta occasião, Outubro de 1821, (1) estabeleceu o poeta a sua residen-

(1) Veja-se a nota no fim.

cia definitiva em Lisboa, e começou logo a afundar-se nas fomentações politicas, que tinham ramificações em todos os pontos do reino. N'esta epoca acclamava-se a liberdade por toda a parte, em baixas e altas vozes, e Garrett, sempre amante apaixonado d'essa mãe d'opprimidos, d'essa rainha laureada do mundo, ergueu quanto podia a voz de filho leal, e os voos do pensamento para que ella florecesse sem ser tocada pelo sopro maligno do despotismo que pretendia calcal-a impiamente, para não mais a ver erguida.

Foi então que o poeta delineou com a sua penna explendida, o seu admiravel *Catão*, e o concluiu em poucos dias a pedido d'alguns seus amigos e varias pessoas illustres, até desconhecidas, que souberam a grandiosa tragedia que promettiam as primeiras scenas, que o auctor recitára n'uma reunião familiar. Foi tal o enthusiasmo com que essas pessoas acolheram a ideia liberal de Garrett, que segundo elle mesmo affirma no prefacio, nem lhe deixaram tempo para o expurgar de rebentos pêccos e infezados, cujo nascimento nenhum escriptor evita por muito perfeito que seja, e lh'o foram arrancando d'entre mãos, á maneira que elle o escrevia. Emquanto elle esboçava um acto ensaiava-se o precedente no meio

do vivo enthusiasmo dos assistentes que eram numerosos. O mesmo succedeu ha alguns annos ao saudoso e grato discipulo do poeta, o sr. Gomes d'Amorim, com o chorado actor Epiphanio Aniceto Gonçalves quando escrevia a sua peça melodramatica intitulada *Figados de Tigre* que o illustre coripheu da scena portugueza ensaiou pelo primeiro borrão que o poeta minhoto tinha feito, diz elle, que *por brincadeira*, mas apesar d'isso o melodrama galhofeiro do protegido de Garrett, teve bastantes representações, e foi redondamente applaudido no theatro de D. Maria II, durante o carnaval de 1857.

Mas voltemos ao *Catão* e a seu auctor.

N'esta composição tão perfeita quão desejada, esmerou-se Garrett com tanto cuidado e paixão, nas ideias que desenvolve, puramente liberaes e um tanto amarradas aos acontecimentos que se davam n'esse tempo em Portugal, que depois de a ver representar pela sociedade de curiosos que se propoz a isso no antigo theatro do Bairro-alto, em Novembro de 1821, ainda lhe corrigiu, alguns defeitos de pouca monta, que lhe encontrou e coheceu que podia fazer melhores essas situações. É uma concepção maravilhosa, esta tragedia do amante de Annalia! Como é tocante e commove-

dora esta scena de Catão ferindo-se mortalmente em Utica, quando sente as passadas do depravado Decio, subdito de Julio Cesar, e proferindo estas palavras, ao baquear em terra com o golpe fatal!

«Oh! Roma, oh! Roma! oh! minha patria!
«Já não ha mais que a vida,—eil-a, recebe-a:
«Vamos ao menos junctos ao sepulcro!...»

Quem seria capaz de a crear mais bella e apaixonada do que o coração nobre e liberal do grande Garrett? Que paixão tão vehemente alimentava elle pela liberdade, quando mandou proferir estas palavras por Marco-Bruto, na scena primeira do primeiro acto:

«Sei tudo:—e tudo n'alma tenho impresso
«Em fogo,—que incessante m'a devora,
«Mas ao peso da sorte inda não curvo:
«Tenho no peito coração romano;
«E emquanto a espada do tyranno Cesar
«M'o não souber varar, não cedo a Cesar.

E a falla de Manlio na segunda scena do segundo acto! Que jacto tão admiravel de inspiração, verteu ali o inspirado poeta!

«A minha vóz Catão, tu bem o sabes;
«A minha vóz o meu sincero empenho,
«Todo o meu coração é pela patria
«É pela liberdade. Ah! este braço
«Que ora treme de velho, já foi rijo
«E pelejou por ella.—Mario Sylla,
«Catilina me viram sempre á frente
«De seus mais resolutos inimigos.
«Esta lingua que mal hoje articula
«Ineloquentes sons, já deu mais forte
«Brado na curia; nem se ouviu meu brado
«N'outra causa senão da liberdade.
«É tremula hoje a voz, tremulo o braço
«Mas em Pharsalia não tremiam... Padres
«Desculpae, perdoae,—um derradeiro
«Lampejar de decrepita vaidade...
Que fiz eu? o que todos vós fizestes.
«. . . . . .
«Poucos dias de vida enferma inutil,
«Que me sobram na terra, é sacrificio
«De preço vil e abjecto. Orphão de prole

«Só, deixado n'um ermo ao pé da campa
«Que hostia sou eu para o altar da patria?
«Serve assim mesmo o sacrificio? Prompto
«Aqui está todo o sangue: pouco, frio,
«Sem vida é já, mas de vontade; e facil
«Hade deixar as congelladas veias.
«. . . . . .
«Não pereçaes em sacrificio inutil
«Vossos dias,—e os teus, gloria de Roma
«Explendor derradeiro de seu nome,
«Catão, esses teus dias preciosos
«Oh! não os barateieis tão sem fructo!
«Cesar téme, respeita essas virtudes
«Que adornam o mais digno dos romanos.
«Tu podes ainda ser o amparo, o abrigo
«Da abandonada patria. A liberdade
«Acabou; mas seus filhos desherdados
«Foragidos, caçados como feras
«Do monte a casa, e do povoado ao monte,
«Has de desamparal-os, quando podes
«Alliviar-lhe as penas, protegel-os
«Ser-lhe pae? Oh! não posso mais... succumbe.
«O coração tão velho, á magoa, ao...»

E aqui Manlio, sem forças para continuar, e concluir, senta-se, e dá logar ao nobre Catão que

ò escuta, e que atando o fio d'esta falla ao fio da sua, prosegue:

. . . . . «Nobre
«Coração é o teu—e generoso,
«Que as nobres qualidades d'élle emprestas
«A qnem não sabe, nunca soube a tempera
«De que taes corações são fabricados.
«Cesar não tem mais sentimentos n'alma
«Que um só—desejo de poder. D'affectos,
«De paixões de homem, uma só lhe absorve
«As outras todas—ambição

São bellas sublimes e grandiosas, todas as scenas d'este rico thesouro dramatico-poetico, que abrange certamente um dos melhores episodios da historia de Roma antiga. Respira-se sempre n'esta composição de grande valor, o amor puro, inalteravel, e immaculado pela liberdade. Que situações! Que pureza de lingoagem, e que estyllo tão primoroso, e immutavel! Shakspeare, Maffei, Alfieri, e Voltaire não as crearíam melhores apesar de serem apregoados, como os melho-

res tragicos modernos. Este drama, depois de numerosas representações seguidas, foi impresso em Lisboa em 1822, acompanhado da pequena farça do auctor, intitulada: *Corcunda por Amor* que mais tarde foi deitada fóra da colecção das obras complectas, não sei porque motivo; talvez fosse para metter em seu lugar as muitas paginas de introducções e notas, que o poeta reuniu ás edições que se seguiram. N'este tempo era Garrett official da secretaria d'estado dos negocios do reino, em companhia dos seus particulares amigos Paulo Midosi, Rodrigo da Fonseca Magalhães, e Andre Joaquim Ramalho, lugares que alcançaram em consequencia de se terem envolvido nos principios politicos do anno de 1820.

Na mesma occasião que entrou no prelo a primeira edição do *Catão*, mandou o poeta imprimir tambem a *Oração funebre* de Manuel Fernandes Thomaz, juncta com uma miscelanea de poesias e discursos funebres recitados na sociedade *Litteraria e Patriotica*, para mostrar o grande sentimento dos portuguezes, pela morte d'esse gigante orador que Portugal perdera havia pouco tempo. Na mesma epoca tambem se publicava em Lisboa um jornal intitulado o *Toucador*, sob a direcção de Garrett, e d'outros litteratos distin-

ctos d'esse tempo. Consta que sairam poucos numeros d'essa publicação, e que são hoje muito raras as colecções.

Assim ia vivendo o poeta do *Catão* e do *Retrato* entregue ás suas queridas producções, rodeado dos seus melhores amigos, no goso d'uma quasi perfeita tranquilidade d'espirito, — porque serenidade perfeita e felicidade perpetua é muito raro encontrar-se — mas essa mesma porção de ventura perdeu-a por um acontecimento bem conhecido. Vindo alojar-se em Portugal, pela malfadada reacção de 1823, o avaro, estupido, detestavel e abjecto poder do absolutismo, e fazendo Garrett todas as diligencias possiveis, e ás vezes quasi impossiveis para que todos os bons portuguezes reagissem, e combatessem a par de si contra o poder immenso d'esse depravado governo, foi mal succedido nos seus intentos ainda que dominados pelo coração, e sustentados algum tempo com dolorosas fadigas.

Baqueando a constituição com o peso bruto e desmedido d'aquelle vasto pinhal de tyrannos, foi Garrett exonerado do emprego que gosava desde 12 d'Agosto de 1822, e soffreu junctamente uma perseguição carniceira, e ordem de se ausentar de Portugal, sob pena de pagar por alto

preço a ousadia de arremetter com um partido, que regado pelos detestaveis Caligulas modernos, (1) se enraizára profundamente n'esta nossa abençoada terra, digna de melhor sorte. O poeta guardou silencio por algum tempo, sem fazer maior caso dos rugidos que revoavam por toda a parte, e acolheu-se a lugar seguro, esperando que serenassem os animos d'essa cohorte vil que o perseguia, e a tantos que partilhavam as mesmas ideias.

Muitos d'estes ultimos já erravam em Inglaterra por esse tempo, abrigados com doceis de nevoeiro, e com poucos meios de subsistencia: alguns viviam debaixo da protecção dos nobres portuguezes felizes, que ali viviam para não verem a miseria que ia na patria, nem ouvirem os gemidos de seus irmãos. Outros agachavam-se nas cidades principaes da França, para conservarem ao menos as vidas, já que haviam perdido as esperanças de salvar a patria.

(1) Veja-se a nota no fim.

. . . . . D'indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchaval
Em vão clamei, minhas verdades duras
Molle ouvido os tyrannos offenderam.
Puniu desterro injusto a minha audacia.

(Garrett.—*Camões*)

IV

Chegando o mez de Junho de 1823, e não cessando as cruas perseguições aos apostolos da liberdade, o poeta resignou-se a soffrer os espinhos do desterro, e com os olhos ensopados em lagrimas não sei se de raiva, se de paixão por lhe roubarem tão indignamente o seu ninho patrio resolveu-se a emigrar. Aconselhando-o os seus amigos a que não deixasse a patria, respondeu que preferia acceitar o nome de mendigo nas estradas do exilo, implorando o sustento escasso,

ou morrer á mingua n'essas plagas remotas, do que recostar-se em alcaçares reaes, curvado a um governo que abertamente detestava. Que, ou havia de viver livre em sua patria, ou jamais imprimiria n'ella, a mais leve pégada. Aquelles que o amavam, e não sentiam animo para o ver sair as agoas do Tejo, insistiram ainda com elle, para que se conservasse no paiz porque possuia um braço inergico, e uma voz eloquente, que podiam contribuir para o arrancar das garras despoticas; mas o joven tribuno, era tão constante em suas ideias e resoluções, que não obedeceu a nenhum d'esses pedidos, e emprehendeu a sua viagem a Inglaterra. Pouco depois chegou a Londres cheio de resignação ante os agros vais-vens da sorte, e foi visitar alguns seus irmãos do infortunio que se agachavam nas margens do largo Tamiza. Visitando em seguida varias ilhas brittannicas e alguns povoados mais dignos d'admiração, voltou á capital dos inglezes, e ahi residiu juncto dos seus patricios até Fevereiro de 1824.

Publicava-se então ali um jornal portuguez, debaixo da direcção dos emigrados, intitulado o *Popular*, e Garrett em quanto lá esteve escreveu alguns artigos que sairam á luz n'esse orgam portuguez.

Em Março resolveu-se a deixar o Tamiza, e substituil-o pelo Sena, e logo embarcou só, sem nenhum amigo por companheiro de viagem, para França onde chegou em Abril, e foi fixar a sua residencia no Havre de Graça juncto com varios portuguezes que ali se tinham refugiado. N'esta ultima cidade, aos sons dos marulhos do filho de *São Seine*, e refrescado pela viração do *Sena inferior*, foi que elle começou a escrever o seu *Camões* no dia 13 de Maio. Durante a sua curta estabilidade n'aquella paragem, até Agosto do mesmo anno, foi muitas vezes visitar o cabo de Normandia e Ruão, capital d'aquelle departamento, onde ao lado d'outros portuguezes seus amigos, tambem infelizes e proscriptos como elle, passou algumas horas felizes recitando contente os seus queridos versos, com que se esquecia das suas desgraças e de seus conterraneos, e das calamidades que assolavam a patria, que o faziam andar errante, por climas longinquos, e a tantos seus companheiros, que haviam enrouquecido tambem como elle gritando em prol do governo liberal, que esbarrara no charco infesto que fabricára o fallaz despotismo. Ali e no Havre, foi que elle deu os melhores traços n'aquelle poema precioso e quasi incomparavel; naquella metropoli de tudo que

existe grande, são, sublime, e portuguez de lei; n'aquella elegia immensuravel inçada de riquezas, que é capaz de fazer poeta o ente mais enfezado e prosaico que Deus tirou da argilla,—a que sellou no rosto o nome egregio de *Camões*! Camões!! o talento monstruoso que encheu de espanto e admiração os maiores gigantes do universo, e fez tremer os palmares d'aquem e alem Ganges com os reflexos fulminantes do astro que lhe ardia nos seios, e que depois se apagou lentamente, assombrado pela indifferença de seus irmãos do berço! Camões!!—que admiravel epopêa existe sob este nome tão digno de respeito! Se o sr. Alexandre Herculano recebeu, e gosa ainda a gloria d'inimitavel, creando *Eurico*, esse romance-poema ou poema-romance, rival das melhores epopêas do inspirado escossez Walter Scott, Almeida Garrett, se acaso não lhe passou os limites nem trabalhou com mais constancia, foi de certo mais proveitoso, (1) ao paiz e á sua litteratura, cantando o gigante a quem hoje Portugal se ufana de ter sido berço, assim como na innovação e aperfeiçoamento da poesia moderna, ex-

(1) Veja-se a nota no fim.

pungindo-lhe a eiva mythologica, de que os antigos gregos e latinos a tinham empregnado, misturando o profano com o divino, e pondo os deuses do paganismo a fazer holocaustos ao Deus verdadeiro.

O proprio Camões usou d'essas imagens dos athenienses que Garrett degredou pela maior parte; mas este apesar de prestar tão valioso serviço ás lettras, mostrou n'este ponto não seguir á risca as doutrinas que o mestre lhe deixára n'aquelle livro sublime dos *Lusiadas*. Comtudo depois do condescendente amigo de Jau, nenhum poeta nos apresentou um poema com tantas sublimidades como encerra o seu *Camões*! Quem depois d'esse grande poeta que elle canta no seu livro, ferira tão destramente os bordões d'uma lyra portugueza? Quem se atreverá a disputar a Garrett, a coroa de myrtho que lhe orna a fronte respeitavel, ou negar-lhe o lugar de primeiro poeta peninsular da escola moderna? Quem ousará conceber o pensamento de se medir com tão agigantado collosso? Eu estou convencido que ninguem entrára em tal commettimento, porque passaria pela vergonha de o contemplar do baixo rastejamento, como o cão que sentado á porta do casal, arremette com a rainha da vastidão estellifera, aos primeiros vis-

lumbres da noite, e conhecendo-se vencido, vae descançar no palheiro, protestando não entrar mais na louca empreza de ladrar á lua.

Um escriptor de merito, disse que Garrett era uma litteratura inteira, e outro ainda deu mais alguns passos a favor do grande genio, porque asseverou que era uma nacionalidade que resuscitava; e o infeliz Lopes de Mendonça era n'este poncto uma das melhores auctoridades, e quanto ao meu humilde entendimento, o folhetinista mais elegante e consciencioso que floresceu no tempo do creador de Frei Sueiro. (1)

Eu, sem ambicionar a corôa de escriptor, ou d'outra qualquer coisa, digo sem o mais tenue disfarce, que tudo quanto ha de bom e inimitavel na litteratura que nasceu depois da innovação que fez João Baptista foi revellado por elle no *Camões*, e por Herculano em *Eurico* e *Monge de Cistér*. São os meus livros queridos! Os sanctuarios consoladores, onde me vou desfazer dos agros aborrecimentos da vida; são a ambrosia, o balsamo, o nectar que me sana os golpes do coração.

Aquellas duas imagens d'Herculano, Eurico e

(1) Veja-se nota no fim.

Hermengarda, são bellas como poucas tem feito ranger os prelos, mas as do *Camões* de Garrett, essas só a um cerebro como o d'elle foi dado animal-as com tanta felicidade. Que inergia de pulso! Que elegancia, e que vasta selva de pensamentos!

Com que vigor elle descanta aquella saudade no desterro, e com que puro sentimento a envia á patria, sobre as ondas revoltas

«Do oceano indomado por tyrannos»

Com que profunda dôr d'alma, e com que divinas palavras, elle abre o delicioso poêma:

«Saudade!—gosto amargo de infelizes
«Dilicioso pungir d'acerbo espinho
«Que me estás repassando o intimo peito
«Com dor que os seios d'alma dilacera,
«Mas dor que tem prazeres—saudade!
«Mysterioso numen que aviventas
«Corações que estalaram e gottejam,
«Não já sangue da vida, mas delgado
«Soro d'estanques lagrimas. Saudade!
«Mavioso nome que tão meigo soas

«Nos lusitanos labios—não sabido
«Das orgulhosas boccas dos Sycambros,
«D'essas alheias terras,—oh saudade!
«Magico numen que transportas a alma
«Do amigo ausente ao solitario amigo,
«Do vago amante á amada inconsolavel,
«E até ao triste ao infeliz proscripto,
«—Dos entes o miserrimo na terra—
«Ao regaço da patria em sonhos levas,
«Sonhos que são mais doces do que amargo
«Cruel é o despertar... Celeste numen
«Se ja teus dons cantei e os teus rigores
«Em sentidas endeixas, se piedoso
«Em teus altares humidos de pranto
«Depuz o coração que inda arquejava
«Quando o arranquei do peito mal-soffrido
«Á fóz do Tejo—Ao Tejo, oh deusa, ao Tejo
«Me leva o pensamento que esvoaça
«Timido e accobardado entre os olmedos
«Que as pobres aguas d'este Sena regam
«D'outr'ora ovante Sena. Vem no carro
«Que pardas rolas gemedoras tiram
«A alma buscar-me que por ti suspira»

Que mais poderá dizer do patrio ninho, o mancebo que se acha na flor da idade, a braços com

a proscripção, e sente estalar com saudade uma a uma, as fibras mais intimas e preciosas do coração? Que bocca poderá dizer tão meigas e enternecedoras palavras?

Petrarcha, o poeta coroado no Capitolio, modularia melhores versos á sua encantadora Laura? Ovidio deploraria as desgraças do seu desterro com mais sentimentalismo? Não sei porque não os conheço, mas é natural que não ferisse mais do que Garrett, o coração dos amantes da poesia. Como é grande e arrebatado o pensamento do poeta n'esta saudade! E com que vasta erudição elle explica a força do sentimento que encerra a maviosa palavra *saudade*, e a auctorisa rival de todas quantas abrange a lingua do cantor d'Ignez, do poeta das *Saudades*, e do sapientissimo padre Antonio Vieira!!

«A palavra *saudade*—diz elle nas ricas notas do seu poema,—é por ventura o mais doce expressivo e delicado termo da nossa lingua. A ideia, o sentimento por ella representado, certo que em todos os paizes o sentem, mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei d'outra linguagem, senão da portugueza.

A isto allude o poeta, n'este verso em que lhe chama ignorado — o termo —

«Das orgulhosas boccas dos Sycambros»

«O que particularmente se deve entender dos francezes,—continua elle,—tão presumidos de sua lingua tão apoucada»

Á vista d'este luminoso relampago d'intelligencia do grande poeta, estou quasi resolvido a dizer que elle podia transcrever estes dois versos do velho Camões, no alto do primeiro canto do seu livro, feita a devida venia ao cantor do cabo Tormentorio, que ha de ser o rei da poesia portugueza emquanto existirem os *Lusiadas* e a estatua do Loreto que representa a sua figura em quanto vivo:

«Cesse tudo que a musa antiga canta
«Que outro valor mais alto se alevanta»

Na verdade, não se erguia um valor mais alto, a pulsar as cordas d'uma lyra Lusitana, mas é certo que se alevantava um pincel, que se não

attingia as formas e côres com que o robusto cantor do inclito Gama pintára os costumes dos incolas remotos e os feitos dos antigos Lusos, dava um colorido honroso nas pégadas do poeta, livrando-as assim, de serem apagadas pelos pés dos seculos, e mostrava ao mundo um seguidor, — em parte — acerrimo e consciencioso das leis e doutrinas que o grande epico derramára sobre os seus hymnos sonorosos!

Como é pungente e sublime a dor que o rala ao contar-nos em tão elegante metro as vicissitudes do seu saudoso e querido mestre, do seu Luiz de Camões!! Em que phrase tão pulchra e estyllo tão alto, elle descreve os transes doloridos do auctor dos Lusiadas!! Como delinea com vivas côres o quadro das varias phases com que a sociedade se rebuça, para occultar as mudanças repentinas dos gestos, e o turbilhão de paixões desencontradas que dardejam quasi sempre nos rostos das suas divinas imagens! Como é tocante e sympathico, aquelle segundo canto, em que o poeta guerreiro, buscando repouso ao corpo fatigado, nas cellas do convento do velho missionario, depára com a sua amada, a sua querida *Natercia* no esquife luctuoso, rodeada de padres, e amortalhada já, para descer breve á tenebrosa estancia

do repouso do corpo ressequido pela saudade, porque a alma,... a alma, essa... voára já á eternidade sobre as azas da virtude, e ladeada de nuvens d'incenso da Providencia divina! Como elle acaba a scena lugubre do passamento da infeliz amante de Camões!

. . . . . «Em tanto
«Deu a volta fatal e derradeira
«A chave do ataude; cae a lagem
«Sobre a bocca do tumulo. A existencia
«Se esvaeceu... começa a eternidade.»

E as sublimes palavras com que Garrett manda contar a Camões a historia da perda d'aquella scentelha que jazia apagada em sua fronte, ao lado d'aquell'outra viva e penetrante que o guiava ainda nos caminhos da vida tormentosa e aborrecida:

«Era a minha primeira lição d'armas,
«Foi a primeira vez qne o mauro alphange
«Por d'entre os olhos me cruzou co'a morte.
«Junto a meu pae,—á frente o viram sempre.

«Sobre o imigo baixel a panno cheio
«Caia a nau do seu commando... (Um
«Silvo de pelouro soou.—Mirado a elle
«Certeiro mouro tinha:—estendo o escudo...
«Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
«A balla resvalou, e já sem força
«Leve aqui me feriu na sestra face
«E fria aos pés me cae)
—«Leve ferida
«Que um dos olhos!
«Oh! dois nos ha dado
«Liberal natureza—Que vale isso!
«Salvei meu pae.»—

Esta é quanto a mim uma das melhores scenas do poema—guardando o verdadeiro respeito a todo o canto V e X, que são sufficientes para immortalisar um homem.

Aquella imagem puramente historica do bondoso fidalgo D. Aleixo, quem a animaria melhor do que a penna de Garrett? E como é original a de D. Sebastião, esse mancebo inexperto que foi levar o corpo ás agras solidões africanas, arrastando apoz si, a gloria da nação a quem se cur-

vou o mundo inteiro, vendo passar seus filhos pela terra baptisando hemispherios desconhecidos, dando leis ainda nos mais affastados climas do globo, e navegando sobre o lombo enrolado d'esses vastos mares, com a bandeira das Quinas fluctuando ao som dos ventos rugidores, que açoutavam essas inderruiveis pyramides, erguidas pelo ouro da dissoluta Cleopatra, em memoria dos seus actos ignominiosos que sibilaram pelo universo, como ventos maldictos que amputam na passagem destruidora, tudo que se não curva ao seu poderio como o abeto da varzea desabrigada. Que palavras tão cheias de sublimidade elle depõe nos labios do seu grande heroe, para elle proferir ante o monarcha que lhe promette um premio honroso em paga dos seus serviços d'espada e penna, e com que elegancia de phrase começa e acaba este dialogo travado entre o vate e o rei nos paços de Cintra, juncto dos cortesãos, quando D, Aleixo lhe apresentou o guerreiro dizendo:

«Eil-o senhor, o nobre pretendente
«Que desejaes ouvir
— «Sim quero ouvil-o
«Quero e desejo; não ignoro o preço

«Das boas lettras; nem d'um raro engenho
«A estima desvalio: em prol da patria
«Uns obramos c'oa espada; cumpre a outros
«Co'a penna honral-a.
—«Se honra a minha penna
«Real senhor, a minha amada patria,
«Dil-o-hão sabedores e lettrados.
«Para servil-a espada e braço tenho
«Que por si fallarão.»
—«Digna resposta
«D'um portuguez. Honrado sois amigo
«Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo
«Em vosso rosto, que voltar não ousa
«Da face do inimigo.—É este.—(Disse
«Fallando aos cortesãos) de quantos d'Africa
«Aqui veem, o primeiro que não falla
«Em suas cicatrizes:
—«Bastas eram senhor.
«As de Pacheco e... *(Morreu á fome ia elle a dizer)*
—«Eu não ignoro
«Asperamente o rei o interrompia
«Os feitos de Pacheco.»
Olhos pasmados
«Os cortezãos cravaram no soldado
«Que tão crua verdade se afoitava
«A proferir ali:—algum já cuida

«Que d'escuro castello a torre o aguarda,
«Ou que ao menos... Compondo um tanto o rosto
«Tornou el-rei :
—«Iremos para ouvir-vos
«Da penha verde á fresquidão sentarnos.
«Calmoso vae o tempo ; e a demais, prazem
«Dobrado entre a verdura, os dons das musas.»

E o nosso Garrett lá conduz o alquebrado Camões após D. Sebastião e a corte, aos sombrosos arvoredos da Penha, onde vae contar ao som dos brandos favorneos, o assumpto da grande epopea que prende n'essa occasião as attenções aos lettrados e homens doutos da nação, os serviços de subido valor de seus personagens, e os costumes dos selvagens ignorados até então na Europa.

Ali dá conta Camões, da *dictosa condição* dos filhos do indostão que fugiam espavoridos, vendo a gente do Gama crusando as mattas virgens e attacando feras, a *dictosa gente* que povoa as longinquas plagas da Asia e Occeania, e de todos os espaços do polo riental ; tudo que viu e ouviu n'esses vastos hemispherios que elle e

seus animosos companheiros demandaram sem rumo certo

«Por entre os furacões d'atra procella»

No fim levanta o rei a audiencia, todo cheio de enthusiasmo, e quando Camões acaba, o espirituoso Garrett mette aquasi estas palavras de suprema vaidade na bocca do rei:

«Um dia offuscarei toda essa gloria
«E a mais altas canções darei assumpto»

e quando Camões se despede, manda Garrett ao mancebo real, que lhe diga:

—«Voltae a ver-me,
E vos farei merce, como é devido.

E Camões lá desce a serra de Cintra á hora em que tambem descia o sól, a cujo calor reci-

tára o livro que escrevera viajando sobre agoas nunca sulcadas até-li. Que scenas Garrett apresenta n'estas interessantes situações! E como são bellos os comentarios que se seguem a ellas! Que feliz concepção a do poema *Camões*!

Quem fôra mais dextro do que João Baptista d'Almeida Garrett, para desempenhar tão ardua commissão? Eu pobre auctor d'estas memorias, sem pretensões a poeta nem tão pouco a metrificador de prosa rasteira, já exclamei n'um momento d'aborrecimento, espraiando a vista sobre aquelle emporio de sublimidades:

Quem ferira bordões tão consonantes
Como o herdeiro do cantor do Gama?
O divino Garrett, o deus da lyra,
O sublime cantor de Dona Branca?

. . . . . .

O nome de Garrett já não morre;
Porém, se um dia por desgraça nossa
Deixar de nomear-se tal gigante;
Deixará de fulgir no firmamento
O luseiro vivaz que alaga a terra,
Quando a lua repousa no seu leito
Ladeada de fachos rutilantes!

Se assim acontecer mesquinhos lusos...
Chorae então na escuridão profunda,
As cinzas do cantor que agora canto,
Porque não vereis mais o rei dos astros.

Lembro-me que escrevi isto na capa do poema *Camões*, e ainda não me desdigo: porque a memoria de Garrett não será escurecida, sem que tenham baixado á penumbra do esquecimento os nomes d'Homero, Horacio, Ariosto e Dante, e apoz elles, Demosthenes, Lycurgo, e Eschines.

Os louros verdejantes que Garrett ceifou no campo das lettras, em todos os generos, não murcham, florescem, vivem, e dão fructo para alimentar as legiões da posteridade!

«. . . . . Gemi n'angustia,
«Penei ao desamparo, em soledade;
«Vaguei sosinho á mingua e sem conforto.
« . . . . . .
«Tudo soffri no alento d'uma esperança.»

(GARRETT.—*Camões*)

V

Do Havre passou o poeta a Pariz entre os annos de 1824–25, já com os sete cantos complectos do poema *D. Branca*, (1) e o *Camões* muito adiantado, mas não complecto ainda, porque as saudades do lar paterno, atropellavam-lhe horrivelmente a ideia, e não o deixavam concluil-o.

As correspondencias pouco animadoras que recebia da patria, que lhe diziam o que ia n'ella por esse tempo, os sons confusos que se escuta-

(1) Veja-se a nota no fim.

vam nas margens do Sena ácerca da critica situação da Europa, e principalmente d'Hespanha, onde os batalhões liberaes esmoreciam e esperavam a cada passo, tremendo com susto, o annuncio fatal da guerra prestes a atear-se, assoprada pela reacção absolutista, que n'essa epoca desgraçada pretendia carniceira, assolar a mais fertil e poderosa parte da Europa, faziam-lhe estalar a penna sobre o papel, e salpicavam-n'o de tinta, como dizendo-lhe a sorte que esperava seus irmãos, — serem tambem borrifados com o proprio sangue creado com o sol da passada liberdade. Esta nova e bem triste decepção, obrigou-o a pôr de parte os grandes apontamentos que tinha juncto para a historia do grande *Genio Lusitano*, e começou a traçar a D. Branca, por ser, diz elle, trabalho de menos responsabilidade do que o primeiro. Em Paris foi residir para uma pobre agoa-furtada da rua de Coq-St.-Honoré em Novembro de 1824, na companhia do honrado patriota José Victorino Barreto Feio, seu irmão em crenças e opiniões, e nos haveres escassos que lhes tinha legado a desgraçada queda da constituição.

«E quasi que tenho hoje saudades,—diz o poeta poucos annos depois d'esse desterro,— tal nos tem andado a sorte!— das engelhadas

noites de Janeiro e Fevereiro que passavamos n'uma agua-furtada, com os pés cosidos no fogo, eu e o meu amigo velho; elle trabalhando no sen *Sallustio*, e eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos pobres, mas resignados ao presente, sem remorsos no passado, e com esperanças largas no fucturo. — Graças a Deus, de mim sei, e d'elle creio que estamos na mesma quanto ao passado e presente, mas o futuro!...»

Concluindo o livro immortal de *Camões*, dedicou-o ao seu muito particular amigo Antonio Joaquim Freire Marreco, (1) e para não comprómetter a posição e dignidade do illustre portuguez, sellou no rosto do livro, apenas a inicial —M.—Ajudado por esse amigo dedicado e sincero, pode dal-o á luz da publicidade em Paris, cuja composição se concluiu a 22 de Fevereiro do mesmo anno de 1825. Correndo logo por mãos de portuguezes e estrangeiros, recebeu o auctor a par d'um espantoso acolhimento, e protecção, algumas criticas de cores sortidas, mas na maior parte injustas, fabricadas pelos seus abominadores. Esta obra prima, conta hoje seis

(1) Veja-se nota no fim.

edições, a fóra as que se tem publicado no Brazil.

N'este periodo d'odios e intrigas detestaveis, entrelaçavam-se graves e clandestinas negociações relativas a Portugal, entre Lisboa e Vienna d'Austria onde se achava D. Miguel, e Londres que estava cheia de emigrados portuguezes, luctando pela maior parte com a escassez de recursos, onde a dextra benefica da duqueza de Palmella, occultando-se da sinistra, lhes munificava os valiosos soccorros que podia dispensar. Foi aquella illustre e virtuosa senhora, a unica mãe que protegeu a tantos desgraçados que repintavam as terras d'Albion. Depois da publicação d'este livro, que apesar dos seus numerosos emuladores, foi recebido com enthusiasmo pelos amantes das boas lettras, e amigos do auctor, mandou imprimir a *D. Branca*, e resolveu por-lhe no frontispicio as duas iniciaes, anagrammaticas — F. E. — que usara Filintho Elysio — Francisco Manuel do Nascimento — e com a designação d'obra posthuma; o que fez acreditar a muitos e asseverar a outros, que a obra era filha de Filintho, porque este poeta morrera em Pariz em 1819, onde estava exulado. Ora o sr. José da Silva Mendes Leal, fallando de Garrett no seu *Elogio Historico recita*

do na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 19 de Novembro de 1856, diz que «emigrando Garrett tractara em França com o padre Francisco Manuel, mais *conhecido pelo nome de Filintho Elysio.*» Não posso saber agora de quem é o erro, se do illustre auctor do *elogio*, se dos auctores das biographias do traductor do *Oberon*, que dizem ter morrido este portuguez em 1819, como deixo dicto acima.

A *D. Branca* acabou-se de imprimir em 1826 e conta hoje quatro edições. Apesar de ser filha da mesma penna que traçou o *Camões*, parece-me que não incendiou a cubiça dos habitantes das terras de Santa Cruz, (1) que não cançam de fazer edições das melhores obras dos nossos escriptores.

Consta que Garrett em quanto companheiro de casa de José Victorino, era empregado n'uma casa de commercio parisiense, (2) e ás noites, quando se recolhia á miseravel habitação de proscripto, escutava com avida curiosidade a bella

(1) Veja-se a nota no fim.
(2) Idem.

traducção da *Eneida* virgiliana, que o seu velho amigo fazia por essa occasião, e debaixo de cujo nome se publicou uma boa parte, mas não toda, porque o dextro e profundo latinista, não chegou a concluil-a, não obstante as 'stimulações amigaveis, que lhe fazia ultimamente o seu amigo, e a muitos respeitos o veneravel barão de Villa-Nova de Foscôa, com o vivo desejo, de que a litteratura portugueza podesse ufanar-se de ter em sua linguagem os grandes partos da imaginação fogosa do poeta mantuano. Mas infelizmente não poderam vingar os rogos anciosos do nobre Foscôa, porque uma doença renitente e perigosa, prostou de cama o digno deputado Victorino, congenere de Garrett, e o ultimo volume da obra de Virgilio, saiu traduzido pelo já falecido poeta, José Maria da Costa e Silva. Barreto Feio era um d'estes homens sinceros e bondosos, que raramente se topam quando se precisa da sua presença, e que pagam sempre com generosa ponctualidade, as demonstrações de verdadeira amizade que recebem de seus irmãos; e juncto de Almeida Garrett, á luz mortiça d'uma vela que espirrava n'aquella habitação gellada pela intensidade do frio, escutava tambem com pura e religiosa attenção, alguns trechos dos seus mavio-

sos versos, e d'umas traducções de Catullo, que o novo poeta fizera em idade mais verde, nas horas, subtrahidas ás lides academicas, e ao descanço que lhe 'stipulava o seu primeiro mestre, bispo d'Angra do Heroismo.

Barreto applaudia o que merecia elogio, e emmendava-lhe o que conscienciosamente conhecia errado.

Este nobre patriota era tambem o involucro d'um coração generoso, e d'uma alma sensivel, mas de crenças e opiniões inabalaveis. Conta-se até que estando por hospede em casa d'um titular da côrte, quando era deputado não sei por que circulo eleitoral, que arguira nas camaras o seu bemfeitor que lhe servira de pae nos tempos da adversidade; interrogado ácerca do seu proceder d'ingrato, respondeu que emquanto no palacio do que lhe dava o sustento, fallava pela bocca da gratidão, mas que na casa onde se deliberava o fucturo d'uma nação, fallava pelos labios da consciencia e da opinião que nutria desde o berço.

Era um dos homens francos e mais honrados do nosso seculo.

«Barreto Feio, diz o seu biographo, foi enthusiasta dos rasgos de virtude, de valor e amor da patria, dos homens celebres da Grecia e Roma;

penetrou no amago da historia d'essas nações, e chegando a ser apaixonado das bellas lettras, enriqueceu a litteratura patria, de bellas traducções, entre as quaes avultam as de Sallustio e Virgilio, talvez as melhores que a Europa hoje possue.»

E este nobre portuguez morreu tambem infeliz como tantos homens, victimas dos sentimentos nobres e da intelligencia que Deus lhe gottejou nos «seios d'alma», para serem apostolos ousados dos grandes batalhões da ignorancia, e commandal-os na estrada da perfeição e da virtude.

«. . . . . Voltei em fim á patria
«Outra vez de esperanças illudido.
«Alguns serviços por benignos chefes
«Exagerados sim, mas não mentidos,
«Nada obtiveram.

(GARRETT.—*Camões*).

VI

Restituida a liberdade ao lacrymoso Portugal, que estava havia perto de tres annos, orphão de seus filhos mais leaes e lhes ouvia os suspiros que do desterro lhe mandavam sobre a corrente dos mares que os apartavam, no anno de 1826, começaram logo a mecher-se no exilo os mofinos desterrados, dispostos a deixar o asylo estrangeiro, para beijarem a face da terra que se levantava da enfermidade que soffria havia tanto

tempo. Por esta occasião voltou o inspirado Garrett ao reino, sobraçado com os seus bellos poemas filhos de saudades e magoas, animados já com os beijos deliciosos da imprensa e mais trabalhos litterarios, de differentes especies, que lhe haviam sido inspirados, pelos ermos solitarios do exilio, e duras attribulações que experimentara no decurso do seu tormentoso vagueamento. Chegando pois á côrte de Portugal apressou-se a fazer a sua apresentação na secretaria d'estado dos negocios do reino, onde trabalhara em 1822 antes da reacção absolutista que o arremessara ás terras da proscripção. Sendo-lhe reintegrado novamente o lugar que occupara n'aquella repartição juncto com outros seus amigos, durante o pequeno espaço do regimen constitucional de 1826–1827, encetou a publicação d'um jornal, que intitulou o *Portuguez*, tendente a defender o systema constitucional e os melhoramentos d'administração publica, cuja sociedade se compunha dos seguintes individuos além d'elle: João Antonio dos Santos, Paulo Midosi, e Luiz Francisco Midosi seu irmão, Carlos Morato Roma, Antonio Maria Couceiro, Joaquim Larcher, e José Liberato Freire de Carvalho, a quem Garrett entregou o leme de redactor principal. Por este tempo foi

que o poeta escreveu e publicou tambem a sua *Carta de guia para Eleitores*, e no mesmo periodo, saiu em Pariz no primeiro volume do *Parnaso Lusitano*, uma producção que ali deixára sob a epigraphe de *Ensaio sobre a historia da lingua e poesia portugueza*.

Combatidas pouco depois as ideias do *Portuguez*, esse bem colaborado orgam da liberdade, por José Agostinho de Macedo, o critico mais mordaz que por nosso mal possuiu a litteratura patria, esse corrupto ministro da egreja, e presidente da republica da calumnia, que a par d'um talento singular e uma vastissima erudição, possuia um alto grau d'hypocrisia: uma alma desenfreadamente propensa a praticar todos os actos que os homens virtuosos condemnavam: combatidas as crenças religiosas e profanas dos colaboradores do jornal, pelo espião politico do tempo da invasão franceza em Portugal, foram presos alguns redactores, e encerrados nas prisões do Limoeiro em Agosto de 1827, e pronunciados pelo crime de fomentadores dos movimentos tumultuosos da capital nos dias 24, 25 e 26 de Julho de 1827. Garrett entrou resignado para aquella sepultura de vivos sem maldizer o infame saltimbanco do christianismo, que ali o levara injusta-

mente, e só com o intento de fazer mal, e começou a compor e planear os seus romancinhos metricos, sem se assustar das cruas arguições que os seus emulos lhe faziam em tanto, queimados pela inveja de não poderem erguer-se á grandeza a que o tinham levado as suas obras.

Ali na prisão foi que elle concluiu o seu lindo romance antigo a *Adosinda* que começara ainda em perfeita liberdade nos principios de 1827 em Campo d'Ourique, onde morava por esse tempo.

Saindo da cadeia da cidade os redactores do jornal depois do julgamento, foi José Liberato dimittido do emprego que exercia na secretaria do reino, e acabando por este acontecimento a publicação do *Portuguez*, fundou Garrett outro, intitulado *O Chronista* semanario que tratava de commercio, litteratura e politica, que foi tambem colaborado por parte dos homens que escreviam no extincto *Portuguez*. Do *Chronista* não vi ainda nenhum numero mas consta-me que tem artigos de muito merecimento litterario. E o empenho de Garrett continuava a ser sobre litteratura e politica, mas a sua politica não tendia a desgraçar a nação, mas sim salval-a das garras dos oppressores barbaros, que se ensaiavam para a empolgar novamente, e pisar com os pés impios

os seus contendores; e a sua eloquente litteratura nunca redicularisara os actos virtuosos nem menospresara os sanctos dogmas da religião, como fazia a auctor do *Gama* ou do *Oriente*, rebuçando-se sempre com a mascara da philosophia.

Pelos fins de 1827, foram perseguidos encarniçadamente os nobres liberaes, que já se haviam distinguido em 1820, pelos vastos partidarios de Miguel cujo governo se tornava a assentar em Portugal, e vendo-se os cartistas extremamente apertados tiveram de fugir para a provincia de Galliza para onde foi todo o Corpo Academico, mas não achando essa multidão de foragidos, caridade nem amor entre essa selvajaria bruta d'alem-Minho, passaram alguns dias pessimamente em consequencia de lhe começarem a escacear os soccorros que percisavam para resistir ás ameaças dos partidarios do usurpador que eram em maior copia. Vendo-se entre estranhos sem coração que os aborreciam e tractavam com desdem, mandaram os infelizes portuguezes pedir a um respeitavel titular que se achava em commissão de Portugal em Londres, que os mandasse soccorrer n'aquella triste posição, onde a fome já os ia ferindo ainda que

levemente. Sabendo o nobre duque de Palmella, que era então embaixador em Londres, que os dignos e exforçados liberaes vagueavam opprimidos e descontentes em terras gallegas como em Tuy, Ferrol e Corunha, mandou Paulo Midosi a esta ultima cidade em 11 de Agosto de 1828 para tractar de os transportar a Inglaterra, n'uma embarcação que mandou apromptar e sair em demanda das costas de Galiza.

Chegando Paulo Midosi á Galiza como enviado do Palmella, fez ajunctar immediatamente os infelizes que ali se espalhavam, e executou o seu encargo, com a ligeireza e prudencia que se requerem em casos de tanta responsabilidade, e urgencia.

Pouco tempo depois que esta legião de foragidos, se affastou dos mares gallegos, desembarcou em Plymouth, onde se formou um deposito para os emigrados, sendo Midosi nomeado secretario geral d'elle em 28 de Setembro do mesmo anno.

N'esta embarcação cheia de portuguezes, foram tambem, emigrados para Plymouth D. Vicente Paim terceiro conde d'Alva, e o grande orador — mais tarde — Jose Estevão de Magalhães que pertencia ao batalhão Academico de Coimbra.

Garrett emigrou tambem por esta occasião depois de ser novamente demittido do emprego, embarcando para Inglaterra, não sei se no Tejo, se na Galliza, mas é mais provavel que fosse no Tejo.

O certo é; que chegando ao desterro fez logo representar em Plymouth o *Catão* aquelle drama que já lhe grangeara immensas sympathias dos lisbonenses, e um distincto lugar no campo das lettras portuguezas.

Foi desempenhado pelos seus amigos, que receberam, tanto de portuguezes como d'inglezes, os applausos que merecera o feliz desempenho, e o primor da peça. Consta que nas chronicas da semana, de varios orgãos da imprensa brittannica, appareceram differentes artigos, dando conta da peça e do desempenho, que passavam a carta de actores aos curiosos, e punham Garrett n'alguns degraos acima dos bons tragicos da antiguidade. Que talento, e que rara felicidade possuia o nobre desterrado!! Em toda a parte, o estimavam! Todos se enthusiasmavam ouvindo as suas producções, ou vendo-o fallar, com aquelle proposito e elègancia que lhe eram familiares! E um homem assim que todos acatavam e reverenciavam com todo o respeito, precisava de andar

vagueando de terra em terra, pedindo pousada a estranhos, tendo uma patria tão bella para alongar a vista fogosa sobre suas flores, seus rios, seus prados, seus montes, e colher sobre essas differentes grandezas, a poesia d'alma. Percisava d'errar pobre e triste, roido de saudades, á emitação dos antigos romeiros de Sanctiago? Não; mas percisava de liberdade para correr a sua patria e gritar contra os abusos, sem que lhe dissessem de subito a phrase despotica de *Cale essa bocca!!!* Não; mas necessitava ar, e ar muito puro que não lhe abafasse as palavras, e o deixassem expandir a robusta imaginação que lhe queimava o cerebro, e os homens que rodeavam o usurpador pretendiam roxear-lhe os pulsos, confrangir-lhe a vóz e tortural-o sobre o eqúuleo do despotismo. Por isso é que elle já se tinha abrigado tantas vezes d'essas tempestades entre corações estrangeiros, e nunca curvara a fronte a esse rebanho de oppressores. Honra ás cinzas do grande patriota que sempre conservou seu nobre peito conchegado ao lábaro, que abraçara ao desprender-se das cadeias que o ligavam á casa paterna!

Disolvido que foi o deposito d'emigrados em Plymouth, logo se dispersou essa immensidão

de infelizes por varias povoações brittanicas, começando em seguida a formar partidinhos de diversas cores politicas que fiseram descer sobre elles com mais intensidade, as azas do infortunio que lhes tinham varejado a fronte antes e depois de se despedirem do reino para se refugiarem alem-Minho.

Mas Almeida Garrett deu de mão com toda a força do seu despreso a esses loucos intentos, que deviam tecer indeclinavelmente, as mais vorazes desavenças entre a maior parte dos expatriados que tinham n'aquelles climas, só a protecção do duque de Palmella, e sua bemfeitora esposa.

Para evitar que algum José Agostinho de nova especie o envolvesse n'essas tentativas absurdas e o desconceituasse perante os seus amigos e protectores, deu-se pressa em embarcar para Brest, e deixou poucos dias depois a capital de Inglaterra.

Em Brest porem, conservou-se pouco tempo o illustre poeta, porque recebeu ali um officio do duque para comparecer em Londres dentro d'um praso marcado.

Garrett cedendo á urgencia da participação partiu no mesmo instante de Brest para Lon-

dres, onde foi recebido pelo illustre embaixador com verdadeiras demonstrações de regosijo e cordial affecto. Recolhendo-se os dois ao gabinete secreto da legação portugueza, Palmella revelou-lhe os desejos que alimentava de o ter trabalhando juncto de si, com o grau de secretario da embaixada onde se achava tambem empregado Paulo Midosi. Garrett acceitou com satisfação o cargo de secretario ao pé de Midosi, não só por ser condescendente com a vontade do seu protector, mas tambem para dar algum descanço á imaginação que tinha sempre afundada nos seus trabalhos litterarios, e que lhe eram prejudiciaes á saude. O nobre embaixador agradeceu-lhe a boa vontade com que se promptificava a faser parte da embaixada, e d'envolta com um cordial abraço disse-lhe algumas palavras consoladoras, e de lisongeira esperança no fucturo.

No estreito exercicio d'aquellas funcções, gosou então mais saude, porque só nas horas vagas se entregava ás lettras e sciencias. Em Novembro ou Dezembro d'esse anno appareceu publicado em Londres, o pequeno livro da *Adosinda,* esse romance popular estreictamente cingido ás mais elegantes regras classicas, e na mesma epoca collecionou, refundiu e aperfeiçoou, varias lendas

do povo que delineara com aturadas investigações. Passado pouco tempo foi tradusida uma parte da *Adosinda* — julgo que a melhor — para a lingoagem de Milton, pelo muito estimado poeta em Inglaterra João Adamson que era amigo de Garrett. Os inglezes que desconheciam os merecimentos do auctor do *Camões*, receberam com grande admiração aquelle pequeno fragmento da *Adosinda*, e alguns estudaram então a lingua portugueza para lhe admirarem as obras, tão nomeadas, como as dos grandes poetas da sua terra.

Apparece este soneto nas suas obras poeticas, escripto em Londres na mesma epoca, que pelo sentimento que exprime, é digno de ser mencionado n'este lugar. Esta composição parece ter sido feita por occasião de chegar a Inglaterra algum emigrado seu amigo, a quem busca diminuir as magôas de se ver longe da patria:

Saudade

«Seculos são, na vida que enfastia,
«Estes dias de exilio amargurados;
«Um por um, magoa a magoa, vão contados
«Em lenta cruelissima agonia.

«Oh! roubemos-lhe ao menos este dia.
«Ao padecer que todos traz roubados;
«Sejam pela amisade consagrados
«Ao casto amor, instantes d'alegria.

«Tem prazeres tambem a desventura:
«A propria carrancuda adversidade
«Sorri c'oa esperança que lhe luz fuctura.

«Vem, amigo, no seio da amisade
«Festeja a esposa, sonha c'oa ventura,
«Que um dia hade mattar tanta saudade.

«. . . . . Errante
«Pela terra estrangeira, perigrino,
«Nas solidões do exilio, fui sentar-me
«Na barbacan ruinosa dos castellos.

(Garrett.—*Camões*)

VII

Ouvindo Garrett fallar com muito apreço d'algumas grandezas d'Irlanda, berço dos seus infelizes antepassados, e d'Escocia, pediu uma larga licença ao bondoso embaixador, para ir visitar e admirar de perto essas maravilhas, cuja discripção o impressionava fortemente. Feita promptamente essa concessão pelo duque de Palmella, foi Garrett passeiar em roda d'esses monumentos notaveis, castellos derruidos, povoações denegri-

das pelo fumo das fabricas de ferragens, e os sitios mais celebrados por antigos e modernos poetas e prosadores brittanicos. Entre outras notabilidades que visitou o illustre poeta, figuram o castello de Dudley seus fosseis e barbacans, as profundas excavações que se faziam ahi por esse tempo, em demanda dos materiaes que são o commercio e a riqueza d'aquellas paragens aridas, desertas e queimadas pela atmosphera candente formada por esses varios elementos exalados da terra, cujas naturezas differentes se embatem como os ventos Noto, Austro, Boreas, e Aquilão que se topam no sibilar tempestuoso entre a terra e as nuvens. A estas ruinas notaveis d'um antigo castello feudal dos antigos bretões, que o poeta já visitara de passagem no anno de 1823 quando estivera em Birmingham, foi que elle alludiu n'estes versos immortaes do principio do canto setimo do *Camões*.

«Eu vi sobre as cumiadas das montanhas
«D'Albion soberba as torres elevadas,
«Inda feudaes memorias recordando
«Dos bretões semi-barbaros. Errante

«Pela terra estrangeira, perigrino,
«Nas solidões do exilio, fui sentar-me
«Na barbacan ruinosa dos castellos,
«A conversar c'as pedras solitarias
«E a perguntar ás obras da mão do homem
«Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada,
«Nos romanticos sonhos, procurava
«Aureas ficções realisar dos bardos. .
«. . . . . .
«Não vi quadrigas de vistosas justas
«Nas praças d'armas á lançada viva.
«. . . . . .
«Nada! só pelos fossos entupidos
«Do desfolhar do outomno, e bronco entulho
«Dos muros derrocados,—soltas pedras
«E immunda terra, á vista affiguravam
«Insepultos cadaveres golpeados,
«Membros, inda cobertos d'aço e ferro,
«Dos que em contenda injusta pereceram,
«Pelo vaidoso orgulho, ou vão capricho
«Do castellão soberbo. Nas ameias
«Se me antolhavam horridas cabeças
«Hirta a grenha co'as carnes laceradas
«. . . . . .
«Como se a idade que destruiu palacios,
«Memorias de prazeres luxos pompas,

«Catasse mais respeito a taes vestigios
«D'atrocidade e crimes,—e escrevesse
«Ao passar com a fouce enferrujada
«No limiar d'essas portas: *Escarmento*
«*Ás gerações por vir.*—Doia-me alma
«Na solidão das ruinas, e a lembranças
«Mais gratas me fugia o pensamento,
«Para os vergeis da patria esvoaçando.»

. . . . . .

Que saudade tão aguda e lacerante exprime o desconsolado mancebo n'este jacto arrebatado de sublime inspiração! Que sentimento, e que enraisado soffrimento alimentava em seu peito pelos outeiros e prados alegres da perdida patria!

«Para os vergeis da patria esvoaçando!»

Que palavras humanas poderão calar mais fundo no coração dos homens que sentem e pensam do que estas ultimas! Ainda me affoito a exclamar outra vez:

. . . . . .

Quem ferira bordões tão consonantes
Como o herdeiro do cantor do Gama?

O poeta, depois de visitar esses torreões musgosos e cobertos d'era, as choupanas dispersas que ladeiam a estrada d'Irlanda, viu a egreja e os camparios de Dudley, e foi depois derramar a sua admiração sobre Hagley-Park, uma das maravilhas inglezas que foram mais enthusiasticamente celebradas pelos grandes poetas que deu a mesma terra, Pope e Thomson nos instantes das suas mais altas inspirações! D'ali passou logo aos montes Cheviots e aos Grampians, e ás infinitas montanhas de Galles, onde se assentou sósinho, sobre as rocas denegridas e alpestres, envolto nos expessos rolos de nevoeiro, que ainda tornavam mais solitarias e lugubres essas penedias e pendores crêstados pela atmosphera abrasadora. Passando depois a Dublin e Newport pode apreciar então suspenso e extactico os grandes monumentos que já vira descriptos n'algumas paginas sublimes do engenhoso auctor d'essa epopea famosa que se intitula *Ivanhoé*, que o fallecido Ramalho de Sousa verteu consciensiosamente para a lingua portugueza, segundo affirmam os melhores commandantes do corpo litterario do nosso tempo.

Garrett pode então conhecer mais profundamente o grande homem, e o agigantado poeta que

a terra d'Escocia tinha lançado ao mundo e a seu seio o havia recolhido de novo, depois de o ver cançado em diliciar o universo com suas balladas e hymnos immortaes, e com aquellas prosas de rara fecundidade.

N'estas dilatadas viagens, Garrett empunhava sempre a sua pasta d'escriptor, e escrevia com traços ligeiros as impressões que ia sentindo. Essas impressões que trouxe para o reino, morreram —creio eu—nas gavetas da redacção d'um jornal ephemero que se publicou em Lisboa e onde elle as entregou para serem publicadas em pequenos fragmentos. Voltando á capital da Grã-Bretanha em 1829 entrou de novo no exercicio das suas funcções, addido á legação portugueza, e pouco depois mandou imprimir ahi uma linda collecção de romances do povo, e poemetos romanescos que intitulou humildemente *Lyrica de João Minimo*. Apenas conhecido o pequeno livro foi procurado com o mais vehemente transporte até pelos que não conheciam a linguagem dos Lusitanos. D'este volume de lindas poesias, escolheu as melhores peças, a distincta poetisa franceza Mll.e Pauline Flaugergues, e traduzindo-as para o seu idioma mandou-as junctar ás suas maviosas producções metricas, que publicou em Pa-

ris em 1841, n'um elegante livro que se intitula: *Au bord du Taje.*

N'este pequeno volume de preciosidades poeticas, vem uma linda ode, homenagem a Garrett, que corre traduzida em portuguez, pelo Sr. José Maria do Amaral, e publicada nas primeiras paginas das ultimas edições d'esse thesouro de sublimidades e grandezas que se chama *Camões*. N'este mesmo anno appareceu em Londres, o primeiro e unico volume que se chegou a publicar, do *Tractado de Educação*. Esta obra comprehende dose cartas que o auctor envia a uma senhora illustre encarregada da instituição 'udma nobre princeza.

Presumo que estas cartas foram escriptas á aia da senhora D. Maria II, que estava em Londres, n'essa epoca tão cheia de calamidades. Este livro em todas as paginas que são numerosas merece o nome que tem no frontespicio, já no'styllo sempre elegante e correcto, já na fecundidade dos bellos pensamentos, já pela ideia que o auctor desenvolve sempre com successo feliz, já pela erudição vasta e felizes comparações philosophicas, e exemplos historicos que apresenta para fazer sobresair melhor os seus preconceitos, já na linguagem sempre sã que adoptou nas

primeiras producções e jamais deixara de sustentar; ja nos periodos dissimuladamente engraçados que ninguem soube apresentar melhor do que elle: assim como nos breves mas explicitos conselhos que dá ás turbas de que se constitue tribuno para as guiar ao porto da regeneração social.

Ouvi dizer ou li algures,—não me posso agora recordar onde—que este bello estudo constava de tres volumes, mas que se perderam dois no lamentavel naufragio que succedeu nas agoas da Foz do Douro, durante o cerco do Porto, e não ha noticia de que Garrett, tornasse a por em pratica esse monumento; primeiro no seu genero em Portugal. É pena que obras d'estas não cheguem ao poncto que imaginam os homens ousados e talentuosos como era Almeida Garrett, mas esse só volume, fornece-nos forças para dizer-mos que já possuimos um *tractado d'educação*.

A grande victoria que os constitucionaes ganharam na ilha Terceira—Praia—em 11 d'Agosto de 1829, cantou-a Garrett em Londres, n'uma composição poetica recamada de tão verdadeiro amor patrio, que alem do *Camões* e *Catão*, parece-me que nenhuma poesia lhe saiu tão do inti-

mo d'alma. É um dos mais arrebatados pensamentos que tem a sua numerosa litteratura! Ainda faz vibrar com mais vehemencia as cordas do coração, do que a ode que citei no principio da biographia, que elle recitou na Athenas portugueza. Esta composição intitula-se: *A Lealdade, ou a victoria da Terceira*, e Garrett dedicando-a ao conde de Villa-Flor, depois duque da Terceira, e aos bravos soldados da constituição, mandou-a publicar n'um dos primeiros numeros do *Chaveco Liberal*, jornal que se publicava em Londres nos fins do mesmo anno, pelos illustres emigrados portuguezes. Depois o poeta mandou-a imprimir em separado n'um pequeno folheto, em consequencia de receber muitos pedidos de Portugal e França. Esta deliciosa canção tem vinte capitulos, em varios metros, e acaba com coros de soldados exaltando D. Maria II, ao throno que estava occupado por D. Miguel.

Nos principios de 1830, tempo em que o poeta esteve por ventura mais despreoccupado e tranquillo no desterro, começou e concluiu um trabalho que lhe deu uma grande honra, e o fez subir mais alguns degraus, do throno, em que conterraneos e affastados o haviam erguido, para ser admirado pelos pygmeus da posteridade! Contan-

do approximadamente trinta e um annos d'idade, tendo provado já as mais amargas vicissitudes e desenganos, e sentindo-se muito mais abastecido de estudos, era de esperar que voltasse os olhos para o seu passado litterario, onde pairavam algumas nuvens crianceiras que percisavam de ser dispersas; e assim o executou n'esse anno. N'uma d'essas horas divinas em que sentia subir a imaginação rodeada de luz ás altas regiões de Phebo, lançou mão do seu querido *Catão*, e fez-lhe uma authopsia formal. Leu, releu, cortou-lhe os versos que tinham a cor da infancia, animou o que se abysmava no rastejamento, fez descer o que se alteava demasiadamente, alterou, modificou, dividiu-o todo em pequenos molhinhos borrifou-os com o balsamo da sua intelligencia, e depois de reverdecidos, enfeixou-os todos com tanta segurança que nenhuma tempestade poderá destruil-os. Depois de tão correctamente emmendado com aquelle cuidado que empregava sempre, enviou-o á imprensa londrina, onde saiu a segunda edição precedida d'um longo prefacio cujo principio é concebido nos seguintes termos:

«A extrema indulgencia com que este drama foi recebido do publico, impunha ha muito ao auctor a obrigação de o emmendar, e tornar mais di-

gno de tão lisongeiro favor, do que elle saira na primeira edição. São todavia passados mais de quatro annos, desde que ella se extinguiu, e só agora, na preguiçosa convalescença, de longa enfermidade, appareceu breve remanço, de mais serio trabalho que se lhe podesse dar. Sobre feiissima d'erros d'imprensa, saiu aquella edição, com todas as folhas do primeiro molde, incorrecta no styllo, falta de natural e verdade na phrase. Alem d'estes senões de colorido accresceram alguns e muitos no desenho, impropriedade na fabula ou enredo no drama, ou correcções nos caracteres e semelhantes. Todos estes defeitos nasceram dos vinte e tantos dias em que a tragedia foi composta ensaiada e representada, e dos vinte e um annos que então doudejavam no sangue de quem a escrevia. A todos esses e ao mais capital d'elles, — á tibieza e requenez do quinto acto, se poz peito em evictar n'esta edição.

. . . . . .

. . . . . .

«O desanimador estudo do coração humano, o fatal conhecimento das humanas paixões, e de sua influencia e acção nas revoluções politicas, o habilitaram para entender agora melhor o seu Tito-Livio, e o seu Plutarcho. Assim commentado,

pela experiencia de dez annos de revoluções, esses dois grandes phanaes da historia antiga, guiaram o auctor da tragedia, nas formas que n'ella fez, no desenho dos seus caracteres, e no colorido de muitas scenas que na primeira edição visivelmente mostravam a mão inexperta do pintor que as traçava sem ter d'onde as copiar do vivo.»

Ora escrevendo aqui as proprias expressões do grande poeta, julgo ter cumprido soffrivelmente a minha missão, com relacão á melhor tragedia que possuem os portuguezes. Tenho ouvido dizer que a *Castro* d'Antonio Ferreira, e mesmo a de João Baptista Gomes, são melhores do que o *Catão*, porem eu sustento e sustentarei em quanto tiver olhos para ver, e ouvidos para escutar, que o *Catão* é o melhor drama em verso que existe na nossa lingua.

Pelo meiado de 1830, quando essa apertada crise de Julho pôz em alvoroço uma vasta legião de portuguezes, e fez ranger os prelos de mais d'uma nação, acabava João Baptista d'escrever, e entregava aos prelos, um dos seus mais admiraveis festões litterarios. Era o livro de *Portugal na balança da Europa*, inspirado pelos movimentos revolucionarios, que se crusavam entre as tres

nações que se estendem entre o Minho e o Sena.

Garrett encarou silencioso e resoluto esses horisontes inflammados das tres nações, e com especialidade as absurdas colligações da França e subindo aos pincaros do seu alevantado Sinay, derramou os olhos fulminantes sobre esses campos tempestuosos, como os volveria o triste orphão vendo-se desherdado, repellido e expulso dos seus dominios, por tutores desalmados, e depois de conhecer a area onde se urdiam tantas traições e ambicões; desceu ao gabinete de escriptor, e começou a meditar. Pousando então no silencio mais perpetuo, o braço vigoroso sobre alguns quartos de papel, empunhou uma palheta d'aço fino e deu principio a um grandioso espelho, onde presentes e vindouros tivessem a historia dos trabalhos mysteriosos, com que os *grandes homens* do seculo, pretendiam calcar a bandeira da sancta liberdade e hastear em seu logar brilhante, a do fallaz despotismo, cravejada de grilhões para apertar os pulsos aos desgraçados povos da Europa. N'este livro phenomeno apparece tão vivo e grandioso o coração d'um grande estadista como no *Camões*, o d'um poeta de coração e alma. Era uma imaginação infatiga-

vel e creadora, aquella do gigante cantor de *Camões*. Quando saia um novo livro d'aquelle cerebo fogoso e ardente, não era mais um volume que ia encher as bibliothecas, mas sim um novo homem que surgia no mundo rodeado de luz, para arrancar um povo afflicto dos carceres da ignorancia e encarreiral-o ao campo do engrandecimento e da suprema ventura.

Este rouxinol,... sim rouxinol, por que o rouxinol canta,! — não trinava só entre a copa da laranjeira ou no silvedo, onde dera os primeiros signaes de vida; alava-se á vista do loureiro altivo, e ia espalhar as suas melodias sobre o choupo gigante que devassa os ares.

E em todos os campos sabia manejar com destreza aquella penna explendida e brilhante que empunhou durante tantos annos.

Honra ao seu nome que está já gravado na columna da celebridade, como o d'aquelles que augmenta em grandeza, á maneira que correm os seculos.

«A minha vóz, o meu sincero empenho
«Todo o meu coração é pela patria,
«É pela liberdade...»

(Garrett.—*Catão*)

VIII

Em 1831 ainda Almeida Garrett se conservava em Inglaterra, onde vivia irosuluto esperando que rebentasse entre seus companheiros do exilio, o grito d'alarma, e apparecesse no mar um vaso de confiança, que os transportasse ao seio de seus leaes amigos que pelejavam na patria e na ilha Terceira contra as tropas de terra e navaes, do usurpador. Quando souberam no estrangeiro que chegára á Europa o duque de Bra-

gança e se achava á frente dos defensores da Terceira, Garrett assentou praça n'um batalhão de caçadores formado em Belleisle, e embarcou em seguida, desembarcando nas agoas dos Açores, em Março de 1832, ao cabo d'uma viagem tormentosa e longa.

Quando a corveta começou a frizar ligeira os mares açorianos, ouviram os de terra uma celeuma confusa que saia da embarcação que se aproximava. Os emigrados, subiram em grande copia á amurada do navio, e mal poderam distinguir os pincaros agrestes de Monte-Brasil, fizeram eccoar pela extensão das gandras estas saudosas e enthusiasticas palavras — *Patria! Patria!! Viva Maria! Viva a Liberdade!!*

Saltando logo nas praias da Terceira essa expedição do exercito libertador, foi Garrett visitar alguns velhos amigos que ali possuia do tempo da infancia e de quem recebera boas provas de amisade quando ia visitar aquella terra onde se relaccionara estreitamente com as musas que tão perfeitamente cultivava. Passados poucos dias sem haverem operações de parte a parte, foi chamado para trabalhar no gabinete do então ministro da fazenda de D. Pedro, e encarregado interinamente de pasta da justiça na ilha Terceira, José

Xavier Mousinho da Silveira, onde esteve funccionando emquanto o Regente permaneceu nos Açores. Tres mezes depois d'estar no gabinete de Mousinho, foi nomeado para ordenar e dar execução a varias leis organicas, o que elle executou com grande prudencia e merito não conhecido nos seus predecessores na legislação. Por este tempo era já disolvido o batalhão em que se alistara em Belleisle, e Garrett pediu então para servir voluntariamente no batalhão Academico, e sendo-lhe satisfeito promptamente esse pedido, embarcou para o reino com esse montão de liberaes, deixando summamente penalisados os dignos habitantes da Praia, com quem convivera alguns mezes nas mais estreitas relações d'amizade. Sobre este golpe fatal, soffreu o poeta outro ainda mais pesado, que o fôra ferir profundamente no coração oppresso. Foi o transe doloroso porque passou ao affastar-se dos seus nobres amigos, e das sympathias que grangeara entre elles,—uma dura injustiça, um acto quasi despotico, que lhe fizeram os seus superiores, quasi na hora extrema de partir para o continente. Tendo o poeta tratado na vespera, do ajunctamento das suas coisas, para as levar para o Mindello, o commandante do corpo, ou quem mais governava, ou

queria governar, obrigou-o a deixar a ilha immediatamente, sem a companhia dos seus thesouros litterarios que tanto lhe haviam custado velando noites inteiras para os por em ordem de ver o mundo da publicidade, e talvez o unico sacrario onde ia deliciar o espirito nas horas em que o aborrecimento e os vacillantes negocios da patria lhe amarguravam a vida de peregrino. O poeta obedeceu submisso ás ordens formaes de quem o constrangia a tal ponto, e disse adeus aos Açores resignado e sereno, empunhando a pesada arma de voluntario, e carregando com a mochila de soldado raso. Foi por este motivo que sendo-lhe mais tarde enviado para o Porto o volumoso fardel de litteraturas diversas, se perdeu no fundo do rio Douro, quando a embarcação que o conduzia juncto com as malas dos seus companheiros entrara a barra medonha que conduz á cidade invicta! Assim desherdado, o viram pouco depois saltar nas areias do Mindello, com um sorriso de verdadeira alegria estampado nos labios, e a espingarda constitucional descançada sobre o braço de poeta, e sentar-se logo ao pé de seus collegas, e pousar sobre os joelhos a marmita esfomeada onde se distribuia o alimento deslavado aos pugnadores da liberdade. Ali masti-

gando as batatas cosidas com o salgado bacalhau da constituição, o viram todos resignado, encarar contente, as agoas socegadas, que se destendiam ao longe em calmaria, e sorrir para os que o rodeavam, dizendo que breve teriam o prazer de ver a patria em igual quietude, rendido o detestavel despota a quem proximo faltariam os meios de resistencia. No fim d'esta ligeira e pouco frugral refeição, pegou n'um pequeno livro, que um seu camarada lhe apresentou aberto, e derramando um olhar fugitivo sobre algumas paginas exclamou transportado d'alegria e consolação, como se ali estivesse o balsamo refrigerante para lhe sanar as chagas abertas no coração: «—Meu pobre filho... foste gerado no sèio das afanosas angustias d'um desterrado, e com elle te has alimentado durante o peregrinar doloroso d'um viver d'amarguras, mas alfim teremos o premio... o premio que aguarda na patria o infeliz proscripto, que traz os pés cravejados das areias das gandras torradas, e o coração rasgado pelos abrolhos das invias florestas de traidores.

Descança meu filho, que depoz a lucta que prestes acabará, gosaremos o delicioso repouso em nossos lares, e tu serás querido e acatado pelos

homens de coração que são (1) indulgentes e presam os exforços dos infelizes.» E limpando uma lagrima que lhe escorregava pelo rosto rugoso e palido entregou ao soldado o fructo das suas saudades. Era o poema *Camões!* Erguendo-se pouco depois o batalhão, o poeta esqueceu as suas desgraças e a dos seus livros, e viram-n'o todos então galhofar e rir com os seus mais sympathicos amigos na marcha para o Porto á rectaguarda das tropas do Mindello. Pouco tempo depois que chegou á cidade invicta, foi Garrett encarregado como official maior, de organisar as secretarias d'estado dos negocios do reino e estrangeiros, pelo que foi muito elogiado e obsequiado pelo imperador D. Pedro, quando viu os seus perfeitos trabalhos que seriam certamente envejados pelos estadistas mais eminentes da Europa. Em Agosto de 1832, tendo mais vagar começou a fazer o rascunho do primeiro volume do romance *Arco de Sanct'Anna* de que fallarei adiante. Em 19 de novembro do mesmo anno de 1832, foi o poeta enviado em commissão a Londres como secretario da missão extraordinaria incumbida ao duque de Palmella, Mousinho d'Albuquerque, e marquez do Funchal; e depois de con-

(1) Veja-se a nota no fim.

cluir essa missão importante embarcou para França a visitar o nobre Palmella que fugira para ali com sua familia quando chegou em 1830 ás agoas da Praia que estavam tomadas pelas grandes forças navaes do usurpador. Por muita felicidade pôde n'essa occasião, salvar-se o duque com sua esposa, bastante doente, e outros diplomaticos, na escuna britannica *Jack of the Lantern*, porque se as embarcações de D. Miguel lhe podessem estender as garras sedentas, sugeitava-se a soffrer uma morte affrontosa no continente, como succedeu a alguns desgraçados portuguezes, e succedia ainda mais se os exforçados liberaes não se apressassem a saccudir o jugo traidor que os martyrisava. Assim, escapando quasi milagrosamente, a essa tortura, foi residir para uma povoacão denominada Passy, nos arrabaldes de Pariz.

Chegando o illustre poeta á grande capital da França, e não encontrando já o duque, ficou ali por algum tempo — julgo que por falta de meios com que se transportasse a Portugal — até que pôde voltar finalmente á patria, indo logo apresentar-se ao corpo onde deixara a sua querida espingarda, mas não chegou a abraçal-a de novo, porque o ministro encarregou-o da reforma geral

dos estudos do reino, entregando-lhe a nomeação de secretario d'essa commissão.

No fim de grande e trabalhosa lida, deu Garrett por finda a commissão, apresentando ao ministro um perfeito reportorio para illucidar os membros d'essa juncta sobre o melindroso assumpto.

Foi muito elogiado o pensamento do auctor, mas infelismente esta tentativa não pode vingar os desejos do ministro em consequencia da repentina e inesperada doença que surprehendeu o Regente, e ainda mais porque o thesouro não podia com as enormes despezas que demandava tão util, quão espinhosa empreza, — e assim ficou aquelle perfeito trabalho, dormindo na secretaria, como todos os planos de grande merecimento, servindo só mais tarde de modêlo para crear varios systemas, que se teem adoptado, quasi todos d'uma duração ephemera.

Vendo o poeta que não davam desenvolvimento e execução ao seu prospecto, pediu que ao menos lh'o conservassem intacto até que um governo mais resoluto, o posesse em practica.

Em 14 de Fevereiro de 1834 foi o auctor do *Camões* encarregado de negocios de Portugal para a côrte de Bruxellas, onde serviu até Janeiro de 1836. Ali no exercicio das suas funcções, pô-

de dar-se com affinco ao estudo da lingua de Goêthe, Schiller e Klopstok, os escriptores que melhor conheceram e cultivaram a litteratura allemã. No fim de tantos annos d'amarguras e trabalhos, levava a effeito um desejo que alimentava desde os primeiros annos da academia, o de conhecer esses tres grandes vultos da culta Allemanha. Nas horas em que o seu ministerio estava sem negocios d'importancia a tractar, encontrava-se sempre João Baptista amarrado com pura devoção aos melhores livros de João Wolfgang, o poeta que em creança chorava d'alegria vendo representar no theatro burguez de Francfort, as peças horripilantes dos tragicos antigos.

Em tão boa hora começou Garrett a estudar a lingua progressista da Allemanha, que nos desoito mezes que residiu em Bruxellas, adiantou mais do que muitos naturaes que cursavam universidades.

Sendo nomeado ministro residente para a corte de Copenhague em Novembro de 1835, não acceitou esse cargo em consequencia de sentir a saude fortemente abalada; e conservou-se na Belgica como deixo dito, até Janeiro de 1836. Ali foi que o rei Leopoldo o agraciou com a honrosa condecoração d'official da sua Ordem no

dia 7 d'Agosto de 1835, e pouco depois ou pouco antes foi feito commendador da Ordem de Christo.

Voltando a Portugal, recusou-se a acceitar o cargo d'administrador d'um dos melhores districtos administrativos que lhe foi offerecido por essa occasião, bem como a nomeação d'enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para a corte do Brazil.

Em Junho ou Julho do mesmo anno de 1836, tendo os deputados da opposição deliberado crear um jornal politico, entrou o poeta para essa sociedade, e fundou o periodico com o titulo de *Portuguez Constitucional*, e colaborou-o — creio eu — alguns numeros, mas pela revolução de Setembro deixou de tomar parte na redacção. N'este tempo recusou-se a acceitar varios empregos que lhe offereceram, como o lugar de Presidente do Tribunal superior do Commercio, e de Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, e tambem uma pasta n'um ministerio composto d'individuos seus amigos pela maior parte.

Dando de mão a todos estes offerecimentos que lhe faziam a todo o momento, pediu em compensação a S. M. F. que fosse condecorado com a medalha da Torre e Espada, o cavalleiro inglez

João Adamson, pelos grandes serviços que prestara a Portugal e sua litteratura, escrevendo as suas bellas *Memorias de Camões*. O mesmo solicitou para o digno historiador Roberto Southey, que escrevera a magnifica historia do Brazil. Estes dois cavalleiros foram agraciados promptamente pela senhora D. Maria II que mandou declarar nos despachos, que essas concessões eram feitas em attenção a João Baptista d'Almeida Garrett.

O poeta ficou penhoradissimo á Soberana por ver que ligava tanta importancia ás suas petições, e lhe dispensava tantas sympathias, a ponto de declarar que concedia honras e condecorações a seu pedido. Em 9 de Novembro d'este anno, foi o poeta nomeado Juiz do Tribunal do Commercio de Segunda Instancia, lugar que acceitou de boa vontade, e em 14 de Novembro do mesmo anno, agraciado com a carta de conselho, e o diploma de cavalleiro da Ordem da Torre de Espada do Valor Lealdade e Merito.

Passados alguns dias recebeu o cargo d'inspector geral dos theatros e espectaculos nacionaes.

Em 16 de Dezembro foi nomeado vogal da commissão encarregada de organisar as côrtes geraes e constituintes da nação. Por occasião de solicitar a mercê Real para os dois cavalleiros

Adamson e Southey, pediu tambem que se fizessem cavalleiros de Christo, o barão de Reifemberg, illustre sabio da Allemanha que prestara grandes serviços a Portugal e á rainha no tempo da emigração, e o director do observatorio de Bruxellas, Mr. Quetellet, philosopho e litterato distincto. Nos principios de 1837, foi Garrett nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario para a côrte de Hespanha, mas não pôde tomar conta d'esse cargo porque fôra então eleito deputado ás côrtes de 1836 a 1838, pela provincia do Minho, e pela ilha onde passou o fim da infancia e principio da adolescencia no regaço da familia, e embalado pelas saãs doutrinas de D. Frei Alexandre da Sagrada Familia seu tio e mestre. N'este tempo era Garrett membro honorario da Academia das Bellas artes de Lisboa e d'outras associações. Escreveu tambem este anno, e publicou, o *Manifesto ás Côrtes Constituintes da Nação.* Sendo pois eleito deputado e tendo um lugar aberto na tribuna, pode o grande poeta mostrar ás turbas embasbacadas, a sua subida eloquencia, e a expontaneidade da palavra, que já divulgara inda joven, no tribunal, onde fôra chamado para responder pela sua composição poetica que já citei, o *Retracto de Venus!*

Era esta talvez a primeira vez, que estremecia o vasto edificio de S. Bento, com os brados d'um orador robusto! Era a primeira vez que a numerosa assemblea borrifava as camaras, com lagrimas arrancadas ao som das palavras inergicas d'um poeta!

Aquelles que tinham ainda nos ouvidos, os eccos molestadores de passados oradores, levavam passo a passo, os lenços ás palpebras, para estancar as torrentes impetuosas que lhe rebentavam das orbitas, que tremiam com os olhares penetrantes d'aquelle genio superior e brilhante, que imperava forte e vigoroso sobre a grande assemblea! O grande orador, derramando aquelles jactos de sublimes pensamentos, sobre o audicterio estactico e silencioso que o escutava n'esses deliciosos momentos d'altiva e não imitada inspiração, e fazendo silenciar profundamente até os seus mais encarniçados adversarios da palavra, assimilhava-se a esse grande colosso de Rhodes, mirando do alto engrandecimento, as camadas de pygmeus, que o admiravam assombrados, envoltos no lodoso rastejamento em que jaziam esquecidos. Tudo era pequeno e enfesado ante aquelle vulto gigante, que ninguem ousara acommetter! Tudo tremia e enfiava, quando elle batia com

altivez e vehemencia as robustas azas da intelligencia, remontando as erguidas regiões, onde a nenhum orador fôra dado chegar. Até Jose Estevão, o proprio Jose Estevão, o Eschines portuguez, e talvez primeiro orador nos conceitos oraes, exactas e engraçadas comparações, e citações eruditas que apresentava no discurso, muitas vezes tremeu e vacilou, para lhe responder e affogou no peito a palavra fulminante que lhe povoava os labios, com que pretendia cortar o discurso do enthusiasmado orador. Éra que o exaltado Estevão, receiava perder n'aquelle oceano d'ouvintes, o qne já tinha colhido em dilatados debates parlamentares, — a profunda sympathia, e alta estima que os portuguezes lhe tributavam! E quem não confrangiria o animo e a vontade, ante a figura arrogante e intelligente, do gigante cantor de Camões?! Quem entraria na louca empreza de querer apagar-lhe aquelle fogo, que reverberava nas frontes dos demais oradores, e lhes offuscava a pequena luz do espirito?!

É que José Estevão nunca havia conseguido o que Garrett fisera ao dar a primeira passada sobre as aras! — tomar o pulso a toda aquella caterva d'aspirantes a oradores, e mesmo aos já consummados — Jose Estevão era fogoso, elo-

quente e dominador, mas esse mesmo fogo queimava-lhe quasi o uso da razão, e o residuo d'ella, fugia-lhe por fim, impellido pelos ventos, assoprados por aquelles que brandiam as mesmas armas e na mesma área que elle pisava na lucta. Garrett esse, era já um genio muito differente, e uma razão mais firme e pensadora, um talento mais profundo! Todas as suas palavras saiam sempre cheias de convicção e robustez! Não titubeava para divulgar os seus pensamentos, como esses oradores que estão sempre repetindo o fatal *digo*, que rouba inteiramente o merecimento e a força á oração, que acaba quasi sempre com a friagem do gêlo.

Garrett, era sempre firme e inquebrantavel, nas suas affirmações ou negações. Jamais as camaras o ouviram pedir desculpa dos erros que commettera no calor da discussão, como acontecia a Jose Estevão. Essa fraqueza, humildade, sede d'applausos, ou não sei se diga ignorancia, que possuia o maior emulo d'Almeida Garrett, nunca girava nas veias d'este. O poeta orador nunca descera á humilde posição d'Estevão; nunca se arrependera de proferir os dictames que sentia ferver no coração, e lhe subiam ao cerebro em cachões indomaveis. Era a viva imagem

do positivismo; não retirava as nobres filhas da sua lingua, porque eram expellidas pela alma, e estrivavam-se logo sobre o amplissimo estrado da verdade nua e crua. Depositadas ahi, as suas francas e leaes opiniões, jamais o deixariam manchado como o soro abominavel da mentira. Garrett, não fallava com os labios, ou fallava pelos labios: as suas palavras saiam espontaneas dos *seios d'alma*, e voavam aos ouvidos dos ajunctamentos, sem que a lingua tivesse tempo de as emprazar um instante, para lhe tirar a força que trasiam d'aquelle vaso inestimavel.

Garrett, era um d'estes genios phenomenaes, que em cada palavra legam ao mundo uma grande sentença, e fertilisam os torrões encadecidos pela aridez da atmosphera com cada pégada, que imprimem na terra; cujas lagrimas nutridas com o amor da patria, lavam complectamente a ignorancia d'um povo! Haviam momentos em que se exaltava tanto em fallar de passadas desgraças e vecessitudes suas e alheias, que se lhe enluctavam os olhos, e soltavam intensas cachoeiras de pranto, que lhe subia ali sob a influencia dos seus sentimentos nobres, e puros affectos que alimentava pelos irmãos oppressos! N'essas situações de excessivo enthusiasmo, cu-

jos eccos enterneciam os corações mais impedernidos, não era o homem que fallava, o orador que buscava termos fulminantes para verter sobre um montão de homens d'uma classe mais humilde ou illustrada que a sua, nem mesmo o poeta que dilirava sobre os bordões cançados d'uma lyra apaixonada, não; eram as cordas mais intimas da alma d'um genio privilegiado, que vibravam aos sopros d'um coração generoso, que se debatia em guerra de morte, com as lufadas procellosas que tentavam cortar-lhe a passagem que operava no caminho da virtude e da lealdade, para que seus irmãos o seguissem até chegar ao templo da felecidade.

Não era a lingua que dictava o prospecto da fuctura tranquilidade dos povos, era a alma que suspirava, na incerteza de saber se os seus ais eccoariam no céu. Era o amor que consagrava á patria, que o transportava a essa elevação desmedida, onde bebia aquelle genio arrebatador que ali derramava; eram as ideias amargas que inda lhe povoavam a mente, do que soffrera em prol da terra onde abrira os olhos pela primeira vez, quando viu seus altares profanados, pelos homens que constituiam a tyrannia que ahi reinou alguns annos: era o anciar fervoroso que alimen-

tava, de não medir mais, os dédalos pavarosos que topara durante o seu vaguear de peregrino por climas estranhos, debaixo de sóes e ventos que lhe crestaram a fronte durante o seu viver de miseria.

Conhecia-se n'aquelle ser previlegiado uma tão vehemente força moral e persuasiva, que não parecia robustecida ao sopro dos ventos terrestres, mas abençoada e deposta nos seus labios eloquentes, por Aquelle que creou o céu e a terra, o bom e o mau, que é juiz superior, entre todos os juizes que julgam os actos dos povoadores do mundo. Era a voz d'um anjo que descia á terra, para abafar o ecco pestilente das paixões desenfreadas d'alguns membros que constituem este amalgama incommensuravel, onde chafurdam os entes virtuosos, no lugar que era destinado aos réprobos.

Garrett era grande, muito grande, grande poeta, grande orador, grande dramathurgo, grande publicista e grande alma, como poucas teem havido na nossa terra. Era grande, sim, ninguem o nega, mas no meio de todas as suas grandezas, tambem provou por vezes, algumas rebeldias do estro. N'esses instantes ou momentos de contradicção — faça-se-lhe justiça! — via-se-lhe pairar

no rosto pallido, e ás vezes affogueado, um amarello vislumbre de colera e despeito, mas que elle dissimulava promptamente, com o sorriso sarcastico de que soube usar sempre com maravilhoso exito.

Mas aquelle sorrir de cynico, que tinha pendente dos labios perante as mais apertadas situações, não brotava certamente do seu peito sensivel e generoso; alimentava-o só exteriormente, para sustar o peso da maldição dos homens que tentavam derrubal-o a toda a hora, do alto do seu pedestal. Era sublime contemplal-o, em briga renhida com os dois unicos elementos que o estimulavam para arrancar a espada de sceptico, e cobrir-se com o manto do cynismo,— o desejo de revelar os seus intimos pensamentos, debatendo-se em guerra medonha com a musa oratoria, que se recusava a inspiral-o quando as suas tendencias eram para batter, e menospresar, as loucuras que lhe repercutiam nos ouvidos, e via commummente sanccionadas pelos deputados que nada iam fazer ás côrtes em proveito da patria, que precisava quem lhe desse apoio e não a fizesse descer aos abysmos da extrema aniquilação? Foi assim que este talento superior e monstruoso, entrou na liça oratoria, ladeado

pelos adversarios enraivecidos, que deposeram vergonhosamente a arma da cobardia. Foi um genio incomparavel no nosso seculo! Principe ousado em todos os themas em que metteu o pé pela primeira vez: caudilho exforçado em todas as missões de que o encarregaram.

Ninguem como elle, soube manejar o florete deffensor nas aras parlamentares, contra os contendores sophistas que o atacaram á queima roupa; ninguem como elle, soube atravessar a barra da intelligencia, no caminho que seguiam os Zoilos no campo das lettras; ninguem como elle soube receber o choque dos desappontamentos da vida, que sempre o seguiam de perto! Ninguem se resignara mais, perante os sóes envenenados qne lhe beijaram as labios, deixando-lhe por legado a descrença e o sepcticismo; ninguem ousou lançar a mais leve passada alem da sua, mas atreveu-se elle a deital-a á frente de todos.

Viu-se-lhe adiantar o passo á frente do grande Coelho de Magalhães, o orador que não estremecia diante de ninguem, e zombava do mediocre cabedal dos que oravam a seu lado; e então, escutal-o com a fronte baixa como quem temia ser fulminado por aquelles olhares de fogo

que Garrett assestava sobre o audictorio quando soltava a voz eloquente. Almeida Garrett, o orador que era agora respeitado e querido como um enviado de Deus, fora recebido nos seus principios politicos como o grande apostolo do Oriente, o leal discipulo de Loyola, o foi outr'ora pelos rusticos malequenses; mas os que antes o maldisiam e atacavam com a sanha do tygre curvavam-se por fim humildes ao vel-o passar, e adoravam-n'o. Com Garrett succedeu quasi que a mesma cousa. Os homens que o perseguiram ao vel-o nascer para a tribuna, confessaram-se vencidos finalmente, quando o viram erguer-se acima de todos, e rangeram os dentes invectivando a sua propria impotencia, como Satanaz mordendo na cauda quando S. Miguel o despenhou no inferno! E o nobre deputado envolvido em tão graves e trabalhosas occupações ainda lançava os seus meigos sorrisos para as suas pobres obrinhas como elle lhe chamava.

«Fraco homem de lettras sou, — não «presumo d'ellas, mas nunca prostitui «a minha prosa n'uma mentira, os meus «versos n'uma lisonja.»

(Garrett.—*Discursos)*

IX

Tendo-lhe sido como deixo dicto acima, encarregada a inspectoria geral dos theatros, e espectaculos do reino, começou por esta occasião a trabalhar com infatigavel constancia, para promover a instrucção de homens intelligentes para a litteratura dramatica, bem como n'outros generos, creando logo com muito trabalho o Conservatorio, edificando o theatro normal, e instruindo artistas escolhidos para a scena do novo

theatro que elle promettia crear com as suas peças, todas thesouros de sublimidades litterarias, como ainda não se tinham visto n'esses casarões d'espectaculo, que eram a vergonha da nação. Juncto com estas bellas instituições creou tambem uma meza de censura para as obras theatraes que seus auctores destinavam á representação, cujas funcções estavam incumbidas aos eclesiasticos. Garrett protegeu sempre com sincera cordialidade e boa vontade, todos aquelles que o consultavam, como litteratos, artistas, e todos os mais em que os seus profundos estudos podiam influir. Nunca fôra orgulhoso nem despota este grande heroe da historia litteraria do nosso paiz. Ensinava o que sabia, e empregava todos os meios que estavam ao seu alcance, para arranjar quem ensinasse aos outros o que elle ignorava. Aconselhava todos com a pura affabilidade que tinha sempre n'aquella alma de poeta; não era d'estes sabichões balofos da moda, que pretendem abraçar o céu e o mundo, e repelem os que se vão alistar nas mesmas fileiras. Garrett não era assim: quem o procurasse, encontrava n'elle sempre palavras meigas e de consoladora esperança, que são talvez as melhores academias, o melhor curso, o melhor apoio que o homem póde encontrar;

o baculo mais firme onde se apegue para lançar a mão aos ramos do erguido loureiro, e laurear a fronte que guarda o genio, muitas vezes dentro do involucro da timidez. Ahi temos para amostra do que foi o denodado escriptor, e do que os seus estudos e os seus maduros conselhos serviram, o nosso distincto poeta Francisco Gomes de Amorim, digno de todos os respeitos e elogios, pela gratidão e saudade que sempre guardou pelo mestre que lhe afinou as cordas magnificas d'aquella lyra, que começou a desferir as primeiras harmonias ao som do farfalhar ruidoso das palmeiras da America, e dos bramidos do colossal Amasonas.

Em 11 de Junho de 1838, começou Almeida Garrett a compor com toda a solicitude o *Aucto de Gil Vicente*, esse drama verdadeiramente portuguez que abriu com feliz successo as portas ao theatro moderno, e o expurgou das nauseantes cataplasmas dramaticas que haviam tido principio no antigo theatro do Bairro-Alto, e ainda se faziam ouvir então no fundo e arruinado barracão da rua dos Condes. Esta magnifica obra do auctor do *Catão* apresenta-nos um quadro sufficientemente avivado com as côres da epoca de el-rei D. Manuel, do caracter apaixonado do poeta

das *Saudades*, e do jocoso Gil Vicente, cognominado o *Plauto Portuguez*, que fez os alicerces para o nosso theatro antigo com os seus actos. Depois de complecto este bello trabalho, apresentou-o o poeta no theatro da rua dos Condes para entrar em ensaios, o que logo se fez, tendo logar a primeira representação na noite de 15 de Agosto do mesmo anno de 1838, entre os applausos vertiginosos, e bravos dos espectadores que todas as noites enchiam o theatro. Este drama foi impresso pela primeira vez em 1841, juncto com a tragedia *Merope*, que nunca tinha sido impressa até ali.

Por esta occasião sollicitou o novo dramathurgo, da bondade Real, que fossem condecorados distinctamente os melhores litteratos e artistas qne então floresciam, e pôde alcançar a medalha da Torre de Espada para o seu Illustre amigo e collega, que Deus conserva ainda entre nós para sustentaculo das nossas lettras, o sr. Alexandre Herculano — o inspirado creador ou animador d'Eurico, essesacerdote guerreiro, e da virgem e apaixonada Hermengarda, a victima do soberbo e ambicioso duque de Cantabria seu pae, e auctor de muitas outras obras que serão sempre universalmente estimadas, e jámais deixarão de occupar um lugar

distincto nas livrarias dos homens que amam apaixonadamente as bellas-lettras, e os cultores da ideia que souberam profundar o coração humano. Igual mercê, pôde alcançar Garrett para o sr. Antonio Feliciano de Castilho (hoje visconde) o profundo auctor da *Novissima Heloiza* da *Chave do Enigma*, do estudo poetico ácerca de *Camões*, dos *Ciumes do Bardo*, e de muitos opusculos que a nação folhêa com avidez pelo seu grande merecimento poetico e philosophico!!!

Pouco depois foi tambem agraciado com a medalha da ordem de Christo, a pedido de Garrett, o distincto actor Epiphanio Aniceto Gonçalves e outros lidadores do theatro, como scenographos, e varios individuos pertencentes a diversos ramos artisticos e scientificos, que se cultivavam no conservatorio que elle havia instituido com todos os seus exforços.

Até áquella epoca ainda se não tinha premiado devidamente no nosso paiz um operario da ideia, ou um artista de talento superior, como tantos que nasceram sob este delicioso firmamento, e morreram sem premio, como Pacheco, Albuquerque e Camões!

Vergonha!! Foi necessario que surgisse Garrett d'entre os espinhos do desterro, para dar esse

grande exemplo aos nossos reis—ensinal-os a recompensar os serviços dos homens extremados por talentos e virtudes, como tantos gigantes Lusos que a sociedade percebeu só para os martyrisar e matar com fome e apupos.

Se este grande genio tivesse nascido tresentos annos antes e presenciasse os quadros desoladores que pintou no seu *Camões*, não teria o principe dos poetas portuguezes acabado os dias tão desamparadamente, entre seus irmãos, que é um labéo vergonhoso, estampado na fronte dos descendentes do grande vencedor d'Ourique!

A victima da hypocrisia vil dos falsos conselheiros, (1) havia de se mover ás expressões do cantor de *D. Branca*, e o amante da infeliz *Natercia* seria bemdicto e acatado, pela corte do monarcha que perdeu a vida em Alcacer-Kibir, e premiado pelos seus trabalhos d'espada e penna. Mas desgraçadamente, Almeida Garrett só appareceu entre nós, quando os ossos do grande Luso eram jà extinctos n'uma sepultura ignorada pelos portuguezes!

É pena que existencias tão sublimes como a de João Baptista, só appareçam na terra de se-

(1) D. Sebastião.

culos a seculos; e o que ainda é mais lamentavel é que a sociedade que os rodea, não possua o necessario grau de intelligencia para os comprehender, e só lhes chame gigantes quando desapparecem do mundo, perseguidos pela miseria e pela infamia dos que embalançam thuribulos em derredor dos thronos onde se assentam os monarchas.

Se os agraciados ficaram gosando uma grande reputação e alcançaram uma coroa de gloria, a Garrett coube ainda muito maior gloria, porque foi quem ceifou os louros com que a fabricou para os condecorados.

Procedendo-se ás eleições geraes pelos fins de 1838, foi o nosso poeta eleito deputado pelas ilhas dos Açores, e continuou com as suas calorosas discussões, que chamavam todos os dias a S. Bento um ajunctamento escolhido e numeroso. Algumas horas que lhe sobravam das grandes lidas camararias, aproveitava-as n'um perfeito estudo, e projecto de lei para garantir os direitos de propriedade litteraria em Portugal; projecto que apresentou depois de inteiro, nas camaras, para ser discutido e resolver-se aquelle assumpto, que era o pensar constante d'alguns homens, havia já muitos annos, e que não tinham conse-

guido concluir, apesar das altas diligencias que tinham empregado.

Consta que este projecto de lei do grande talento, é concebido sobre bases tão solidamente construidas, e ideias tão ampla e elegantemente desenvolvidas e sensatas, que faria inveja aos projectos dos estadistas mais notaveis das outras nações. — Correndo logo impresso este primor d'estylo e pensamentos inteiramente novos, foi parar ás mãos dos homens mais sabios nacionaes e estrangeiros, recebendo uma honrosa homenagem dos litteratos e estadistas da Allemanha, que viveram com Garrett em varias cidades onde elle esteve, e d'outros que o estimavam conhecendo-lhe apenas aquelle nome que soáva já grande e altivo nas terras mais illustradas da Europa. Estes preciosos lavores litterarios, filhos de profundas meditações no regaço do silencio, foram no fim de muitos debates, approvados em parte pelas camaras dos deputados, em 1840, e passado isso esqueceram-n'os redondamente sem que podesse vigorar essa lei, por não ter sido commumente approvada pela camara dos dignos Pares, e passou muito tempo sem se fallar em tal assumpto.

Em 2 de Julho d'esse anno de 1840, foi Garrett

nomeado plenipotenciario do governo, para convencionar um tractado de commercio e navegação com a republica dos Estados Unidos da America, cujo governo, solicitava essa convenção com Portugal desde muitos annos, e nunca se concluira, apesar de se entregar o desempenho d'ella, a varios homens publicos, que sempre a deixaram aquasi no ponto de partida.

Garrett pôde avançar mais, e em menos espaço de tempo de que os seus passados. Começou a desempenhar essa commissão, com a influencia que se dava ás coisas, de que o encarregavam, e conseguiu assignal-a e concluil-a nos fins d'Agosto do mesmo anno. E alem de todos estes trabalhos a que se entregava, e negociações de grande responsabilidade, tinha a seu cargo corrigir, emmendar e dirigir a edição das suas obras complectas que vendera por esse tempo á muito acreditada livraria, conhecida em quasi todo o mundo, que gyra sobre a antiga e acreditada firma de *Viuva Bertrand & Filhos*, estabelecida proximo da egreja dos Martyres. Esta nova edição começa por *Camões, Catão,* e *Auto de Gil Vicente, etc.* Em 1837 era o poeta presidente honorario da Sociedade Escholastico-Philomatica Lisbonense, e no principio de 1840, membro corres-

pondente do Instituto-historico e geographico do Brazil.

Abertas as camaras de 1840, precedidas pelo gabinete de 26 de Novembro de 1839, e estreitamente apertadas pelos deputados dos bancos da esquerda, pode o ministerio alcançar o favor dos votos do centro, com que triumphou o poeta, tomando por essa occasião o logar de primeiro orador do centro, honra devida ao seu conhecido talento, e ainda mais á cordial amisade que lhe tributava o seu amigo, e collega na tribuna, Rodrigo da Fonseca Magalhães que servia então interinamente de ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, funcções que chegou a exercer effectivo, em Junho de 1841. N'este tempo era Garrett socio honorario da Associação dos Advogados de Lisboa, e d'outras. N'esta sessão das camaras de 1840, Garrett, dispunha-se a combater inergicamente as vans opiniões dos oradores da esquerda, e sendo provocado d'aquelle lado antes que desse motivos para isso, tossiu assoou-se e ergueu-se, rugindo, qual Lycurgo arremettendo com Leocrates, e alongando os olhos sobre o expesso mattagal d'ouvintes, prorompeu n'um discurso de tanta força, que levou as camaras ao maior grau d'exaltação e temor! Dominou

todos e o proprio edificio, é muito natural que sentisse um abalo n'aquella occasião. Este discurso de grande superioridade foi preferido para refutar as ideias do primeiro orador da opposição, José Estevão, sobre o discurso da coroa relativo a questão ingleza, e o poeta intitulou-o *Porto Pyreu*, por comparar ali os seus adversarios com um celebre louco-sonhador da Grecia. Este rasgo sublime e grandioso do parlamento portuguez, è tão cheio de eloquencia, puras ideias, e imagens tão magnificamente debuxadas, conceitos tão firmes e convincentes, que os homens mais experimentados em pugnas oraes que se achavam nas camaras n'essa hora de espectação e delirio, affirmaram e affirmam ainda que é o melhor florão que existe nos annaes da tribuna portugueza! Dizem que atearia a chamma da inveja ao proprio Demosthenes se vivesse ainda.

Para se ter a certeza que foi um discurso de grande merito, não era perciso possuir-se a subida intelligencia que se necessitava para lhe penetrar no amago, e tomar conhecimento com as extremidades; bastava presenciar o espanto com que todas as camaras o receberam, e o silencio que reinou em tamanho labyrintho durante mais de duas horas que o poeta gastou a proferil-o.

O illustre deputado, depois de dizer que não fasia maior caso das calumnias que lhe teciam os seus adversarios, espalha nas camaras estas palavras que penetram como ballas nos corações prostituidos dos seus emuladores, fazendo abaixar os olhos a uns, e rugir de raiva a outros:

«Por mim, ladrem todas as gargantas do cão infernal, que nem me importa açaimal-o de força, nem uma *sopa* lhe hei de deitar para lhe calar um latido.

«Como cidadão nunca renunciei um direito, nem que me custasse a fazenda, a vida, a patria: tenho-o provado nos carceres, no exilio, na miseria...

«Como subdito nunca faltei a uma obrigação: e não menos assellei a minha lealdade.

«Como portuguez, nem um pensamento leve, momentaneo — chegou a cruzar-me inda no cerebro de que não possa vangloriar-me á face do mundo.

«Como funccionario publico, quiz minha boa estrella que ainda não estivesse em lugar a que podessem chegar nem as suspeitas da inveja...

«Fraco homem de lettras sou, não presumo d'ellas, mas nunca prostitui a minha prosa n'uma mentira, os meus versos n'uma lisonja. Fallem

esses opusculos que a nação portugueza ainda tem a indulgencia de ler. Fraco soldado fui, o ultimo o derradeiro d'essa phalange em que tantos morreram para nos immortalisar a todos. Mas não fiquei nos *bailes de Pariz ou nos pasmatorios de Londres* (1) em quanto os meus compatriotas vinham encerrar-se nos debeis muros do Porto; nem a minha mão apesar de imbelle e doente, recusou pegar na espingarda de soldado para ficar nas reservas de França e d'Inglaterra, manejando a penna censoria que tudo achava máu, quanto se fazia pelos que expunham a sua vida por elles. Cobri-me de vestido grosseiro, nutri-me do pão grosseiro do soldado razo, nunca tive outra paga e outra etapa, fiz como os outros sem ser valentão; e a debil pégada que o meu obscuro pé imprimiu nas praias do Mindello ha de ficar gravada na historia, como a dos bravos, cujos heroicos feitos rodeiam d'uma aureola de gloria, os francos serviços de seus honrados companheiros, que, para o commum empenho não deram pouco no que deram, porque era tudo quanto tinham.

. . . . . .

. . . . . .

(1) Palavras de José Estevão.

«No Porto Pyreu, estavam os que cobrindo as cazacas bordadas de brazões feudaes com a sotana de tribuno, escondendo debaixo d'ellas as decorações aristocraticas, iam fraternizar para os clubs republicanos a certas horas do dia; e n'outras despida a sotana, iam ás escondidas introduzir-se nos salões reaes, forrar as paredes do paço e desforrar-se em orgulho e vaidade, das horas da compressão em que tinham sido obrigados a affectar lhanesa e humildade. Como nos tempos de gloria da velha *rua dos Condes* e do *Salitre* quando o rei encoberto desabotoava o cazacão e proferindo a solemne palavra, *Reconheces-me?* caia tudo aos pés do rei de theatro e o theatro com palmas e bravos; assim succederá a estes quando o povo em mais vasta plateia abrindo-lhe a sotana de tribunos, vir por baixo as fardas bordadas em todas as costuras, o orgulho de fidalgos novos, a presumpção da gralha com as pennas de pavão. Tambem o theatro ha de vir então abaixo não com palmas, mas assobios e apupos!

«No Porto Pyreu estavam os que imaginaram que este honrado povo portuguez se tinha esquecido de que pela Legitimidade lhe viera a liberdade, que na fidelidade dos seus reis, tinha a me-

lhor garantia d'ella, e a *unica* de sua independencia; que na religião de Jesu Christo — a só crença que professa a igualdade do homem — tinha o mais seguro amparo e fortaleza de seus direitos. Que assentaram que bastava dizer insultos ao throno, para que o throno ficasse impopular; que bastava mofar da religião para que o povo abjurasse a religião de seus paes!

O povo zombou d'elles!! O povo curou-os da sua loucura, desenganando-os, amando a religião, respeitando o throno e querendo a liberdade com ambos. O povo foi o seu medico, queixem-se d'elle se podem, mas as receitas ahi estão—e as visitas do medico, ao menos não as pagaram.»

E assim acaba o grande discurso do gigante poeta-orador; do infeliz soldado da liberdade, do patriarcha das lettras, do talento incomparavel a muitos respeitos.

Toda a camara se sentiu dominada e assombrada com tão altos e firmes brados. A propria phalange da opposição confessou secreta e publicamente, quanto era insufficiente para se medir com aquelle choupo altivo! E esses oradores nada mais lhe fizeram do que a justiça que elle merecia, á vista d'aquelle rasgo inimitavel de grandezas do pensamento. Tamanhos turbilhões d'e-

loquencia não se podem comparar conscienciosamente na tribuna portugueza, se não com o vulto gigantesco de quem os derramou sobre a assembléa extasiada. Monumentos como este, não é dado a todos erguel-os, n'um jacto tão repentino e sublime, como aquelles com que Garrett fazia gelar o sangue nas veias dos seus renhidos oppositores que se mordiam por não terem forças para o imitar.

Comtudo o arrebatado José Estevão, estribando-se imperioso e arrogante sobre o numerosissimo partido que o cercava, para applaudir os seus conceitos e convicções, respondeu-lhe alguns dias depois n'um extenso discurso sobre a *ordem*, e arremetteu fortemente contra as doutrinas do poeta, mas as suas imagens nunca tomaram as côres vivas, e as formas divinas, das que apresentara Garrett, nem alvoroçaram tanto os ouvintes. Mas ousadia, atrevimentos, e citações eruditas já apregoadas mil vezes, não lhe faltaram desde principio até o fim do discurso, pelo que esperaram longo tempo as duas camaras com demonstrações de bem visivel impaciencia. O competidor de Garrett disse precipitado e colerico depois de se confessar inferior, e vencido por João Baptista, que os louros com que o poeta en-

ramava a fronte d'orador, estavam envoltos n'um retalho de manto cynico; mas estas palavras depressoras nada poderam humilhar o robusto animador do vulto de *Aben-Afan* e da *Menina dos Roixinoes*, por que o Porto Pyreu riu-se por essa occasião d'aquella caterva de... de envejosos, e gargalhará sempre sem temor, de todas as baforadas parlamentares que tenderem degredar Garrett, do campo onde elle derramou os puros incensos da intelligencia que lhe trasbordava d'aquelle vaso inexgotavel, em que muitos ambicionaram humedecer os labios que sentiam estalar resequidos pela esterelidade do talento. Mas não o conseguiram nunca, por que a taça onde o nobre poeta guardava alegrias e soffreres, crenças e desenganos, baixou com elle ao regelo dos extinctos, entornando-se com a convulsão temivel que gyrou no envoltario d'aquella maravilhosa reliquia, ladeada sempre de religião, poesia, e amor da patria,

Então, quando o viram cair, alguns que o rodeavam choraram vendo expirar aquelles raios vivificantes que brilhavam no pendor de sua fronte respeitavel; e outros resfolegaram com ruidoso enthusiasmo, porque já tinham auctorisação para dar á luz os seus fetos pêcos, e atiral-os ao

seio da sociedade, sem a presidencia do humano coração d'alguns parteiros que lhe censurassem o procedimento. Assim desassombrados depois da morte do fogoso orador, e senhores das multidões, tem alguns barateado mais facilmente, a honra, a pouca fortalesa, e a independencia da nação que lhes sorriu no berço, e vendido as proprias consciencias, ao ouro vil dos infames. Garrett nunca seguira os passos d'estes ultimos; soffreria de melhor vontade os horrores da fome e a escuridão das prisões, os cardos do exilio—assim o provou muitas e muitas vezes—os apupos e maldições da cohorte indigna que lhe escarrava nas pégadas, na impossibilidade de cuspir n'elle, e os escarneos da prepotencia encrespada, do que sacrificar as crenças de verdadeiro patriota, que tinha pousado sobre o altar da immutabilidade.

Por esta epoca foi o poeta nomeado chronista-mór do Reino, segundo alguns documentos que apparecem d'esta dacta.

E o poeta andava atraz dos ministros para alcançar tantas honras? Parece-me que não.

«E vós, vós todos assembléa illustre
«Os erros desculpae do ingenuo vate.
«. . . . . Louvor e applauso
«Nem o quero de vós, nem o supplico.»

(GARRETT.—*Catão*)

X

Dissolvidas que foram estas camaras, onde Garrett ganhara a reputação de primeiro orador, e colhera os mais gloriosos trophéus, recolheu-se ao silencio domestico, resolvido a descançar de tantas fadigas; porém, passado pouco tempo conheceu que a sua imaginação não queria descançar, e principiou a procurar um meio de a intreter, porque reagia fortemente contra a quietude a que elle a obrigava, e os limites que lhe circum-

screvia. No intervallo que as cortes se conservaram encerradas, abriu o seu bem concebido e proveitoso curso de leitura sobre historia, cujo prospecto de abertura lhe attrahiu uma immensidade de mancebos estudiosos que eram entregues n'esse tempo a mestres orphãos de austeridade e principios, para aquelle tão grave emprehendimento, e que para Garrett fora objecto da maior facilidade.

Annunciada a solemne abertura d'esse estabelecimento de novo genero em Portugal, compareceu ahi a côrte, o ministerio, quasi toda a diplomacia, as academias, as duas camaras do parlamento, os tribunaes, e alguns titulares com suas esposas, e muitas corporações e associações publicas e particulares que encheram as vastissimas salas da escola do Carmo, cujo edificio escolhera o poeta para estabelecer as suas prelecções.

Cheias as salas de senhoras e cavalheiros, e quasi concluidos os preparativos para o grandioso espectaculo, ao som de baixas murmurações do vasto audictorio, tudo esperava com viva anciedade o apparecimento do poeta-orador, que devia enternecer e fazer palpitar de goso o coração d'aquelles que sempre se sentiam impressionados com a sua voz surdo-clara.

Todos estacavam sempre ante aquelle semblante pallido, que manifestava com grande vantagem as amarguras tempestuosas que lhe tinham estalado o corpo, deixando-lhe por herança o continuo soffrimento, abraçado ao qual devia saccudir a vida á borda do sepulchro, rojando-se n'esse pavoroso recintho do esquecimento para receber em sua fronte explendida a terra arrastada por um coveiro miseravel.

Os cicios do grande audictorio, de cada vez se extinguiam mais na sala! É que todos esperavam anciosos a chegada de Garrett, e não queriam perder as palavras que elle se dispunha a proferir n'aquelle grande acto.

De subito correu nas salas um ruido mais distincto, que foi gradualmente expirando, seguindo-se-lhe um perpetuo silencio! Tudo silenciou então, como a fabrica a que travaram a machina de movimento! Tudo pareceu suster a respiração para não cortar aquelle silencio! Era chegado o novo corypheu da instrucção publica, que devia guiar os desprotegidos da fortuna ao templo que até'li tinham buscado em vão.

Garrett derramou um d'aquelles olhares expressivos de poderoso talento sobre a escolhida assembléa, e tomando o logar que lhe pertencia oc-

cupar, começou a proferir um discurso, em que manifestou a grande necessidade que havia d'uma escola de tal natureza em Portugal, para a real instrucção dos amigos da litteratura, e mais sciencias que encetavam, e se viam por fim na impossibilidade de as levar o cabo por falta de quem os quad'juvasse; o plano que lhe parecia mais adoptavel para o fucturo estabelecimento; e os fructos que d'ali se podiam colher em proveito do paiz, onde os homens mais extremados em lettras e sciencias, começavam a inclinar a fronte para a sepultura, como o chorão que dobra sobre o lago estagnado que lhe apodrece as folhas e a haste da vegetação.

As ideias do poeta, foram commummente applaudidas pelas numerosas corporações que presidiam á festa, e viram-se humectados os olhos dos que presavam as orações do poeta, e lhe conheciam o vivo desejo de instruir aquelles que eram pobres de espirito, por falta de bons mestres. Até se viram chorar d'enthusiasmo os proprios adversarios publicos e particulares do grande orador, cujo timbre de voz, accendia um não sei que, que enternecia e dominava. Até os genios mais insensiveis e frios se sentiam n'aquelle momento suspensos dos seus labios, e constrangiam

a custo, a respiração, para conservar a serenidade em que a assembléa descançava. No fim do discurso houve nas salas um complecto delirio! O audictorio deu então azas aos labios que mal podiam domar a força de enthusiasmo, e rompeu n'uma exclamação unisona, cheia de bravos e palmas: damas e cavalheiros, foram apertar a mão ao talentoso apostolo da instrucção; e elle recebeu todas essas provas de sympathia e affecto, com aquellas maneiras nobres e delicadas que eram tão suas, e imperavam sobre a amizade de quem tivesse a fortuna de tractar alguns momentos com elle.

Saindo parte do numeroso ajunctamento, apos aquelles vivos transportes d'admiração, ficou o poeta ainda algum tempo no gabinete, conversando com os seus amigos, ajudantes e discipulos, sobre a bella instituição e os applausos que recebera de pessoas tão instruidas e de que não era merecedor, dizia elle.—Mas estas palavras eram filhas d'aquelle bocado de modestia que sempre conservara, por que os seus trabalhos não mereciam só applausos e palmas, eram dignos ainda de muito maiores honras — que eu não me abalanço a dizer aqui.

Finda a conversação com alguns diplomatas,

que ficaram para o comprimentar, e varios alumnos do Conservatorio, retirou-se o deus d'aquelle templo, aberto aos devotos do adiantamento e propagação d'essa luz vivificadora e brilhante que no nosso mundo racional se chama — instrucção dos povos menos protegidos de fortuna, e bons mestres.

«. . . . . Tem maus figados a tal gen-
«tinha... Quebrou-se-lhes a arma do ri-
«diculo, tomaram sem escrupulo a da ca-
«lumnia.

(GARRETT.— *Gil Vicente*).

XI

Procedendo-se pouco depois a novas eleições, em varios districtos do continente e ilhas adjacentes, foi Garrett eleito novamente deputado por um dos circulos d'Angra do Heroismo, por Lisboa e Vianna do Castello. Sabendo isto o poeta, ainda se enthusiasmou mais com o seu curso, a que continuavam a presidir as mais illustres notabilidades da côrte, e um numero consideravel de estudantes de muitas esperanças que ali con-

corriam nos dias determinados. D'envolta com estes grandes serviços em proveito da patria, começou e acabou o poeta uma tarefa que só era digna de si e da sua penna robusta e cuidadosa.

Foi o seu elegante dramazinho em tres pequenos actos, cuja acção se passa na epoca da exaltação geral dos mais leaes portuguezes em 1640. O drama é formado sobre a restauração dos nossos torrões patrios, das garras dos castelhanos que havia tanto, que nos pisavam sobre a terra que nos pertencia. Pinta-se ali com côres inalteraveis o caracter immutavel e resoluto de *D. Philippa de Vilhena*, cujo titulo pôz o poeta no frontispicio d'aquelle rasgo admiravel da historia portugueza. Aquella scena em que Philippa estende o braço austero para seus filhinhos tenros empunhando a espada defensora, e os manda luctar até morrer pela independencia da patria, não é só uma obra cinzelada por um historiador attilado, mas tambem um quadro soberbo d'um pintor que despertaria certamente a inveja no proprio Rubens.

Como o poeta traça um drama sobre o pequeno mas excellente relampago historico! Que sympathicos caracteres, os dos personagens que elle apartou para a magnifica peça! E como é cor-

rente e portugueza aquella linguagem que põe na bocca d'algumas figuras!

Este bonito drama escreveu-o o auctor expressamente para ser decorado debaixo da sua direcção, por alguns alumnos de declamação do Conservatorio, escolhidos por elle.

De tal forma os influiu n'este poncto, que cheios de orgulho pelas palavras que lhe ouviram, estudaram em pouco tempo os seus papeis o melhor que se podia desejar.

Annunciado pouco tempo depois o ensaio geral, e convidadas as mais distinctas familias de Lisboa, e os principaes lidadores da scena portugueza, chamou Garrett os seus discipulos, e fel-os entrar em mais um ensaio para que o desempenhassem como era necessario diante de pessoas tão intelligentes e de tão apurado gosto. O poeta não cabia em si de contente vendo a boa ordem e felicidade com que os novos actores lhe animavam as imagens que esculpturara com o cinzel de dramathurgo!

Chegou finalmente a hora marcada para a representação! Entre os illustres espectadores que o poeta convidára, viam-se suas Magestades Fidelissimas, d'onde partiam a cada passo, as approvações mais animadoras, que os reaes espe-

ctadores terminaram no fim do espectaculo, mandando aos actores alguns presentes, de grande valor, e alta consideração.

Garrett, no fim, mostrou-se penhoradissimo ás Reaes Personagens que ahi se achavam, e a todas as pessoas que se dignaram acceitar o convite para a estrêa dos seus alumnos.

Foi uma festa explendida aquella representação da bella composição dramatica do sympathico chronista mór do Reino! Foi um acto grandioso, como ainda se não tinha presenciado em Lisboa.

Decorrido mais de meio, o anno de 1840, e reabertas as camaras, recomeçou Garrett as suas discussões renitentes e calorosas, a favor da reforma da instrucção e administração publica; debates em que colheu os maduros fructos que muitos deputados precedentes em vão tentaram empolgar para se ornarem a si e aos seus aduladores. Garrett colheu-os, mas não os foi cingir em nenhuma fronte que não a sua, porque a ninguem tinha que os agradecer senão ás suas opiniões verdadeiras e sans, que alcançavam sempre a victoria. Os tentames de *Jonio Duriense* (1)

(1) Anagramma que Garrett usou na infancia.

quasi que se podiam dizer sempre inteiras execuções, porque formava-os sobre as suas convicções inquestionaveis, e não se dobrava ante queimadores d'incenso, e hypocritas! Dizia diante de todos aquelles que pretendiam guial-o á estrada pedregosa, que era homem de si mesmo, e de mais ninguem, que havia de dizer o que lhe mandava o coração, e que não se curvaria jamais a negociantes de consciencias, em que lhe custasse a vida ou os logares que os poderes publicos lhe mandavam occupar. Dizia-o e provou-o mais d'uma vez. A instrucção, e a administração publicas, eram agora o seu pensamento continuo e inquebrantavel. Ninguem como elle até'li, soubera entrar n'este assumpto de tanto interesse para Portugal, e que jasia desde muitos annos abraçado a um systema pêco e maneta, que só servira para gastar sommas consideraveis aos governos que não podiam com tamanho carregamento. Por isso, o poeta gritava com todo o vigor dos seus pulmões contra a vergonhosa pequice dos governantes que deixavam andar aleijados estes dois ramos de necessidade essencial. E aos brados retumbantes e crenças firmes do poeta, nenhum deputado ousava fazer opposição, porque todos sabiam que tinham as forças cuidadosamente fecha-

das na mão d'elle; e portanto, era tão certo cairem fulminados em terra, como a elle o completo e verdadeiro triumpho!

No parlamento de 1841 tinha forçosamente de se discutir uma grave e muito seria questão, com o governo da nossa visinha Hespanha: e era, que, não tendo o gabinete portuguez, dado o necessario desenvolvimento ao tractado que ella nos tinha apresentado, para a livre e franca navegação, nas agoas das duas nações da peninsula, por causa das altas barreiras que Portugal encontrara a transpôr para levar ao termo essa convenção, a nossa fanfarrona visinha, começou a soltar tão aterradoras murmurações contra o gabinete de Lisboa que estimulou fortemente o nosso governo, obrigando-o a pôr-se de prevenção para arremetter com ella a toda a força, e fasel-a silenciar com gente armada que mandou preparar para guardar as fronteiras. Portugal erguia-se ameaçador, e gritava contra a ousadia dos visinhos d'aquem Pyrennéos, mas o ministerio tremia, e as tropas recuavam por serem tão diminutas á vista dos seus inimigos—e o povo andava offegante, embaraçado e cheio de terrores.

Garrett era ministerial; e olhando attento e firme do alto da sua tribuna, para esses primei-

ros fumos revolucionarios, conheceu então inteira e profundamente a medonha crise em que se abalançava o ministerio — fumos produsidos pelo fogo hespanhol, e assoprados pelos ventos portuguezes, que apesar de brandos, foram sempre atrevidos,—e não querendo baquear vergonhosamente juncto com seus socios imbelles, recebendo uma nodoa indelevel em sua fronte respeitada, e ainda maior mancha na reputação já longamente conhecida e apregoada, abandonou o seu lugar d'orador do centro; e quando nos primeiros dias de Julho se organisou o gabinete, passou para os bancos da opposição, seguido do pesar roedor d'aquelles que havia defendido sempre com a mais viva inergia d'alma e coração.

Não sabemos o que havemos de pensar sobre este tão estranho procedimento do illustre deputado, mas estamos firmemente convencidos que não practicou tal acto, sem pensar n'elle maduramente, e esquadrinhar com attenção, todas as faces dos motivos que o levaram a tal commettimento. O ministerio rugiu então terrivel e ameaçador contra a resolução do poeta que o tinha salvado por tantas vezes de cair n'um pégo, cavado pela pequenez e fraqueza, que sentia para guiar a nau da nação sobre as ondas encapela-

das da phalange oppositoria; mas Garrett continuou a orar da esquerda, sem recolher os olhares desdenhosos dos seus antigos rodeadores, que d'antes lhe fabricavam arcos trimphaes e lhe atapetavam as aras com flores de aroma artificial, que eram sorrisos hypocritas, e palavras lisongeiras, como aquellas que o cavalheiro d'industria costuma dirigir, aos homens que desconhecendo o que seja caridade, abrem a bolça e acatam com sorrisos os apostolos da adulação.

Pouco depois d'este acontecimento desconsolador, a 15 de Julho do mesmo anno, effectuou-se entre os tempestuosos debates d'uma assemblea enorme, a gravissima discussão da lei da decima; e tendo o ministro da fazenda offendido impiamente Almeida Garrett, este ergueu-se cheio d'indignação, e pedindo a palavra em defeza dos seus direitos de bom cidadão, proferiu um discurso tão eloquente e caloroso, em que queimado pelo fogo da imaginação e pelo sentimento de ser atacado tanto á queima-roupa, chegou a perder o metal de vôz que sempre fisera eccoar n'aquelle edificio, gerador d'inimisades entre os homens que se deviam amar e viver em commum accordo — salvas as necessidades dos povos d'uma nação. Tal foi a exaltação e arrebatamento com que elle

se ergueu para refutar as ideias, tornar de nenhum effeito as arguições, e condemnar os termos pouco decorosos que lhe dirigira o seu competidor, e as grosserias que baforara em seu desabono. Aquellas inergicas palavras de Garrett, vibradas com a sanha virtiginosa e potente do homem que se sente offendido no seu amor proprio, pareciam recolhidas d'outra escola que não a do grande poeta, e moduladas por entre a contracção indomita d'outros labios, que não estivessem affeitos como os d'elle, a sentir o peso dos auditorios suspensos e commovidos.

Este discurso de vasta eloquencia, extrema-se de todos os mais que proferiu o mesmo orador, em todo o decorrer da sua carreira politica, em forma, estylo e extensões; e o que é ainda mais digno de ser mencionado, são aquellas imagens tão extremamente vivas e nuas que nenhum orador ousara apresentar com resultados tão felizes como os que grangearam estas ante os olhos dos homens que sabem abraçar o bom, e affastar-se do infimo, vil e indigno. A grande caterva de espectadores que presidia a este tremendo rasgo oral, olhava-o admirada e silenciosa, e encarava-se mutuamente, mas não fazia a mais leve gesticulação nem articulava o mais singello som que a

lingua pudesse fazer ouvir. Os seus antigos satellites, esses,... os seus passados derramadores d'insenso, é que o encaravam com odio e rancor; esses que nos debates anteriores o applaudiam e admiravam, porque inda era ministerial e os arrancava das situações em que se enredavam, d'onde sem elle lhes sería tão difficil a saida, como ao lobo que caiu no fogo e sente o pescoço entre o forcado dos monteiros; eram os que agora lhe atropelavam impiamente, as virtudes que lhe tinham mettido nos seios do coração que confessavam adorar submissos e reverentes. Mas o offendido orador, nunca quebrara o vaso das suas convicções á voz da calumnia nem estremecera aos olhares odiosos que vira relusir tantas vezes diante de si.

No dia que se seguiu a este notavel acontecimento parlamentar, foi Garrett exonerado por vingança, do lugar de presidente do Conservatorio Real de Lisboa, de chronista-Mór, e tambem da inspectoria geral dos theatros, e espectaculos nacionaes. Rebello da Silva, fallando algures d'este rapido momento da vida de Garrett, diz: «Infelizmente ia quasi no começo a obra da regeneração do theatro, quando lh'a arrancaram das mãos, e a torceram, e a desviaram do seu progresso.»

Effectivamente o incansavel escriptor mettera mãos a essa grande empreza, jurando arrostar com todas as difficuldades que topasse no caminho, para lhe dar um fim coroado com os gloriosos auspicios que merecia o assumpto. Este golpe de vingança insultadora brandido tão injusta e precipitadamente pelo ministro sobre o eloquente orador, que era culpado apenas de dizer a verdade, e condemnar os abusos que via em acção e de defensor dos direitos que a lei lhe fornecia, nada o pôde ferir porque o que dissera estava dicto, e as ideias que apresentara estavam unanimemente sanccionadas pela maioria, onde vira incluidos alguns que eram seus antagonistas. E quando os nossos inimigos se movem a nosso favor em casos tão melindrosos como estes, temos certa uma victoria complecta. O poeta recebeu o officio que o exonerava dos seus cargos, com os labios forrados com aquelle sorriso ironico tão seu conhecido, que tão sublimemente empregava sobre aquelles, junctode quem provava o gosto agroso dos grandes desappontamentos humanos,—e soltando despreoccupado e firme uma retumbante gargalhada, disse para as pessoas que eram com elle, e prisidiram a este acto, que para outro fôra o mesmo que sugar o fado da

suprema humilhação: —*Esperemos!* E volvendo á sua habitação seguido d'alguns amigos, e alimentando ainda o sorrir de Democrito disfarçado, recostou-se commoda e fleugmaticamente na sua cadeira de escriptor que era juncto da secretaria. Empunhou aquella penna robusta, que era capaz de abalar os alicerces do mundo e fazel-o girar sobre novos carris; e mediu com ella um caderno de papel! Os que o viram proceder assim julgaram, o que era naturalissimo, que os acontecimentos recentes lhe haviam inspirado um novo livro em que desse conta no seu estyllo desataviado e corrente, das chagas mais hediondas d'alguns regedores da patria; porém as ideias dos que naturalmente assim pensaram, foram pouco depois abafadas com documentos magnificamente elaborados pelo punho do proprio Garrett. Ficando só curvado sobre o seu thesouro de litteratura,, tossiu, molhou a penna, e arremessando longe de si o véu do sarcasmo que se lhe rarefasia no rosto, deixou sair do coração uma d'aquellas lufadas de aborrecimento que trazem sempre apoz a maviosa quietação do espirito, e transformam a sanha irritada do homem, na imagem mansa do cordeiro.

Depois caiu em profunda meditação e silencio.

como quem espera o ecco d'uma voz celeste a que deseja prender uma acção da terra!

Feliz do homem, que recebe o grande choque da prepotencia, e acommette as maiores vicissitudes, com o animo sobrenatural que Garrett guardava sempre n'aquelle peito vigoroso! Feliz, digo, porque não dava guarida a odios, nem abominava os seus mais feros detractores e envejosos. Feliz, se hoje livre das torpezas humanas, repousa entre gallas, na celeste mansão dos justos que tantas vezes evocou!! E o poeta meditava. De repente, como a locomotiva que começa a tomar a força motriz, ouviu-se rugir aquella machina potente, que atropelava tudo que indiscreto lhe tomava a passagem, e os seus rangidos annunciavam a partida d'aquelle robusto pensamento para um novo clima, onde tinha a colher um ramo de louros que havia de florir ainda aos bafejos das gerações vindouras.

Era mais um vaso de superior argilla, habitado por uma flor olorosa, que ia depor em cima dos alegretes do seu formoso jardim theatral! Uma obra cheia de riquezas litterarias! Mas que obra poderia produzir aquelle cerebro tão fortemente motejado pelos recentes debates parlamentares, que fizeram paralisar o sangue e adorme-

cer a lingua a tantos oradores d'algum merito? Que força podia restar ao homem que estiver duas horas dominando a grande chusma de *salvadores* da nação? Que poderia parir uma imaginação que tanto luctara na vespera contra os medalhões do paiz? Podia muito, porque era como os pomos do bem e do mal da arvore feminina, que quanto mais se lhes tira, mais produzem. Era, se não a melhor, uma das suas concepções mais felizes e dignas da estante que guarda as melhores composições dramaticas; o *Alfageme de Santarem*, ou a *Espada do Condestavel*, drama em cinco actos, que o poeta trasia impresso na mente havia bons dois annos, e ligeiramente delineado n'alguns papeis dispersos, que n'essa occasião não se deu ao encommodo de consultar.

Este drama está sublimemente desenvolvido á luz d'aquelle relampago fulgente da historia portugueza desde a morte de D. Fernando, e durante a regencia da rainha D. Leonor, amante do gallego João Fernandes Andeiro até á acclamação do Mestre d'Aviz. O poeta firma a peça sobre aquella celebre anedocta, da espada que D. Nuno Alvares herdara de seu pae D. Alvaro Paes, nobre prior do Crato. Nuno Alvares, então fronteiro-mór do Alemtejo e protector do Mestre d'Aviz

para o assassinato do valido da rainha, representa ali um bello papel com o seu amor sincero pela virtuosa Alda, e com a lembrança de fazer acclamar o filho legitimo de Pedro *Cru*. Garrett descreve n'este drama de subido merito litterario, os costumes mais enraisados nos animos populares, suas crenças e opiniões, seus odios aos estrangeiros, assim como dos guerreiros que se preparavam já para talar de Castelhanos os campos d'Aljubarrota. Aquellas duas imagens do drama, o Alfageme e o velho sacerdote Froylão, a quem chamavam o *S. Gonçalo das raparigas de Santarem*, são quasi inimitaveis.

Aquella Alda, suas paixões e palavras innocentes, suas confissões sinceras e seu amor franco e virtuoso, parece-me que ninguem a animaria melhor.

Para fazer uma descripção exacta e minuciosa d'estes cinco actos sublimes percisava-se d'uma penna que não tremesse como a minha, e por isso contentem-se os leitores com o breve esboço que ahi fica.

Este ramo de louros verdejantes, que logo se ajunctaram, á já brilhantissima auréola do regenerador do theatro portuguez, floresceu immensamente no alquebrado theatro da rua dos Condes,

sob a protecção do conde de Farrobo, mas o cartaz que annunciava o espectaculo, não dizia o nome do auctor, por que era esse o tempo em que todos o admiravam no parlamento, e Garrett não queria descer do alto da tribuna ao proscenio theatral. A primeira representação foi na noite de 9 de Março de 1842, entre ávidas exclamações d'enthusiasmo d'uma platea escolhida que chamava o auctor no fim de todos os actos com delirio immenso, mas Garrett não apparecia; e os espectadores voltavam ao theatro nas seguintes representações, para conhecer o escriptor que os diliciava com palavras tão sympathicas.

Pouco tempo antes de gosar a vaidosa Lisboa, as meigas palavras que o poeta mandava proferir pelos melhores lidadores do theatro, no encanecido pardieiro, foi Portugal despertado pelo annuncio d'um acontecimento que fez estremecer muitos portuguezes! Foi o grito d'alarma que rebentou na cidade invicta no dia 27 de Janeiro de 1942, — grito que eccoou retumbante e medonho nos ouvidos dos homens que se viam na necessidade de o abafar pela prudencia ou pela força.

Garrett foi eleito deputado pela capital n'es-

se anno, e deixando em descanso os seus lavores litterarios, foi assentar-se na camara que estava então em vasante de deputados que deviam occupar os bancos para onde elle havia passado quando se viu desamparado pelo grupo ministerial, que tremia da louca ameaça madrilena.

«Esses nossos honrados companheiros
«De tanta cicatriz ennobrecidos,
«Que a espada tantas vezes empunharam,
«Tanto sangue verteram por seguir-nos,
«Por defender da patria a sancta causa;
«De suas vidas, acaso a mesma patria,
«Não nos confiou a nós, cuidado e guarda?»

(GARRETT.—*Catão*)

XII

A morte prematura e sentidissima que assombrou por esse tempo a vida do grande patriota, o conselheiro Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, muito digno abbade da parochia de S. Clemente de Basto, com quem Garrett percorrera as primeiras paginas academicas em Coimbra, e partilhara as amarguras do desterro em Inglaterra, durante a emigração de 1828, veio-lhe pungir dolorosamente o coração d'amigo, e forne-

cer-lhe ao mesmo tempo um sublime assumpto para engrandecer mais os ricos annaes da nossa litteratura, contando a historia politico-eclesiastica do talentoso ministro d'estado e da egreja catholica. Guiado pela saudade cortante do amigo que deixara d'existir, lançou de novo mão da penna, já quasi adormecida, e compoz em sentidas phrases uma *memoria-historica* em que lhe immortalisou aquelle nome, tão avidamente e saudosamente coado por entre os labios de todos os homens que amavam do coração, os principios liberaes, e os sacerdotes possuidores das grandes virtudes que elle mostrara em todos os cargos tanto publicos como ecclesiasticos, e até empunhando a espingarda de voluntario, firme e animoso, e marchando sobre as forças do usurpador que o arrancara da sua abbadia para o atirar ás provanças do exilio açodado pelos seus infames sectarios.

Este sumptuoso monumento erecto pelo nosso poeta ao virtuoso pastor de S. Clemente, foi impresso pela primeira vez em 1842, n'um folheto ornado com o retracto de Vieira de Castro, e saiu ultimamente reimpresso a par d'outras biographias no volume dos *Discursos parlamentares*.

Estando as camaras do parlamento d'este anno, ainda friamente organisadas, e não havendo discussões de maior gravidade, recolheu-se Garrett temporariamente á estreita solidão domestica, e começou a escrever nas margens dos seus livros impressos que os prélos já requeriam, as emendas que lhe segredava a consciencia, que deviam substituir alguns rebentões, que as muito serias occupações lhe haviam deixado passar desapercebidamente, e ao mesmo tempo filhas da ligeiresa com que sempre apromptava os seus originaes.

Entre as muitas e escrupulosas correcções que fez nos seus livros melhores, avultam as da diliciosa epopêa *Camões* em que sempre se esmerou com muito mais attenção e que se imprimiu pela terceira vez em 1844. Com estes e outros affazeres levou o poeta alguns mezes, e apenas os interrompia por curtos intervallos, quando haviam a tractar negocios mais graves, ou se achava aborrecido. Nos principios de Março de 1842, havia sido o poeta nomeado membro da commissão organisada em Lisboa para tractar os negocios com a Sancta Sé, mas parece-me que não pôde fazer parte d'ella nem protegel-a por essa occasião, em consequencia de ter soffrido por es-

se tempo uma queda perigosa que o obrigou a conservar-se alguns mezes em sua casa, por mandado dos facultativos que o visitavam repetidas vezes no decorrer d'essa longa reclusão.

Este incidente infortunoso do poeta não pungiu menos os seus amigos, e mesmo os mais affastados que buscavam o seu domicilio, que estava sempre aberto para receber os corações generosos e todos aquelles que o procuravam.

N'esta solidão forçada pôde Garrett conhecer mais a fundo as grandes sympathias que lhe dispensavam, vendo entrar a toda a hora em casa os seus companheiros do infortunio e da grandeza, e alguns talentos que por modestia ou acanhamento, se tinham occultado a seus olhos, e aproveitavam aquella occasião em que ninguem despresa quem procura animal-o, para travar relações com elle, o que era uma grande honra.

A dar credito a alguns documentos que tenho á vista, esta fatal isolação do poeta, foi de suprema utilidade para a moderna litteratura theatral, já sublimemente engrandecida por elle; porque foi quando escreveu o seu admiravel e abertamente inimitavel *Frei Luiz de Sousa*, esse drama modêlo, essa elegia em prosa sublime, e de novo genero, certamente a melhor que possuimos e que

tem impressionado mais vivamente as plateas de primeira ordem, e contribuido para que vertam lagrimas copiosas os espectadores da mais inabalavel construcção.

Existe um documento do proprio Garrett, que desmente o que acabo de dizer, quanto á dacta da composição do drama, porque diz ter tido principio, no dia 27 de Maio de 1843. Sem querer elevar-me acima de quem affirma o contrario do que explica o manuscripto do poeta, creio de preferencia n'este, porque ainda que não seja exacto, estou mais do que convencido que ninguem se transformará em Quixote para me contradizer! Este collossal monumento da litteratura moderna, este soberbo emporio de puro sentimentalismo, em que se descobre um quadro magestoso das mais arraigadas paixões humanas, leu-o o auctor em sessão do conservatorio Real, ante um grande numero de pessoas instruidas que o admiraram e applaudiram, com demonstrações de maior regosijo, e do mais puro affecto pelo homem que o creara. N'este delicioso trabalho, ainda se encontra a traducção da profunda amisade que o poeta tributou sempre ao cantor dos *Lusiadas*. Aquelle dialago da scena segunda do segundo acto, cruzado entre Maria, a filha de Magdalena de Vi-

lhena, e o honrado Telmo, velho e dedicado escudeiro da antiga casa de D. João de Portugal, é muito digno de entrar n'estas acanhadas memorias. Maria contempla tres retractos que pendem da parede, que são o de D. Sebastião, o de D. João, primeiro marido de Magdalena, que julgando-o morto, contrahe segundas nupcias com Manuel de Souza Coutinho, de cuja ligação saiu Maria; e o terceiro retracto é de Luiz de Camões. Maria depois de mirar attenciosamente os tres, diz apontando por fim para o do infeliz vate d'Ignez —«Creio n'aquelle outro que ali está, aquelle teu amigo, com quem tu andaste lá pela India, n'aquella terra de prodigios e bisarrias, por onde elle ia... como é? ah, sim... «N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna» — «Oh! *(exclama Telmo cheio de tristeza)* o meu Luiz coitado! bem lh'o pagaram. Era um rapaz mais moço do que eu, muito mais... e quando o vi a ultima vez... foi no Alpendre de San Domingos em Lisboa — parece-me que o estou a ver — tão mal trajado, tão encolhido... elle que era tão desembaraçado e galan... e então velho! velho alquebrado, — com aquelle olho que valia por dois, mas tão sumido e encovado já, que eu disse comigo: «Ruim terra te comerá cêdo, corpo da maior alma que deitou

Portugal! E dei-lhe um abraço... foi o ultimo... Elle pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus Telmo! San Telmo seja commigo n'este cabo de navegação... que já vejo terra, amigo» — e apontou para uma cova que ali se estava a abrir. — Os frades rezavam o officio dos mortos na egreja... Elle entrou para lá, e eu fui-me embora. D'ahi a um mez, vieram dizer-me: — «Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sanct'Anna» — E ninguem mais fallou n'elle.

— «Ninguem mais?!.. pois não leem aquelle livro que é para dar memoria aos mais esquecidos?

— «O livro sim: acceitaram-n'o como o tributo d'um escravo. Estes ricos, estes grandes que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma coisa que lhes fizesse um servo seu, e para honra d'elles. O servo, acabada a obra, deixaram-n'o morrer ao desamparo sem lhe importar com isso... Quem sabe se folgaram? Podia pedir-lhes uma esmola, escusavam de se encommodar a dizer que não.

«Está no céu *(diz Maria muito enthusiasmada)* que o céu fez-se para os bons e para os infeli-

zes; para os que já cá da terra o advinharam!— Este lia nos mysterios de Deus; as suas palavras são de propheta. Não te lembras do que lá diz do nosso rei D. Sebastião?... como havia d'elle então morrer? Não morreu. *(Mudando de tom)* Mas o outro, o outro... quem é este outro, Telmo? Aquelle aspecto tão triste, aquella expressão de melancholia tão profunda... aquellas barbas tão negras e cerradas... e aquella mão que descança na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor n'esta vida...

— «Pois tinha, oh se tinha...

— «Aquelle era D. João de Portugal, um honrado fidalgo e um valente cavalleiro» — diz Manuel de Souza Coutinho entrando na occasião em que a filha e o escudeiro, olham fascinados para os quadros que representam os tres grandes personagens da historia portugueza; D. Sebastião, Camões, e D. João de Portugal!! Em toda a parte sabia o grande Garrett erguer um brado de gloria e saudade, ao desditoso amante de Catharina d'Athayde. Nunca via cheia a arca destinada a guardar a historia do sonoroso epico. Esta obra é precedida como deixo dicto d'uma memoria sobre a litteratura e estyllo que adoptou em tão melindrosa e interessante composição, que foi li-

da na occasião do drama, no Conservatorio, e dedicada aos membros d'aquelle grande estabelecimento. È seguida d'um honroso Juizo critico, replecto de soberba erudição e agudos conceitos, filho da penna firme, d'um dos melhores prosadores modernos, o já fallecido Luiz Augusto Rebello da Silva que deixou orphão tão cedo um explendido logar no campo da nossa litteratura. Para se poder avaliar o grande merito d'este *juiso critico*, basta dizer-se que é do immortal auctor da *Mocidade de D. João V*, do *Odio velho não cança*, e de tantas obras que são o orgulho da terra que possue ainda quasi inteiro o cerebro d'onde ellas emanaram. Diz-se que este formoso trabalho dramathico, não era destinado ao theatro, mas pedindo-o uma familia illustre para ser representado, e cedendo o poeta a esses desejos representou-se por uma sociedade composta de pessoas credoras de subida consideração, e costumes irreprehensiveis, na quinta do Pinheiro na noite de quatro de Julho de 1843. Por este tempo apromptou o poeta um volume de versos lyricos que se intitula: *Flores sem fructo*, que a casa Bertrand deu á luz em 1845. No mesmo anno saiu a lume no segundo volume das *Memorias do Conservatorio*, o excellente *Elogio historico* do

barão de Ribeira de Sabrosa, que foi recitado pelo auctor, em sessão plena d'aquelle estabelecimento de suprema utilidade para a mocidade que ama o estudo. É um pequeno discurso, mas concebido n'um estylo primoroso, e cheio de tão riquissimos pensamentos, que o tornam mais valioso do que os monstruosos volumes de certos auctores que tecem elogios em termos pomposos, mas onde as ideias, já cobertas de cans, revelam sempre a mesma coisa: isto é, se acaso alguma coisa conseguem revelar. Cá estou eu tambem mettido no gremio, pobre escrevinhador, que começo a crer, que escrever uma biographia com todos os *r. r.* é tão espinhoso como levar o rio Rhodano ao ultimo extremo da serra Guadarrama! Seguir os passos d'um homem, contar-lhe as pégadas e assentar n'um bocado de papel todos os seus gestos, e palavras que proferiu, e os apertos de mão que deu, pode-o fazer quem for espião, como os ha por ahi em abundancia, mas um pobre diabo, que está como eu, entre quatro boiões de rapé, não sei quantos centos de charutos, meia dusia de fumadores e umas dusias de caixas de fosforos á José Osti, é fraco de mais para tentar tamanhas empresas. Mas vamos lá que com todos estes senões, vou levando, ainda que muito

ajoujado, o fardo a que expuz as minhas debeis costas, á estação onde ajustei atiral-o de mim.

Mas voltemos a enganchar o carroção que pisa lentamente o cascalhoso desvio que a minha mania litteraria me apontou. Depois do volume das *Flores sem Fructo*, publicou-se o primeiro volume do bello *Romanceiro* do poeta, contendo chacaras, trovas, lendas e solãos. Menos preoccupado, entre os annos 1843-1844, começou a saccudir a poeira a umas chronicas, que já começára a desenpoeirar em 1832, encontradas no convento dos Grillos no Porto, onde estivera alojado o seu batalhão durante o cêrco; e depois d'esta operação copiou os caractéres que o tempo ainda conservava intactos, refundio-os e mettendo no lambique das suas investigações, os fragmentos que estavam apagados, começou a purifical-os com a attenciosa solicitude que empregava em todos os seus trabalhos. Alguns dias de trabalho, e a chronica safada e amarellada, produsiu um espirito que fez espirrar ruidosamente muitos individuos, e com especialidade o clero, que rugiu como o tigre que se topa ferido mortalmente pelo caçador de feras sertanejas, e fugiu com horror da hediondez das imagens que o poeta principiara a desenhar a traços ligeiros mas indeleveis! D'esta

velha chronica — romance, narração critica do tempo de Pedro *Cru*, ou mais propriamente *Justiceiro*, foi que Garrett arrancou os dois volumes do de *Arco de Sanct'Anna*, cujas scenas d'abertura correm nas proximidades d'esse arco memoravel da rainha do Douro, que foi complectamente derruido ha bom par de annos.

O primeiro volume d'esta obra saiu dos prelos no principio de 1845, quando o poeta ainda não possuia, senão ligeiros apontamentos para o segundo, que devia concluir a confissão da chronica encanecida pelo correr dos annos.

O extenso e profundo prologo que precede este primeiro volume, foi um verdadeiro foguete de grannadas, que sóbe rugidor aos ares, cujas bombas descendo rapidas e fumegantes, vão estourar entre a gentalha, dispersando-a, e fazendo-a indignar contra o fogueteiro.

Os sacerdotes, — os maos, que os virtuosos aparta-os o poeta para outro lote — os sacerdotes são ali horrivelmente mordidos, e asperamente torturados entre algumas paginas de ferro que se occultam no pequeno livro.

Molesta sem commiseração com o bico da penna aparada, mais algumas corporações sociaes, que lhe assiravam a imaginação nos tempos cala-

mitosos em que elle extrahia essas palavras do codice fradesco, cheio naturalmente de emplastros latinos escriptos por algum fradalhão lubrico, sensual e depravado, que presenciou, ou teve parte nos banquetes luxuriosos do bispo do Porto, o infame seductor da filha de Abrahão Zacutto, o bemfeitor que o agasalhara em casa: essa desgraçada mulher, mãe do filho do bispo, que a vergonha obrigou a disfarçar-se em taberneira, e que o povo começou a cognominar *bruxa de Gaia*. Esse sacerdote empregnado de infamia e perversidade, que manchou tantas virgens ajudado dos seus indignos acolytos, é alfim arrancado do seu ministerio, e rechassado do reino, pelo rei *Justiceiro*, que toma conhecimento da reclusão em que teve a infeliz Anninhas, fiel e virtuosa esposa de Affonso de Campanhan.

A critica mordaz e estupida d'alguns adversarios do poeta, recebeu, como se costuma dizer, com cara de ferreiro velho, esta primeira parte do romance, e o auctor para se desforrar d'essas graves accusações, como sempre fôra seu capricho, tractou de copiar e recopiar o trabalho do segundo volume, augmentando-o consideravelmente sobre a extensão primitiva, e mettendo-lhe alguns trechos, que, ainda que dissimulados, são

a resposta e desaggravo das injustiças que commetteram com elle. Depois d'uma breve advertencia em que se declara os motivos que haviam retido aquelle trabalho na alfandega da sua jurisdicção sem prompto despacho, abre o primeiro capitulo, desfechando com estas palavras nas bochechas do leitor descuidado.

«Dez annos esteve Cervantes para trasladar e por em ordem, os manuscriptos de Cid-Hamet-ben-engeli, e dár-nos em fim, a ultima parte da historia do cavalleiro da Mancha. Eu não te fiz esperar senão cinco leitor amigo, e benevolo, por este segundo e ultimo tomo do benditto Arco de Sanct'Anna. E tive de fazer eu tudo, eu só por minha mão, decifrar a inrevesada lettra do codice dos Grillos, que entre palavras safadas, linhas inteiras illegiveis, folhas rotas, e outras difficuldades similhantes, me deu mais que fazer do que um verdadeiro palimpsestes.

«Não tive n'este intervallo, é verdade, que não tive quem me fizesse uma segunda parte subreptícia, e calumniosa, como fiseram ao pobre Miguel Cervantes, que o obrigou a dar tantas satisfações, e a torcer até o rumo da sua historia.

«Mas criticos e censores não me faltaram, pragas e praguentos me vieram de toda a parte; e

chegaram a accusar-me de Quixotismo, e que sonhei gigantes, em moinhos de vento, para ter com quem brigar, e degolei exercitos d'innocentes cordeiros, como se foram a pugnaz mourisma d'elrei Almançor, o d'arregaçado braço.

«E tudo isto porque, leitor amigo? Porque ameacei com a ponta do azurrague d'elrei D. Pedro, as pretensões absurdas, e anti-evangelicas de certos agiotas do catholicismo, que abusaram da boa-fé da presente geração, e pretenderam grangear em proveito seu, e de suas pessoas o espirito mais religioso da epoca.

«Ha cinco annos chamaram-me vesionario. Que dizem hoje senhores censores? Vejam a Inglaterra, onde, á sombra do Puseismo e d'outras formas de transição e transacção, o catholicismo entrava já nas mais fortes cidadellas da fé lutherana, vejam como por lá se tem abusado, e como o governo se começa a arrepender da sua tolerancia.»

. . . . . .

E o poeta ainda não pára aqui; continua a desafiar sem medo os seus emulos.

«Vejam em fim na nossa pequena e pobre terra, a ignorancia, a crapula, a simonia, o servilismo politico a andar deshonrando a estola e a mi-

tra, entregando-as ao desprezo e ao odio popular.»

Quem arremette assim com uma cohorte de criticos como tinha Garrett por occasião de publicar este livro, revela mui vantajosamente, que em parte nenhuma os teme. Effectivamente não os temia, porque lhes soube tomar as forças com tão bello resultado, que todos se callaram quando elle arremessou ao mundo litterario aquelle raio, que logo os fulminou em terra. Só assim vergonhosamente caidos na terra lodacenta, é que conheceram, e se arrependeram de ter commettido tal desacato. Garrett ficou sempre victorioso, e o livro vendeu-se em pouco tempo, e imprimiu-se de novo para accudir ás exigencias do povo que o pedia cheio d'enthusiasmo a toda a hora.

Em Setembro de 1844 escreveu uma carta dactada da Boa-Viagem, resposta ao opusculo que lhe dirigiram dois socios do Conservatorio, assignado por N. N. Esta erudita carta do poeta, foi impressa no mesmo opusculo, que tracta da origem da lingua portugueza. Pouco depois escreveu em Cachias a engraçada comedia em um acto, *Noivado no Dáfundo*, e outra em dois actos intitulada *Prophecias do Bandarra*. N'esta occasião publicou-se tambem um folheto do poeta,

contendo um pequeno romancesinho antigo, intitulado *Myragia*...? Eleito deputado este anno, bem como no antecedente, por Lisboa, d'envolta com os seus empregos publicos e occupações poetico-litterarias, emprehendeu um trabalho com tantos espinhos que nenhum homem do seu tempo, como litterato ousaria tentar! Tal era a qualidade do assumpto! Os talentos que conheciam a robustez do poeta, e sentiam que podiam fazer alguma coisa que não fosse muito vulgar, e lidavam na mesma arêna, aconselharam-n'o a que não divulgasse a ideia concebida, da ardua tarefa a que se propunha, porque lhe seria altamente difficil complectal-a com a solicitude e perfeição de que era credora a sua penna, que jamais vacillava entre as mais medonhas situações, mas correra sempre ligeira sobre vastissimas resmas de papel. O poeta escutou esses conselhos dos melhores publicistas d'então, com aquella serenidade e crença, que affectava quando via que duvidavam da sua vigorosa força moral e de vontade, e no mesmo instante foi visitar os numerosos cabedaes que já possuia para erigir o colossal monumento litterario que promettia obumbrar a gloria dos seus pêcos satellites! Tão espinhoso era o assumpto, e tão largos os barrocaes que o poeta havia

de galgar, para chegar á ermidinha solitaria que guardava o epilogo de tão excellente emprehendimento!... Esta alta empresa era a feitura do magestoso livro das *Viagens na minha Terra*, cujos raios d'intelligencia batteram de chapa nos olhos dos invejosos censores, fazendo-os retroceder no caminho que mediam para calumniar novamente o poeta. N'esta arriscadissima jornada, tinha o abalisado escriptor de levantar do immundo charco do esquecimento, onde haviam passado as maiores revoluções politicas, desde Lisboa até á terra que guarda as ossadas de D. Fernando, os corruptos pergaminhos que ali jasiam de tantos seculos, que revelavam os mais exquisitos e variados acontecimentos, occorridos desde o tugurio miseravel do mendigo, até aos palacios brasonados, fazendo parte d'essa collecção curiosa, as chronicas monasticas. Junctos esses velhos despojos das passadas constituições sociaes, e não apparecendo a chave para encerrar essa soberba litteratura, tinha o denodado investigador, de rapar as grossas camadas de musgo das pedras d'antigos monumentos, e das esquecidas ruinas de extinctos estabelecimentos religiosos e profanos; aventar as cinzas dos guerreiros que ali haviam perecido, e descobrir os rastos de

nossas passadas grandezas, e as chronicas escriptas com o sangue de nossos honrados visavóos, e lagrimas de orphãos e viuvas desamparadas.

Decifrados, os quasi apagados lettreiros, mandados abrir out'ora para ecterna memoria do que foram os Lusos nas eras do entenebrecimento:— entenebrecimento repito, porque ainda se não tinham inventado os gazometros, e allumiava-se a sociedade com o clarão dos fachos guerreiros, e com o balsamo da oliveira,—atado esse feixe, monstruoso que devia fazer gemer a machina d'uma locomotiva, tinha ainda Garrett de lhe aparas os rebentões gerados pela sua indignação, mas considerando que desfeiaria o pedestal, não teve animo para lhe cortar as pennas que o ornavam, porque sem ellas, que eram representantes da verdade, erguendo o vôo, estava sugeito a descer da sua primeira altura como o balão que desprotegido pela valvula de segurança, desce, desce, até descançar na terra, ou em alguma enseada algosa ou doce. Assim o entendeu Almeida Garrett, e, em logar de moderar, alterou, avivou a côr das paginas que escrevera contemplando as antiguidades e modernezas da Extremadura, e obrigou até em muitas passagens a musa romantica a galgar fóra da senda que sempre tri-

lhara, e vergar o bordão de viajante, para penetrar no seio d'essa sociedade moderna, victima da inercia dos governos, que tapam os ouvidos quando ouvem gritar por instrucção publica!

Mirando convenientemente toda essa miseria, ignorancia e fanatismo, não pôde conservar-se ahi mais tempo, e deu por concluida a sua colheita d'apontamentos. Voltando com a imaginação á capital, e, completando estas sublimes viagens, publicou-as em pequenos fragmentos no Jornal *Revista Universal Lisbonense* em 1845, e corrigindo-as depois ainda mais, mandou-as imprimir em dois tómos, no anno seguinte, que começaram logo a ser pedidos com espantosa influencia. É que o livro das viagens não tinha rival na nossa litteratura! E ainda hoje não o tem apesar de se terem escripto milhares de volumes! As *Viagens na minha Terra* são para mim meia litteratura: isto, para não repetir a litteratura inteira que um escriptor nosso, disse ser Almeida Garrett e com bastante razão! Que bellas recordações de viagem! Como é maravilhosa a fleugma com que o poeta se apresenta em pé, sobre o ronceiro barco d'Ilhavos, singrando Tejo acima, para se transportar á terra da principal acção da sua comedia, drama, ou o que quer que seja esse chefe d'obra!

Com que gestos elle contempla do mar largo a baixa Lisboa, que se lhe fica apôz! Como é engraçada a posição que elle toma para escutar as rançosas altercações dos toureiros de pampilho e forcado, com os homens que retalham com uma casca de noz, quasi successivamente o rosto victreo de Néptuno, quer em calmaria podre, quer em agitação foribunda! Como é sublime aquella discripção do *restaurant* cartachense, e como o auctor arregala os olhos, e estende o pescoço por cima dos arvoredos para descobrir o pinhal de Azambuja, esse mattagal medonho, cuja tradicção tem feito desmaiar mais espiritos nervosos do que as pedras-homens do Deucalião!! Que poetica admiração se lhe apodera do animo, quando estaca pasmado ante esse bosque apregoado e temido como a Falperra tradiccional!! A fallar a verdade, tinha sobeja razão para obrar assim, porque quando se toca em ladroeira, n'esta nossa terra de Portugal, é muito raro não se exclamar logo:

—«É um verdadeiro pinhal d'Azambuja!» Como são desvairados, os olhares que assesta sobre esse frondoso covil de malfeitores e ladrões, emquanto se não ouviu ali a voz do progresso,—só a voz, por que do progresso nem as sombras

ainda lá appareceram — e o silvo agudo d'esse relampago ferreo, que corta serras e montes entre áquem Tejo, e áquem Douro! E as palavras com que condemna e maldiz quem o trouxe enganado até ali:

— «Este é que é o pinhal d'Azambuja? Não póde ser... Esta, aquella antiga selva, temida quasi religiosamente como um bosque druidico. E eu que em pequeno nunca ouvia contar historias de Pedro Mallas-artes, que logo em imaginação não lhe posesse a scena aqui perto. Eu que esperava topar a cada passo com a cova do capitão Roldão e da dama Leonarda!... Oh! que ainda me faltava perder mais esta illusão!...

«Por quantas maldições e infernos que adornam o stylo d'um verdadeiro escriptor romantico, digam-me, onde estão os arvoredos fechados, os sitios medonhos d'esta expessura? Pois isto é possivel, pois o pinhal d'Azambuja é isto? Eu que os trazia promptos e *recortados* para os colocar aqui, todos os amaveis salteadores de Schiller e os elegantes fascinorosos *Auberg-des-adrets*, eu heide perder os meus chefes d'obra!

«Que é perdel-os isto, — não ter onde os pôr.

«Sim leitor benevolo, e por esta occasião te

vou explicar como nós hoje em dia, fazemos a nossa litteratura.»

E aqui o poeta-romancista depois de ensinar ao leitor o systema de voltar do inverso as obras estrangeiras, e dar-lhes uma demão de verniz nacional para lhe sellar no rosto o cunho *original*, apresenta uma receita para fabricar todo o genero de litteratura com todo *su sal y pimienta* como diz o castelhano, que não ha excedel-o em tal genero.

Termino por aqui a apreciação das elegantes viagens, contentando-me em transcrever as poucas linhas que deixo acima, porque para notar tudo que ha de sublime e maravilhoso n'ellas, era necessario copiar os dois livros, porque devo confessar que não tenho vocabulos para dizer o que ellas merecem, e mesmo eu não pretendo publicar mais do que a biographia politico-litteraria do grande vulto da nossa terra, ainda que aleijada e breve. Esta obra conta hoje quatro edições, e a ultima acha-se quasi exgotada.

«Dissenções entre os meus semeou funestas!

. . . . . .

«C'os mais fieis dos meus, fui embuscar-me
«Detraz d'esse escarpado negro monte,
«Onde viste o fanal, que era a atalaia!...

(GARRETT.—*D. Branca)*

XIII

N'este anno de 1846, escreveu o poeta uma pequena introducção a um sermão que se prégou á Senhora da Bonança por occasião da sagração da capella dos srs. marquezes de Vianna, e publicou n'um jornal litterario, que havia então na capital, sob o titulo *d'Illustração*, alguns artigos, entre os quaes prevalescem, o *Inglez*, o *Castello de Dudley*, os *Figueiredos*, e o seu bello romance-poetico antigo, *Bernal Francez* traduzido na lin-

gua de Lope de Vega, que está encorporado n'um volume do Romanceiro, nas suas obras complectas.

Em 1845-46, fôra o poeta eleito deputado pela provincia do Alemtejo. Durante essas gravissimas luctas militares e particulares de 46-47, que levaram a dôr ao seio dos povos, e fizeram perecer á fome tantos cidadãos honrados, emquanto centenares de homens ambiciosos e despotas engordavam á custa de suores, lagrimas e fadigas dos pobres, e sorriam hypocritamente ante os horrores da miseria ao mesmo tempo que enchiam os cofres sepultados nos escuros subterraneos, mostrou o nosso Garrett mais uma vez quanto amor tributava á Soberana e á causa da liberdade que perigava entre tamanhas calamidades, envolta em tanto sangue que corria em quasi todos os ponctos do reino; e tão abundante e denegrido entre cadaveres amassados e craneos despedaçados pelas cavallarias em Torres Vedras e Alto do Vizo; já com vehementes discursos em varias associações como na do Sacramento e outras da mesma indole, já redigindo sabiamente algumas proclamações a favor da rainha e contra os inimigos do reino, para infundir mais amor pela liberdade a seus antigos apostolos, que eram aliciados por aquelles que erguiam gritos de mor-

ra a D. Maria Segunda; já negociando com alguns homens de coração que ainda restavam a Portugal, para dar fim ás medonhas dissensões que deixavam tantas familias na extrema pobreza, e levavam a orphandade a tantos filhos e paes. Sem se mostrar nas praças envolvido nas luctas, trabalhou mais o nobre poeta, do que muitos que rescaldaram muitas armas em combate de morte com as balas contrarias.

Trabalhando tão assiduamente assim no gabinete, e nas associações, como sobre a banca de publicista, alcançou a reintegração do cargo de chronista-mór do Reino, d'onde fôra demittido em 16 de Julho de 1841, pelos motivos que já tive occasião de citar. Em 27 de Maio de 1846, foi Garrett nomeado vogal da commissão eleitoral encarregada de apresentar as instrucções percizas para a camara dos deputados que devia substituir a que fora dissolvida em consequencia dos principios revolucionarios que amedrontaram o paiz, e obrigaram os governantes a pedir auxilio ás tres nações alliadas, Hespanha, França e Inglaterra. Concluida esta commissão de que o poeta era membro, com a reciprocidade que usou sempre em situações melindrosas e ainda de simples responsabilidade, recebeu no mez seguinte,

a nomeação de membro da commissão extraordinaria de Fazenda. Durante os primeiros mezes de revolta que Portugal soffreu com desesperação, deixou o sympathico auctor das *Viagens*, adormecer novamente as suas prosas e os seus versos que tinha começado em epochas mais tranquillas, mas serenando-lhe, em consequencia da sua pouca saude, as pesadas occupações que sempre lhe absorviam o tempo nos ultimos mezes da revolução sendo socio honorario da Academia Portuense de Bellas-artes, e da Academia Philomatica do Rio de Janeiro, começou a colleccionar e a refundir os seus *Romances Cavalherescos*, pelos quaes suspiravam os prelos, e ainda mais os amigos das lettras, que liam com desmedido fervor as suas producções.

Estes bellos lavores, filhos de profundissimas meditações e estudos, foram entregues aos editores pelos fins de 1850, isto é, o segundo volume, que contem quinze ou desesseis romances, todos ou quasi todos precedidos de explicações ao texto, e seguidos de notas illustradas para a verdadeira intelligencia dos leitores. O primeiro volume do magnifico romanceiro saira em 1843, comprehendendo a *Adozinda* e outras peças de grande merecimento. Pouco depois de se impri-

mir o segundo volume, appareceu o terceiro, contendo vinte e tantas peças cheias de graça e philosophia. Parece-me que Almeida Garrett tinha escripto, ou principiado a debuxar, o quarto volume d'esta obra com a designação de *Lendas e Prophecias*, mas não consta que chegasse a concluil-a, ou que haja algum rasconho em poder dos seus herdeiros. Em 1847, — supponho que no fim — acabou de compor a sua linda comedia em tres actos, *A Sobrinha do Marquez*, cuja occação se passa na epoca do grande Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal.

Esta peça começára-a o poeta em 1838, e só nove annos depois a concluiu, a pedido d'algumas pessoas a quem o assumpto interessava. D'esta comedia, poucas ou nenhumas reminiscencias me restam, e por isso valho-me d'um artigo que tenho presente, ácerca d'ella, incerto no segundo numero do jornal a *Epoca*.

Diz o artigo:

«Cada personagem exprime uma serie de factos politicos ou sociaes, e representa uma classe inteira.

«O padre Ignacio é a companhia de Jesus, não como a deducção chronologica (Attribuida a José de Seabra) a descreve, mas como o marquez de

Pombal sabia que ella era, e a não queria ter no Estado.»

«D. Luiz retrata o orgulho indomavel da flor da aristocracia, que morre martyr, para salvar illeza a pureza da sua casta, e preferiu os tractos e o ceppo do algoz, á humilhação de estender a mão de parente ao plebeu nobilitado. O rei pode dar os titulos, porem, Deus, só Deus faz a nobreza.

«Estas duas olygarchias — a religiosa e a nobilitaria — estão alliadas, e são amigas em nome da perseguição commum que as abraça.

«O jesuita está prompto a ceder de tudo, menos da Companhia com o cutello sobre a cabeça e com os suspiros de seu pae prezo e meribundo nos ouvidos, hesita ainda e responde, que tudo menos a honra, lhe pode confiscar Sebastião José de Carvalho.

«Manuel Simões pinta a classe media em toda a verdade do typo. Pela educação pertence ao passado; — crê na companhia de Jesus, lastima a sorte dos fidalgos justiçados; e duvida comsigo mesmo se aquella revolução, que lhe custou a cabeça, e fez rico e respeitado a elle, foi uma crueldade arbitraria ou um acto necessario. Pelo seu instincto de classe, estima, admira o marquez,

acredita que elle trabalhou muito pela nação; e não está na sua mão depois deixar de tremer do seu nome. A tia Menina, da familia popular das boas velhas, com que se cnearam nossos paes, e que alguns de nós ainda chegou a alcançar, nunca se desdiz. Está desenhada com a maior exactidão, e dá ao quadro a beleza de costumes e a verosimilhança que devia ter.

«Em fim, D. Marianna de Mello é uma dama que dá ares do caracter do marquez, e na escola d'elle aprendeu a soffocar o coração, para ouvir só o dever. Esta vocação agradavel, levemente ironica e d'uma elevação generosa, serve de Iriz á paz, que encerra o mutuo perdão da nobreza offendida, e do marquez decaido.

«D. Luiz não aproveita a occasião para abusar da ruina da sua casa — vê-o prostrado e estende-lhe a mão para o levantar.

«É o ideal do cavalheiro portuguez, em toda a sublimidade d'alma. Em quanto o marquez era senhor, duvidou acceitar-lhe em casamento sua sobrinha, com a liberdade d'um pae, e a restituição de todos os bens em dote. Quando o astro cae, no ocaso, e as represalias vão começar, é elle proprio que propõe o pacto, e o consumma.

«Embora entrasse por muito, o amor na exce-

lencia da acção, o sentimento que venceu é mais honroso, o mais puro que ha na vida. O marquez, na hora em que as illusões se perdem, solta uma verdade, em que está toda a critica do seu reinado: — «Ah! D. Luiz! eu não soube, não soube fazer, nem amigos, nem inimigos!» — E foi assim. Para firmar o poder real banhou a coroa no sangue da nobreza. Para proclamar a sua preponderancia, derrubou a potencia moral da companhia. Quebrou o braço a que se encostava a monarchia, feriu a cabeça por onde ella via e pensava desde seculos, e deu-lhe por apoio essa baze movediça incerta e desconfiada — o egoismo burguez, — que por estreita mão chegava para assentarem um throno em cima.

«Sem querer e sem o suppôr, Sebastião José de Carvalho, em nome do poder absoluto, foi o percursor da revolução politica. O que fundára para a monarchia, quasi tudo viveu menos do que elle; — assistiu de pé ás exequias do seu imperio.

«Do que estabeleceu para a burguezia, nada se perdeu, tudo se tornou robusto, e com o tempo a potencia achou-se sem forças de dar batalha e de vencer... aquelle poder absoluto que o marquez julgava fazer eterno, amassando-lhe os

alicerces com o sangue do duque d'Aveiro, e do padre Malagrida.

«O primeiro acto, a exposição da *Sobrinha do Marquez*, é um modêlo. Antes de apparecer, o expectador reconhece já o marquez de Pombal pela bocca de Manuel Simões. O padre Ignacio tambem já traçou o retrato da companhia, e revelou o segredo d'essa influencia humilde e poderosa, que ao mesmo tempo arrastava a sociedade pela persuasão, e a dominava pela obediencia. D. Luiz, a tia Monica, Manuel Simões, D. Marianna e os dois caixeiros, cada qual em seu lugar, estão desenhados com o maior vigor, fallam como se esperava que fallassem de si e dos outros, e explicam-se mutuamente e ás circumstancias que os rodêam.

«Os dois actos seguintes, a nosso ver são inferiores, e ressentem-se da tyrannia que o auctor se impoz a si proprio, querendo encerrar em tão curto espaço, typos e acontecimentos taes.

. . . . . .

. . . . . .

«Como estudo philosophico da epoca, *a Sobrinha do Marquez* é perfeita; como desenho historico, exactissima; como comedia e forma d'arte, a exposição parece-nos inimitavel: o estyllo real-

ça com a graça natural que é segredo da musa familiar do auctor, e muitas scenas são d'uma correcção e verdade brilhantissimas.» — O auctor do artigo conclue o seu juizo critico com estas palavras satisfatorias: «A *Sobrinha do Marquez*, se não é das primeiras, é de certo das boas obras da sua penna.»

Eu por minha parte nada posso dizer sobre isto, mas para se tomar conhecimento com os partos litterarios de Garrett, basta ler-se a primeira obra, e conhecer-se o seu brilhante engenho, para se saber o que valem as mais.

«Saudade! gosto amargo de infelizes
«Delicioso punir d'acerbo espinho,
«. . . . . .
«O viço de meus annos se ha murchado
«Nas fadigas, no ardor cevo de Marte

(GARRETT.—*Camões.*)

XIV

Em 1848, estando o nosso estimado dramaturgo alguma coisa adoentado, mas com o espirito socegado e tranquillo, pode escrever e dar á imprensa mais uma obra de grande merito, e cheia d'um sentimento tão profundo que nos diz sufficientemente quanto vacillava e tremia o pulso que a traçava, e o doloroso turbilhão de pensamentos tristes que habitava o cerebro que a concebia.

E o poeta tinha rasão sobeja para soffrer, chorar e tremer, ante o papel que recebia as suas ideias, n'essa occasião de pungentes recordações! Recordações dos tempos, em que não lhe era concedido abrir os olhos ao despontar do dia, e fictal-os nos horisontes da sua patria, nem ver o rosto da lua que a allumiava durante o correr da noite: as recordações do desterro, sob o nevoeiro que povoa quasi sempre a atmosphera d'Albion.

Este trabalho foi a *Memoria Historica* da Ex.ma Sr.a Duqueza de Palmella, D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama, de quem o poeta recebera immenssissimas provas de consideração e sympathia, em muitos soccorros que necessitara desterrado em Inglaterra, quando esta nobre senhora ali residia com seu esposo durante o governo do usurpador.

Este perfeitissimo trabalho honra tanto a illustre finada, e a sua prole, como o grato protegido que soube revelar e engrandecer as suas sanctas virtudes e apreciaveis costumes. Que saudade pela carinhosa protectora dos infelizes desterrados! Que sublime gratidão, e que angustia pela sua dolorosa falta! Que reminiscencia dos grandes actos, e das grandezas d'alma da carido-

sa protectora dos pobres, e que elogio aquella mão profusa, que tantas vezes vira levar o conforto e a alegria aos que provavam o soffrimento voráz da fome! Este folheto é acompanhado do retrato da protectora do poeta, e não foi exposto á venda mas foi impresso ultimamente no já citado volume dos *Discursos*. Em 1849 escreveu João Baptista e imprimiu outra memoria ácerca da vida e trabalhos d'um dos homens mais notaveis do seu tempo, — José Xavier Monsinho da Silveira. São tambem umas bellas paginas para a historia dos varões mais illustres do seculo em que vivemos. Concluidos estes trabalhos e continuando outros em que tinha dado os primeiros riscos, teve de os interromper para tractar de promover a subscripção, para levantar o monumento do imperador D. Pedro IV, o bravo soldado da liberdade, que pelejara com elle, e com elle desembarcara nas longas praias do Mindello, sobre as cançadas tropas miguelistas, — em cuja commissão fora incluido em 13 de Dezembro de 1850. Por este tempo era Garrett, membro honorario da sociedade Archeologica Lusitana, onde o respeitavam como mestre, e era querido extremamente pelos socios d'aquelle estabelecimento tendente a avivar as antiguidades monumen-

taes já bastante escurecidas pela nuvem dos tempos, e com a fronte vendada por um manto de musgo espesso. Eram bons tempos ainda aquelles, em que os homens de talento se empregavam em místeres que eram proveitosos ao berço que os tinha embalado. Hoje... onde se esconderam os homens d'intelligencia extremada, os filhos das nossas soberbas academias? Onde foram amarrados os continuadores da estrada de Camões, Vieira Bocage e Garrett?.

Em que fogo caiu, ou em que mar se afundou essa possante machina do pensamento humano, que transportava os grandes homens, dos campos da meiga poesia, aos da prosa correcta e admiravel que era habitual em D. João de Lucena, e Fernão Mendes? Que maldicto golpe fulminou os maviosos poetas, e os pensadores profundos?! A morte?... E onde estão hoje os que os fizeram representando?... Onde se envolvem agora? Nas salas, rendendo finezas ás mulheres, e inscrevendo mais desgraçadas nos annaes da prostituição? Nas reuniões clandestinas, barateando esse nada que nos resta da desgraçada patria? Nos cafés e bilhares discutindo ácerca do que joga melhor as carambolas? Naturalmente... são as occupações favoritas, da maior parte dos homens

que Pensam, e sabem por um estudo possivel, ou impossivel, que dois e mais dois, faz *muito bellamente* quatro!...

Alguns que possuimos ainda do tempo de Garrett, e cujas idéias ainda não soffreram o dente do carrancho maligno, esses, recolheram-se aos seios das suaves affabilidades familiares, e deixaram de gritar ás turbas que os apedrejavam, movidos pela fraqueza e factuidade do espirito!—adiante.

Em 8 de Março de 1851, saiu um decreto em que se nomeava Garrett, plenipotenciario para firmar e concluir a convenção litteraria entre Portugal e a Republica Franceza, com o plenipotenciario d'aquelle Estado Mr. Barrot, o que conseguiu levar a effeito em 12 d'Abril do mesmo anno. No fim d'esta commissão, foi Garrett declarado ministro plenipotenciario em disponibilidade, e sem vencimento d'ordenado, em consequencia de o vencer por outros cargos de que estava á testa. Em 3 de Junho foi ainda nomeado plenipotenciario de S. Magestade Fidellissima para tractar novamente das adiantadas negociações com a Sancta Sé, começadas em Março de 1842, entre Portugal e o Arcebispo de Berito, Internuncio de S. Sanctidade.

Em 25 de Junho d'este mesmo anno de 1851,

Sua Magestade, attendendo aos muitos e valiosos serviços prestados por este nobre e leal portuguez, como soldado no campo da honra, na legislatura, no ministerio, no seu conselho, na diplomacia, e em outros lugares distinctos, sempre pela Sua Real Causa, houve por bem conferir-lhe o titulo de Visconde d'Almeida Garrett, por tempo de duas vidas. O soldado da liberdade, via alfim o seu nome escripto nas paginas douradas, dos nobres vassallos d'uma rainha que sabia premiar condignamente os homens que por seu vasto talento a haviam livrado das ameaças que soffrêra durante o seu reinado. Lembra-me agora o dicto d'um litterato respeitavel, por occasião de sair visconde o nosso sympathico poeta—*Lá deshonraram hoje um meu amigo!!*—Aqui é que eu nada posso resolver; se o deshonraram ou não, mas é certo no entanto, que muitas vezes se dão honras deshonrando. Não busco penetrar agora no pensamento secreto do homem que proferiu estas palavras, mas lembra-me de varias coisas que Garrett disse dos titulares, e então na minha opinião, sustento que devia pedir outra coisa em lugar do titulo, e continuar a seguir as mesmas ideas n'esse ponto.

Tres dias depois foi o poeta nomeado membro

d'uma commissão que se formou em Lisboa, para reorganisar alguns ramos de serviço publico que haviam caido no inteiro esquecimento, em consequencia das gravissimas occupações que absorviam todos os instantes aos homens que os regiam.

N'este mesmo dia 28 de Junho, foi encarregado de redigir os estatutos da Academia Real das Sciencias.

Em 23 de Setembro foi nomeado vogal effectivo do Conselho Ultramarino, e em 29 do mesmo mez e anno, agraciado com o diploma de Grande official da Legião de Honra de França. N'esta epoca era elle deputado pela provincia da Beira.

Entrava o anno de 1852, e o poeta-orador sempre dedicado e apaixonado pelo bom andamento dos negocios do paiz e felicidade de seus irmãos, e tributando pura e inquebrantavel amisade á Real Familia, alcançou em 13 de Janeiro a carta regia que o nomeava Par do Reino.

Nos principios de Março do mesmo anno appareceu um decreto que o fazia Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, cuja graça acceitou, exercendo esse lugar honorifico com a prudencia que empregara sempre em to-

dos os encargos que tomava. Mas infelizmente, a sua administração durou pouco tempo, porque onde existe a mentira e a preversidade, não podem socegar os sentimentos nobres e a verdade.

O nobre estadista deixou o seu lugar em 27 de Agosto do mesmo anno, parece-me que por intrigas dos mais governantes que praticavam loucuras, no mesmo gabinete. Digo *parece-me* (1) porque poucos ou nenhuns documentos possuo para *asseverar*;—por isso quando encontrar mais amplos esclarecimentos sobre a sua saida do gabinete que dirigia, direi mais alguma coisa sobre esta interessante transicção da vida publica do poeta.

Em 27 de Março do mesmo anno, foi Garrett agraciado com o diploma de Gran-Cruz da Ordem do Brazil, e em 14 de Abril recebeu a condecoração de primeira classe do Nichani Iftiar da Turquia. Decorrido pouco mais de dois mezes, foi-lhe dado o diploma de Gran-Cruz de Leopoldo da Belgica, e em 2 de Julho concederam-lhe o diploma da Ordem da Estrella Pollar da Suecia

(1) Veja-se nota no fim.

e Norwega. Nomeado Balio Honorario, e Gran-Cruz da Ordem Militar do Hospital de S. João de Jerusalem, a 4 do seguinte mez.

Na terceira votação d'este anno, na Academia Real das Sciencias, foi considerado socio effectivo d'aquelle estabelecimento. E acaba aqui uma das grandes epocas de Garrett, e começa outra que deve ser a derradeira!

No dia 10 de Março do anno seguinte, 1853, foi exonerado de plenipotenciario para tractar a concordata com a Sancta Sé, de cujos trabalhos fôra encarregado pela primeira vez em 7 de Março de 1842, e continuara em 3 de Junho de 1851.

Em Maio de 1853 saiu á luz da publicidade o seu segundo volume de versos que tem por titulo, *Fabulas—Folhas Caidas*. Por esta occasião era o visconde de Almeida Garrett, presidente honorario do instituto d'Africa estabelecido em Paris, e socio do gabinete portuguez de leitura creado na cidade de Pernambuco. Na mesma epoca espalhava elle as ricas imagens do seu immenso vocabulario, para um novo livro com que tencionava provavelmente fechar a sua magnifica litteratura, que é sem duvida, uma das partes mais eloquentes e elegantes que possue a lingua

de Frei Luiz de Sousa, e Bernardo de Brito. Era um novo genero e um novo estylo da sua penna engenhosa, e digna de se ufanar ao tomar sempre o passo aos grandes obreiros do pensamento a quem se deviam curvar as gerações vindouras.

Os seus amigos da infancia, companheiros da miseria e da abundancia, da baixeza e opulencia litteraria, viam-n'o sempre, quando desligado dos empregos que occupava desde 1820, rodeado de livros, debruçado e pensativo sobre as suas producções sublimes, cujos originaes conservava em seu poder, não nove annos como mandava o principe dos lyricos latinos, mas alguns dias, para curar as imagens rachiticas, com aquelle escrupuloso esmero, que empregava em rever os seus escriptos, antes de os depor nas mãos dos sabios, dos philosophos, e dos criticos impertinentes, que sempre esbarraram nas investidas que tentaram contra elle. Outras vezes, quando o robusto lidador se alevantava da sua cadeira de trabalho, aborrecido de tão grandes lidas, viam-n'o logo distribuir os seus maduros conselhos aos mancebos que eram a seu lado, e sollicital-os para si, dos homens, a quem os annos haviam enflorado a frente com uma auréola de cans, e legado o maximo conhecimento do coração humano com

todas as suas virtudes, miserias, bondades, vilezas, aborrecimentos, alegrias, e paixões nobres e despresiveis. E poderia caber orgulho no coração d'um homem assim, que nunca ousou dizer que se conhecia gigante? Não, porque ahi estava a sociedade para o avaliar; e se acaso assim o pensava, pensava muito bem, porque não ha melhor juiz, do que esse turbilhão confuso do mundo, cujas malhas só deixam passar aquelles que pela sua pequenhez viveram ignorados, e passaram na immensa caterva dos seus rebanhos, abraçados aos altos tacões dos vultos mais extremados.

Na mesma epoca—dizia eu—espalhava elle as ricas imagens do seu immenso vocabulario para um novo livro! Sim, escrevia um novo livro; uma historia recamada de philosophia, em que nos desdobrava diante dos olhos um dos quadros sociaes que tanto escaceiam na litteratura nacional; mas para desgraça nossa, e das nossas lettras, ficou essa pintura ainda muito longe do seu termo, porque os ultimos traços que ali se apreciam fornecem-nos uma favoravel ideia de quanto faltava dizer ao abalisado escriptor, para expor aos olhos do publico aquelle painel grandioso, que havia de offuscar a vista e a gloria dos melhores pintores

do nosso seculo n'aquelle genero que elle então creava, já fortemente alquebrado pelos agros padecimentos que o atormentavam.

Era um lindo romance contemporaneo, cujos primeiros capitulos, correm com auctorisação do auctor nos sertões do Brazil *não muito longe da Bahia*, ao som dos ventos que sibilavam nas copas das palmeiras, dos uivos das feras sertanejas, e do cantar sonoro do rouxinol d'America, — o sabiá.

Que lindo quadro, e que primoroso estudo! E que maga poesia pullula n'aquellas soberbas paginas! Que elegancia de formas, e que sublimes pensamentos. De tudo quanto hei lido sobre costumes brazileiros, nada tão bello tenho visto como estas poucas paginas que nos apresenta Garrett, n'este soberbo prologo d'um livro. Este fragmento d'um romance delicioso, que nos veio dizer quanto seu auctor era infatigavel intitula-se *Helena*.

O grande poeta, mesmo doente como estava, envolto n'uma mortalha de dores atrozes, vigiado pelos facultativos e pela côrte elegante, ainda não fechava o numero dos seus livros.

É que socegado alguns dias aquelle cerebro ardente e fecundo, começava a trasbordar de poe-

sia, e o possuidor d'elle, tinha de buscar um vaso onde entornasse essas copiosas torrentes que deviam enviçar alguns paramos sociaes, onde não chegára ainda o maná refrigerante de seus olhos, o ecco da sua grande palavra, e o vibrar d'aquella harpa sonora em que modulou hynmos a Deus e á patria, e que então já deixára de dedilhar, ao sentir que a fronte lhe propendia teimosa, para a dura argilla d'onde o mesmo Deus o havia arrancado. As ultimas pincelladas que deu no seu bello quadro da *Helena*, mostra-nos sufficientemente as grandes lavas d'imaginação que o abrazavam n'aquella occasião, e a divina inspiração que sentia na alma; mas desgraçadamente, o poeta abandonou-o n'um poncto de tanto interesse, que temos quasi a certeza, de que alguem o foi interromper, e tirar-lhe da mão a palheta d'ouro que empunhava. Este romance foi interrompido necessariamente nos fins de 1853, epoca em que Garrett foi chamado á camara dos Pares para defender dos tumultos oraes, essa aluvião de religiosas que habitava os numerosos mosteiros que existiam ainda n'esse tempo em Portugal, — com o seu magnifico relatorio e projecto de lei, que apresentou nas Camaras em 21 de Janeiro de 1854. O poeta diz ali alto e bom som, que

devem existir esses recolhimentos para refugio e abrigo de mulheres desamparadas e infelizes, e educação de raparigas desprotegidas da fortuna, e todas aquellas, que, olvidando as turbulentas paixões e os desregrados prazeres mundanos, buscam emfim o descanço do espirito e a morte dos sentidos, no silencio do claustro, para alcançar a gloria eterna em estreita convivencia com Deus!

Este relatorio é um fecundo ramo da eloquencia do talentoso estadista, para lhe augmentar a coroa, já tão elegante e respeitada pelos portuguezes e estrangeiros.

N'esta mesma sessão, apresentou o seu rico relatorio de bases para a reforma administrativa, que havia tantos annos que era assente sobre alicerces tão aleijados e incomprehensiveis, que não se differençavam os superiores entre os subordinados, senão pelos lugares em que se assentavam, e pelos ordenados que venciam. Medindo o poeta essas desigualdades com o metro recto dos seus puros sentimentos, não pôde conter a impetuosa lava de indignação, que lhe começou a estuar no coração, e empregou toda a sua força moral para lhe fabricar um termo. D'esta tempestade colerica, foi que saiu esse projecto

que submetteu ao exame d'uma commissão, para lhe dar o destino mais acertado. Mais alliviado n'esse tempo dos seus padecimentos, julgou que a sombra da morte o desamparava emfim, mas eram tão passageiros e inconstantes esses allivios, que pouco tempo gosou essa venturosa felicidade que havia muito tempo que não experimentava. Breve... muito breve, sentiu ranger os ossos, entre os horrores d'um soffrimento que promettia arrastal-o á sepultura! Mas aquella grande alma, aquelle espirito fecundo e inergico, possuia animo ainda para supportar por algum tempo as acerbas agonias que lhe cerceavam lentamente a existencia. Aquelle genio altivo, fadado para encaminhar seus irmãos ao eden da perfeição, onde se aprende a soffrer com resignação as tempestades da vida, ainda não se curvava ante a pavorosa nuvem que porfiava em annuvear-lhe aquelles olhos vivificantes, acabrunar-lhe a fronte egregia, e murchar-lhe aquelles labios sympathicos, onde a cordura e a bondade jamais se haviam apagado.

Entrava na senda do existir o mez de Fevereiro, e a dôr do poeta, recrudescia com indomavel tenacidade. A camara dos Pares esperava-o com a viva anciedade, que o enfadado e ferido joga-

dor d'esgrima, espera e implora para seu lado um austero natural de Cornwailles, para o salvar do florete envenenado que o seu adversario lhe aponta ao sitio do coração! A numerosa camara, esperava-o para o ouvir entrar na discussão da resposta do discurso da Corôa, em que sempre se distinguira nas camaras anteriores, tanto, quanto era dado a um talento assim, e a uma alma que nunca se dobrára em frente dos gigantes que o tinham acommettido.

A camara contava com a protecção da sua palavra de vigor transcendental, os dias corriam rapidos, e a feral doença redobrava!

Que esperanças para o parlamento...

Chegou finalmente o dia 10 de Fevereiro de 1854. O robusto poeta, ergueu-se do seu leito d'agonias, com o firme proposito de comparecer onde o chamava mais que a propria vóz do dever, a franca e leal amisade de seus amigos e admiradores, que vendo-o tão dobrado e desfallecido, desejavam ouvil-o mais ao menos uma vez, animado pelo fogo que devia produzir n'elle a grave discussão, ácerca do estado da administração publica.

O genero da discussão não aterrava o gigantesco orador; mas a enfermidade oppor-se-ia a

que soltasse a seu modo, a palavra que internecia e dominava as assembleas? Era-lhe impossivel sabel-o, mas o poeta cria ainda firmemente n'Aquelle que accende o estro do coração, faz com Sua mão divina, grande o que nasceu pequeno, e amesquinha á extrema humildade, o que sempre se vangloriou de ser altivo e potente.

N'este proposito sentou-se a escrever.

Entretanto chegava a seu lado, e abraçava-o com o mais profundo respeito, um dos seus mais constantes amigos; — talvez o melhor que possuiu!

Talvez? Não; — era inquestionavelmente o coração que lhe tributava então mais puro affecto! Era o seu discipulo favorito, Francisco Gomes d'Amorim, o estimado do poeta dos *Cantos Matutinos!* (1)

Junctos e unidos os dois poetas, mestre e discipulo, conversaram algum tempo, em differentes themas litterarios e scientificos, e assumptos publicos e particulares. Amorim ainda não se resolvera a perguntar-lhe se tencionava ir ao parlamento n'aquelle dia, e o mestre não se havia lembrado de lhe dizer que ia.

Ouviu-se na rua um rumor leve e fechado, que

(1) Veja-se nota etc.

se assimilhava ao rodar d'uma carruagem, cujos cavallos se condusiam n'um galope tenteado. De repente cessou este ruido, e a rua de Sancta Isabel caiu no seu silencio primitivo.

Amorim não prestára maior attenção ao que ia fóra; olhava compadecido para o mestre e conversava.

Garrett ergueu-se prestes da sua cadeira de pau sancto, e apoiando-se ao hombro do seu verdadeiro e leal amigo, encaminhou-se para a janella com passos pouco firmes, e vagarosos.

Era a carruagem que o devia conduzir a S. Bento, que o esperava á porta.

Amorim, olhou para o mestre com a respeitosa expressão que se deve a um pae, ou talvez com a veneração que o crente contempla uma imagem divina; e abafando no peito uma palavra que já lhe começava a mover a lingua, ficou silencioso e pensativo. Garrett comprehendia-lhe a meiga expressão dos olhos, como Luiz de Camões comprehendera as gesticulações e olhares do seu Jau fiel; e enviando-lhe um d'aquelles sorrisos maviosos e de pura confiança que tinha sempre nos labios, para aquelles com quem tractava, silenciou tambem. Tinham apenas trocado aquelle olhar commum, serenos e mudos, e os dois

pensamentos d'alma, já estavam revelados entre si.

Naturalmente o discipulo perguntara-lhe n'aquelle olhar de sancto respeito:

—Não temes que te redobre a doença e te falte o alento vital?...

E traduzido o bondadoso sorriso do mestre diria proximamente:

—Se me escacear o animo, e me abreviar os dias do viver, é no posto que me aponta o dedo da consciencia, e a favor da causa que jurei defender com a dextra firmada no evangelho da minha patria.

Não ouso affirmal-o, mas olhando attentamente para as saudades do discipulo, e engrandecendo por estas o coração leal do fecundo auctor de *Frei Luiz de Sousa*, não se podia esperar que os quatro labios coassem mudos, outros pensamentos que não estes.

Pouco tempo depois, partiu a carruagem, levando o definhado orador ao seio dos Pares do Reino.

Chegada que foi a hora desejada pelo parlamento, começou a proferir o seu discurso; — e fez isso em tão feliz instante, que o concluio duas

horas depois approximadamente, entre um copiosissimo chuveiro de *bravos! apoiados!* e vozes de *muito bem!!*

Foi um delirio immenso para os ouvintes, e um inteiro triumpho para elle.

Mas que pureza de ideias, e que elevados pensamentos verteu n'esta vehemente oração, concebida por entre as dores que lhe violavam as entranhas do coração!

Que valle essa volumosa miscelanea d'orações parlamentares ao lado d'esta metropoli de pensamentos que ninguem ousará combater com a pura verdade que elle empregou sempre em todas as suas palavras, e n'esta occasião, para refutar as asserções do ministro do reino?! Quem se atreverá a cortar-lhe esses largos vôos que remontaram ás regiões do infinito?! Quem sem o auxilio d'uma nova torre de Babel, lhe poderá lançar a mão á coroa que ganhou pelos seus talentos?!

Quem?! Eu não sei; que o digam aquelles que sabem melhor do que eu, apreciar as obras do pensamento humano!

Que magestoso aspecto não havia de ser o do poeta doente, animado pelo fogo da paixão que o roia, quando alcunhou d'imprudente o ministro

das justiças e lhe desfechou no rosto enfiado estas palavras:

— «O seu procedimento nem é constitucional nem catholico!!»—E como não havia de estar extenuado aquelle fugaz espirito, tão fundamente roido pelos vermes da morte! Que o digam os que assistiram a esse grande acto, e tiveram relações estreitas com elle, porque eu não tive a felicidade de o conhecer; apenas me é agora concedido admiral-o nos livros que correm por esse grande mundo, e nos retratos que o representam.

O orador foi interrompido muitas vezes com *apoiados, e bravos!* dos srs. condes da Taipa e de Thomar, e mais homens publicos que presidiam a esta sessão interessante. Garrett sentindo-se quasi exhausto de forças encurtou o discurso alguma coisa, e dizem que se retirou das camaras bastante desfigurado.

Muitos que o viram assim, disseram que era aquelle discurso, o epilogo dos seus brados parlamentares; mas Garrett ainda não tinha tocado n'um poncto que lhe indicava a consciencia. Ainda lhe faltava uma flor para concluir o seu formoso ramalhete parlamentar. Esse ramalhete de elevado preço atou-o finalmente na sessão da

camara dos Pares, do dia 4 de Março com o seu discurso sobre o estado d'administração publica, e questão do Padroado.

Por esta occasião desaffrontou-se das palavras que o ministro do reino lhe dirigira com pouca propriedade pretendendo rebaixal-o. Chamou á arena differentes ramos d'administração, e accusou de inepsia, aquelles, em cuja alçada estava remediar os abusos que se praticavam n'esses estabelecimentos.

A camara ouvia-o serena e admirada, e os governantes em quem elle descarregava as tempestuosas accusações, encaravam-n'o enfiados, sem terem animo ao menos para se olharem entre-si.

Terminou a discussão. Pouco depois saíram das côrtes duas numerosas phalanges d'homens.

Uma, sentia-se presa pelas palavras do robusto orador—robusto no moral, que no phisico era o mais imbelle de todos,—outra a dos seus adversarios, assanhada e amarella, como se quizesse tragar aquelle que lhe tomava o passo, e a supplantava na sua vergonhosa impotencia.

E findam aqui as suas luctas da palavra, e os mais empregos que alcançou dos reaes poderes.

Emmudecendo a sua lingua, só se ouviam em S. Bento uns eccos roucos e frios, que expiravam

ao tocar nas vozes do poeta que ainda hoje ali revoam, e os saudosos carpidos da tribuna orphã, e enfadada de muitos oradores imbelles que ali ficaram esbracejando, e só de tempos a tempos se via animação nas camaras, aos brados do fogoso José Estevão que ficou sendo o primeiro orador parlamenar do paiz.

Quando alguns homens ali oravam, e se batiam renhidos sem resolver o assumpto por fim, e diziam sempre a mesma coisa, ouvia-se murmurar a outros em quasi todas as camaras, em voz baixa:

Falta aqui um Garrett! E ainda actualmente se repetem ao ouvido estas palavras de immorredoira gloria para o poecta, e de ecterno escarneo para os vastos marinheiros do galeão do estado.

«Correi sobre estas flores desbotadas:
«Lagrimas tristes minhas, orvalhaeas,
«Que a arides do sepulchro as tem queimado.

(Garrett.—*Camões.*)

XV

O visconde d'Almeida Garrett, sentindo-se desfalecer dia para dia, resolveu-se então a dar o adeos sentido e fatal aos negocios do paiz, e ás frivolidades da sociedade que frequentara no decurso da sua carreira brilhante, e algumas vezes feliz.

Sepultou-se no viver solitario do Anachoreta, acompanhado pelos affagos da filha que estremecia, e do discipulo que lhe adoçava as feras agonias d'alma, e erguendo silencioso uma oração

fervente a Deus, aguardou tranquillo a morte.

Vulgada desde logo esta atterradora noticia em toda a Lisboa, correram ao seu modesto domicilio, os filhos da mesma religião, os martyres das mesmas torturas, e até os seguidores d'outras doutrinas que não as suas, para lhe admirarem a resignação, e a divina inspiração que Deus lhe concedia nos poucos dias que lhe restavam.

Decorreram alguns mezes, e aquelle genio continuava a soffrer sem que Deus se apiadasse d'elle.

A morte descia rapida, feia e terrivel para empolgar aquella vida saturada d'agonias. Depois, como o corvo que vendo o caçador atrevido, remonta mais uma serra, e se vae refugiar entre as penedias, desappareceu da atmosphera onde tentava a estancia do moribundo, para o fulminar com seu alphange venenoso. Desapparecendo pois, essa realidade ou visão aerea, foram dores ainda mais horriveis, visitar o genio soffredor ao seu leito de Lazaro. E elle, já com a murchez da morte desenhada nos labios, e os pios da ave agourenta sobre seus tectos, não ousava soltar um ai, um gemido, um desespero, uma blasphemia!!

Que sancta resignação!...

D'espaço a espaço, assestava aquelles olhos embaciados pelo soffrimento; aquelles olhos tão vivos e fulgentes outr'ora, e tão encovados então, signal sufficiente de quanto a vida se affastava d'elle,—na cruz do Redemptor, que lhe era sempre juncto do leito da agonia, e beijando soffrego e constante, aquella imagem da divindade, e aquella historia dos atrozes padecimentos de Christo, fazia apparecer no rosto pallido e tremulo umas ondulações, que pareciam exprimir estas palavras:

—«Pae recto e consolador!... Tu soffreste muito maiores torturas do que estas que me golpeam o coração, e passaste avante das faldas do teu erguido e pedregoso Sinay... Passaste para ensinar as gerações a soffrer com paciencia os maiores martyrios; e os impios que te pregaram no madeiro do supplicio, adoraram-te por fim, e abraçaram phreneticos, as tuas sanctas doutrinas: —e depois da vida foi d'elles o reino da Gloria! «Eu, serei tambem amado e querido além da sepultura; não como uma divindade, mas como os martyres das paixões terrenas, que souberam como eu, sopportar resignados os affrontamentos da vida.»

A seu lado era immovel, mudo e attento, como o cruzeiro do atrio velando a porta do sanctuario,

o seu leal discipulo,—e fictava-o triste como o filho carinhoso, que junto do pae enfermo, sente na porta as argoladas da orphandade; e parecia perguntar ao moribundo n'aquelle olhar mareado de lagrimas:

—«Quem me deixas no mundo para encher o vacuo immenso do meu coração rasgado?...» Mas o mestre do generoso poeta já não sentia forças para lhe responder a tão horrivel pergunta; e encostando-se a elle, apertava contra o peito ralado, a cruz que o filho de Deus levara aos cerros escalvados do Calvario. E o poeta das *Folhas Caidas* começava a perder aquella respiração espirituosa que expellira até-li d'aquelle sacrario de poesia; e a visão da morte, que já lhe esvoaçara sobre a habitação, não voltara ainda a dar cumprimento á sua missão, e o seu parecer cortava o coração a alguns entes bondosos que o rodeavam.

Era pungente e doloroso, ver esvair-se gotta a gotta aquelle balsamo precioso, com que o silencioso martyr, dulcificara tantas amarguras a seus irmãos que soffriam, — com a suavidade do anjo que Deus envia ao barathro lutulento, a depôr um osculo de perdão, nos labios do impio arrependido que extrebuxa com os pulsos roxeados pelas cadeias dos remorsos. Oh! como era triste! Como

pungia a alma, ver soluçar vacillante aquelle astro divino, ás portas do accaso já meias abertas, para o roubar ao mundo, que chorava já a proxima extincção da sua chamma conseladora. Era despedaçador assistir á cerração d'aquellas orbitas sobre os dois olhos murchos, como o fructo que empequeceu beijado por um insecto peçonhento, ou varejado pela ventania que lhe torceu a haste que o prendia ao tronco. Presa aquella triste vida por um fio tão tenue, e resequido pelos sopros geladores do sul, franzida aquella fronte de poeta, onde se viram saltitar sempre as flamas inextinguiveis d'uma intelligencia superior; encolhidos os membros d'aquelle corpo tão galante no seu zenith de felicidade; abrandado o pulsar do coração esmorecido, quem lhe poderia fornecer o perdido alento? Quem poderia robustecer de novo aquella planta fertilisadora, minada então até á medúla por um trado penetrante? Deus!... só Deus lhe podia bradar do seu throno celeste:

— «*Levanta-te misero!*» E elle se erguêra, mais são e robusto, do que fôra durante as horas felizes. Mas o divino Regedor do visivel e invisivel já lhe tinha lavrado a sentença final.

E o poeta continuava a soffrer resignado ante o Deus Crucificado!

Seus amigos!—raros—e seus vastos admiradores, esqueciam-se a seu lado, dos cargos que lhe eram confiados pelos governantes da nação, e buscavam constantes sanar-lhe os fundos golpes que lhe povoavam o corpo. Todos carpiam, e esperavam afflictos, o soluço extremo d'aquella existencia brilhante, d'aquelle soberbo pharol que nos allumiara a patria, com os reflexos immorredoiros da sua grande intelligencia. Todos o choravam e lhe apontavam olhares apaixonados e compadecidos ao seu leito de martyr,—e oravam silenciosos, pedindo Áquelle que tem fechado na dextra divina o destino dos céus e dos mundos, que terminasse as torturas, ao filho que tantas vezes dedilhara a lyra harmoniosa, evocando-o em sentidos hymnos, e vulgando os Seus preceitos, aos entes que chafurdavam nos lameiros da desmoralisação, e ignoravam que existe alem da vida, um tribunal supremo, occupado por um juiz inexoravel, que hade pezar os nossos actos nas conchas d'uma balança fiel.

E esse juiz ainda se não amerciava da sua dôr despedaçadora, nem lhe dava a derradeira poisada! Aquella alma queria morrer, mas Atropos não chegara ainda com a thesoura cortante.

E o vate, alongava passo a passo, os olhos ex-

pirantes para a porta do aposento! Que buscaria elle encontrar com a vista no tenebroso recinto? Que élo, o prenderia ainda á terra que tanto lhe custava deixal-a?! O que seria que lhe paralysava a lingua, que não podia enviar o ultimo adeus ao mundo? Faltaria-lhe algum ente idolatrado de quem esperava o perdão d'algum acto mal-pensado? Seria o remorso de ter quebrado algum juramento, feito ante aquella imagem divina que tinha diante dos olhos? A lembrança d'alguem que amara loucamente, e por quem se achava desamparado n'aquelle momento solemne? Algum documento guardado, que lhe manchava o manto d'honra que o mundo civilisado lhe posera nos hombros? Ralal-o-ia a impossibilidade de rasgar o véu que occultava o fucturo da filha querida, a quem breve ia legar aquelle grande nome, que as nações mais civilisadas apregoavam como o de tantos homens d'intelligencia colossal; que passaram ligeiros n'esta treva lamacenta, e desceram á sepultura com a rapidez d'um metheóro? Seria a lembrança da patria, onde via tanto que fazer, e tão poucos filhos que se esforçassem por ella? Quem sabe?!... É muito provavel que todos estes pensamentos luctassem renhidos com o seu espirito já quasi apagado! . . . . .

Decorreram ainda alguns dias. O poeta pediu aos amigos que o rodeavam, que lhe chegassem ao leito todos os seus authographos. Sendo-lhe entregue immediatamente aquelle espantoso molho d'originaes acabados e incomplectos, leu-os ligeira mas attentamente, e começou a despedaçar aquelles que não eram dignos de ser vistos pelos seus vindouros, e foi colleccionando os que podiam ser proveitosos á patria de quem se despedia.

Feita a consciencioso monda, entregou aquelle bello archivo, que não desdourava o seu engenho explendidissimo, ao seu muito particular e lacrymoso amigo D. Pedro de Brito do Rio, que o visitava muito a miudo nos ultimos mezes da sua vida.

Vendo depositados os seus queridos manuscriptos n'um cofre tão seguro, e velado por uma alma sincera como era a de D. Pedro, descançou mais, dos cuidados que o prendiam a esta selva insondavel.

A presença da «filha idolatrada» limou-lhe tambem quasi até ao amago o élo que lhe amparava o espirito extenuado.

Deus annunciou-lhe por fim o momento fatal, pela visão horrivel da morte, que ja estivera so-

bre sua estancia, e se affastara para elle fazer o legado do seu thesouro litterario, e do nome egregio que estava prestes a ir aos braços da posteridade.

A morte alevantara-se enfurecida do seu esconderijo, e fôra pousar á porta do moribundo!

«Não póde mais o coração c'oa vida;
«E lenta a morte c'o enfezado sangue
«Caminho vem do peito. O espaço mede
«Que lhe resta na arena da existencia;
«Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.

(Garrett.—*Camões.*)

XVI

A quadra outonal corrria ligeira para o fim da vida, como o poeta das *Folhas Caidas*. Qual expirára mais cedo; o poeta ou o outono? A qual restavam mais dias de existencia? Era um mysterio, e mysterios de Deus só a Deus é dado conhecel-os. Ao animal que falla e pensa, que ora e blasphema, só os revela o porvir!—o porvir se acaso não o tragam primeiro as fauces da terra!

Era o dia 9 de Dezembro de 1854,—dia de

acerbas tristezas para tantos portuguezes leaes— dia que ha de ficar gravado em lettras indeleveis na historia da nação que se ufana de ter visto nascer e morrer, o inspirado cantor da «maior alma que deitou Portugal.»

A casa do moribundo estava fechada e silenciosa como a ermida do deserto, onde nem se faz ouvir o esvoaçar do morcego em derredor da alampada amortecida, pela falta d'alimento.

Bateram as 6 horas da tarde.

De repente a casa soffreu um estremeção violentissimo. que parecia produzido por uma d'estas tempestades que voltam as arvores com as raizes para o céu, e desboronam os edificios mais fundamente baseados. Os gonzos das portas e janellas, rangeram com lugubres gemidos. Subitamente abriu-se a porta, como impelida por um tufão proceloso!

Era a morte que entrava no aposento, fazendo recuar todos os que rodeavam o leito!

O poeta enclinou os olhos sobre os do discipulo, apertou com frenesi a cruz do Christo sobre o peito extenuado e arquejante, e deixou pender a fronte, como a flor beijada por um raio de sol abrasador!

Amorim, apertou nos braços aquelle corpo ina-

nimado, e murmurou soluçando, com o rosto suleado de lagrimas:

— «Partes meu querido mestre?!... Não me desampares ainda, que já sinto fugir o estro que me accendeste!... Partes?!... E quem ha de entezar alem do teu ultimo soluço, as cordas da minha pobre lyra?!... Que poderei cantar agora?!... A saudade?... a tua morte?... oh! mas a saudade cantastel-a tu, e a tua morte não terei eu animo de a cantar, porque será a morte do meu estro!»— (1)

Todos choravam, todos soffriam, todos; mas quão dilacerante não era o soffrimento do desconsolado poeta que ficava sem mestre e sem protector?!... Sim... Que sons poderia exhalar a desconcertada lyra do discipulo, vendo sua mãe quasi a dar o *arranco extremo!!?* Uma nenia, uma elegia funebre, um canto de consternação, uma saudade, e finalmente as grandezas d'alma e d'espirito do agigantado successor de Camões?!!...

Oh! mas tudo era triste; e a lyra lêda e apaixonada do poeta que soluçava com o moribundo nos braços, transformar-se-hia, talvez para sempre! — em alaude de morte.

(1) Veja-se nota no fim.

O mestre não ouvira já, ou não podéra responder ao leal coração que o interrogava! Inclinou-se, olhou todos quantos se achavam no aposento, tremulos e chorosos, e apertando a cruz n'um estreito abraço, murmurou por entre um suspiro anciado e ruidoso: — *Já o não vejo...*

E foram estas as suas derradeiras palavras!...

∴

Ouviu-se um gemido longo e doloroso em todos os extremos da habitação, e um ecco parecido com o estalo d'uma mola de fino aço!

Era a morte que despedaçava aquelle coração privilegiado

«Onde gemeu amor, carpiu saudade» — e a princeza das lyras que estalava para despertar o mundo do lethargo ocioso, e pedir-lhe que a posesse patente aos olhos das gerações futuras.

∴

Os raios do sol que haviam de acalentar o poeta durante a vida, tinham-se escondido de vespera nos fundos abysmos do occidente, assustados com o Austro outonal, que trazia em suas

azas o annuncio d'alguns dias de chuva copiosa! O sol não tinha de apparecer mais na sua vida!

∴

Caiu o homem grande, ergueu-se a estatua da immortalidade!

∴

Pouco depois de se evaporar aquella alma e subir aos pés de Deus, só se ouvia na luctuosa habitação a oração sancta de duas irmãs de caridade, que o encommendavam ao Senhor, e o soluçar do homem que lhe servira d'esteio nos ultimos momentos da existencia, — e sentira com verdadeira dôr d'alma, o violento estremessão que lhe dera a morte para saccudir o corpo na terra, e levar a alma a um logar, ignorado por aquelles que se despedem das mundanidades tempestuosas, e dos que ficam na terra para os admirar nas obras que deixaram.

§

Dois dias depois, isto é, na segunda feira 11 de Dezembro, foi condusido o cadaver do viscon-

de d'Almeida Garrett, ao cemiterio dos Prazeres, pelos seus amigos; — e depositado no jazigo da illustre familia de D. Francisco do Rio de Menezes parente affastado do fallecido.

Entre varias deputações, representantes de sociedades litterarias e artisticas, acompanhavam o feretro, os srs. Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, Luiz Augusto Rebello da Silva, Antonio Pereira da Cunha, Silva Tulio, D. Pedro de Brito do Rio? Epiphanio Aniceto Gonçalves, e João Nepomuceno de Seixas, — lente de historia do Conservatorio Real de Lisboa. Este ultimo, já no caminho da morada dos mortos, lançando a mão, a um dos cordões do caixão, e ficando atraz, banhado em lagrimas, exclamou compungido:

— «Eu não ajudo nada, antes elle é que me guia: e eu ainda depois da sua morte me guiarei por elle!» (1)

Pelo caminho todos queriam ajudar a levar á regelada estancia, aquelle corpo frio, onde já correra muito sangue portuguez, e tão puro como o recebera do seio de sua virtuosa mãe.

Todos queriam tomar o peso ao involucro da

(1) Veja-se nota no fim.

grande alma que se evaporava com o contacto da dor. Todos queriam ter as honras de levar á derradeira pousada o inspirado reformador das lettras portuguezas!

Chegando o cortejo funebre proximo do cemiterio, parou um momento para descanço dos que condusiam o caixão, — depois... começando de novo a mover-se o pomposo saimento,

«Na estancia entrou das gerações extinctas.»

Em seguida as tropas que estacionavam no campo, deram algumas descargas de artilheria e de mosqueteria.

Pousado o caixão juncto do tumulo, e rodeado pelo numeroso sequito, pertencia ao sr. Alexandre Herculano subir á pedra, e orar primeiro, mas recusando-se a isso o illustre litterato, tomou o logar o sr. Antonio Feliciano de Castilho, mas foi pouco afortunado na sua oração. Pasmados todos os ouvintes ante a frieza do poeta das *Primaveras*, e começando muitos a murmurar da sua pouca inspiração, disse Castilho que não es-

tava prevenido para aquelle acto solemne. (1) Isto desgostou fortemente alguns dos amigos do defuncto.

Seguiu-se a este o sr. Silva Tulio, que se mostrou intimamente compungindo, ao fallar no poeta. Fez uma pequena oração, mas com palavras de tanto valor, e proferidas com tal sentimento, que penetraram em todos os corações! Depois orou o sr. Vieira da Silva, em nome da associação typographica, cuja corporação representava.

Descendo este da pedra sepulchral, subiu Luiz Augusto Rebello da Silva, triste mas inspirado, e fez um brilhante discurso, que arrancou lagrimas a todos!

As lagrimas corriam a torrentes pelas faces dos ouvintes; e a dor era geral, porque a palavra cadenciosa de Rebello, era capaz de as ir buscar aos olhos mais estereis, n'aquelle momento de saudade pungente!

Quando este fecundo orador, chegou ao meio do discurso, disse com aquelle enthusiasmo saudoso que tinha ardendo no coração: *Inclinemonos!* Todos se dobraram então diante do cadaver, não do visconde, mas sim, do cantor de Camões e Jau.

(1) Veja-se a nota no fim.

Estando as ceremonias do enterramento quasi no fim, chegou proximo da sepultura, e rompeu por entre o grupo, o estimado poeta Luiz Augusto Palmeirim, e recitou com aquella harmoniosa cadencia que se conhece no seu metro, uma poesia do sr. Mendes Leal, e outra do discipulo do finado, o sr. Gomes d'Amorim.

§

Achava-se ali o corpo diplomatico, muitos conselheiros d'estado, e o ministerio, — só faltava o presidente do conselho, que mandara prestar a ultima homenagem aos restos mortaes d'aquelle que tanto trabalhara em favor da sua patria, pelo sr. Conde da Ponte, que era n'essa epoca governador civil de Lisboa.

Rebello da Silva, disse no fim do seu brilhante improviso, estas palavras, que já são indeleveis nos fastos da litteratura portugueza, e nos corações que as escutaram — «Aqui, jaz o visconde d'Almeida Garrett. — Ali, á luz d'aquelle astro glorioso, vive João Baptista d'Almeida Garrett!»

Eis aqui o resumo do saimento do nobre portuguez, do grande poeta, do litterato distincto, do orador gigante, do honrado estadista, do ho-

mem finalmente, que necessitara como disse, D. João d'Azevedo, de se curvar para atravessar o maravilhoso colosso de Rhodes.

E nós que estimamos as suas obras, e proferimos com respeito o seu nome, curvemos-nos tambem reverentes ante essa columna gigantêa, porque somos ante ella, os reptis mais infimos, que já gosaram os beijos do sol!

§

Almeida Garrett desceu á sepultura com uma saudade que lhe pungiu fortemente a alma nos seus ultimos dias.

Deixava ficar vasia uma das lacunas mais espaçosas do livro da nossa litteratura d'este seculo.

Não pensando muitas vezes — (como é de mortaes!) — que a morte nos ataca d'improviso, e nos fulmina quando somos roidos pelo descuido, comprometteu-se a escrever um livro, que pelo assumpto que tinha de celebrar, indicava ter de ceifar mais loiros na republica das lettras, do que todos quantos escrevêra atéli, que são inquestionavelmente os braços mais fructiferos da arvore litteraria da nossa terra. Fallou em muitas reu-

niões de homens instruidos, n'essa obra que lhe fervia no cerebro ardente, desde que socegou, das luctas e das emigrações, até pouco antes de morrer.

O livro, era a historia das revoluções politicas em Portugal, que começaram em 1820, e terminaram aquasi, pelo triumpho da liberdade em 1834.

Disse o poeta no prologo d'uma das suas obras que o desempenho d'essa commissão, era para elle um poncto de honra, porque estava promettido por um quasi juramento; mas infelizmente, não o pôde conseguir o cuidadoso escriptor. Antes de lhe dar começo, cerrou-lhe a morte aquelles olhos de brilho penetrativo, que deviam descobrir os quadros da guerra, que foram apagados pelo desapparecimento, d'aquelles «que em contenda injusta pereceram.»

Não pôde cumprir o seu promettimento, não; mas ao menos ficamos com a satisfação de não ouvirmos dizer aos seus contemporaneos e posteriores, que deixou um só momento de escrever, para se entregar a trabalhos inuteis á patria que o viu erguer o braço de soldado, para varrer a zumbidora bofetada do despotismo!

Honra ás tuas cinzas, bardo sem emulo con-

temporal! Descança tranquillo, que a tua patria nunca moverá os labios para te chamar ingrato! Descança que jámais se extinguirá na Europa, o nome e a memoria saudosa, do poeta que soube pagar a divida nacional ao desditoso Camões.

NOTAS

Á

BIOGRAPHIA

DO

visconde d'Almeida Garrett

NOTA I—*Pag.* 59

«Que arrancara em idade mais verde.»

O *Retrato de Venus* diz o poeta que o escreveu aos dezessete annos, e d'esse tempo até a epoca em que o deu á imprensa não cançou de lhe fazar emendas, e de as pedir a homens doutos e instruidos com quem tractava, entre as quaes haviam algumas do sr. S. Luiz.

Faço esta nota para que algum conhecedor da materia não diga que é enexacta a epoca da feitura do primeiro poema que Garrett deitou ao mundo litterario.

D'esse tempo são tambem algumas poesias lyricas que o poeta publicou muitos annos depois no livro das *Flores sem Fructo* e nas *Folhas Caidas*, quando as castigou com a sua varinha magica.

NOTA II — *Pag.* 70

«Por esta occasião, Outubro de 1821, etc.»

Encontrei ultimamente um documento, que póde taxar de anachronica esta minha affirmação. Diz, que o julgamento do poeta, teve lugar em Outubro de 1822. No entanto, eu não me atrevo a retirar este capitulo do logar onde o colloquei primeiro: se algum leitor estiver mais orientado do que eu n'este poncto da vida do meu heroe, peço-lhe o especialissimo obsequio de escrever á margem as emendas, e de m'as trazer depois para eu corregir esta falta na segunda edição, se acaso este opusculo chegar a tel-a. Aquelle nada que souber sobre este assumpto, aconselho-o a que leia primeiro esta passagem, e que volte depois a encadear a historia onde melhor lhe convier, porque estou convencido que não operará grande transformação no livro, nem tam pouco lhe raspará o que elle encerra de bom, ou o merecimento, que porventura chegue a alcançar do respeitavel publico para quem o escrevi.

Conheço que se não deve perdoar a quem escreve primeiro a historia de ámanhã, do que a de hoje; mas divergem tanto ás vezes os apontamentos, e erram as memorias dos que relatam factos que nem a todos foi dado presenciar, que caimos abraçados a elles, no atoleiro do ridiculo. E depois os que lidam no baixo campo da litteratura, ao passo que elles nas veigas chãs sentem a brisa tepida e deliciosa beijar-lhe os labios, e brincar-lhe com o cabello, são os que ouvem a pé firme, as accusações nem sempre justas da opiniao publica que os espreita successivamente com seus olhos inquisi-

toriaes, procurando descobrir em todos os escaninhos, um vaso onde verta o pôs da maledicencia.

NOTA III—*Pag.* 79

«Regado pelos detestaveis Caligulas modernos, etc.»

Consta que Garrett emigrou por causa da comedia politica, ou farça, julgo que imitada do Francez, que se intitulava *Corcunda por Amor*, em que rediculisou sem dó os homens d'aquelle tempo, quando a mandou representar no velho theatro do Bairro-alto; e outros escriptos que não chegaram a publicar-se, por causa do repentino affastamento do poeta, d'entre os mancebos enthusiastas que lhe punham em acção as peças que elle apresentava. Foram estes mancebos, pela maior parte, os que trabalharam com vontade e constancia para o conservarem no reino, e aquellas pessoas mais consideradas na côrte, que tinham apreciado a leitura dos seus opusculos, e a representação d'aquella magnifica tragedia de *Catão*.

O poeta comtudo não cedeu a todos esses rogos por que outros amigos naturalmente mais intimos, lhe acenavam lá das margens do extenso Tamiza.

NOTA IV — *Pag.* 84

«Almeida Garrett, se acaso não lhe passou os

limites, nem trabalhou com mais constancia, foi de certo mais proveitoso ao paiz, etc.»

Escrevendo estas linhas não tive em vista depreciar aquella sobêrba epopèa *Eurico* do Sr. Alexandre Herculano, porque é a melhor prosa que conheço n'aquelle genero, nas modernas lettras.

Não husco tambem esquivar-me com aquellas palavras indiscretas talvez!— a confessar a sua vasta intelligencia, e o respeito devido ao seu nome illustre, que é proferido com assombro, e apregoado com admiração pelos melhores cultores da idéa, que ainda nos dão signaes de existencia nas fileiras da perfeição litteraria, e outros que já sentiram cerrar-se o tumulo sobre seu corpo, para descançarem das fadigas da vida no leito da eternidade.

Dou aqui plena satisfação ao dignissimo commandante do actual exercito litterario de Portugal, para que não me julgue capaz de tamanho atrevimento. O meu intento foi sómente pôr acima de todos os poemas modernos o *Camões* de Almeida Garrett, porque a minha consciencia assim m'o segredava quando traçava aquelle periodo, como agora que alinhavo estas notas.

Faço esta declaração, não para me desdizer do que fica escripto, mas provar o respeito que tributo ao grande historiador a quem devo uma parte do nada que sei,—se é possivel fazer divisão nos meus poucos conhecimentos litterarios.

NOTA V—*Pag.* 86

«O folhetinista mais elegante e consciencioso,

que floresceu no tempo do creador de Fr. Sueiro»

Disse, que Antonio Pedro Lopes de Mendonça foi o melhor folhetinista contemporaneo de Garrett, assim como sustento hoje que até agora ainda não appareceu um competidor áquellas poucas mas bellas paginas, que nos legou.

Não quero dizer que estamos hoje sem bons folhetinistas porque os ha ahi credores de muito respeito entre os quaes realçam mais os nomes de Teixeira de Vasconcellos, Pinheiro Chagas, Cesar Machado, Eduardo Vidal, Eduardo Coelho, e outros, que manejam a penna com destreza n'esse genero de litteratura que tão enraizada está hoje entre nós.

NOTA VI —*Pag.* 101

«Já com os sete cantos completos do poema *D. Branca*».

O magnifico romance de Garrett, *D. Branca*, aquelle sublime episodio epico das passadas luctas entre christaos e mouros, que firmou entre nós a convenção poetica da actualidade, saiu a primeira edição de Pariz, distribuido em sete cantos apenas.

Vinte e dois annos depois, o poeta guiado por conselhos d'alguns homens doutos, que nunca despresou durante a sua vida litteraria, e do seu maravilhoso pensamento, estando na Cruz-quebrada desmanchou aquelle livro que tanto accendeu a revolução que se travou nas lettras em 1826, e ajuntando-

lhe alguns centos de versos sem com isso lhe raspar ás primitivas belezas, levou-o a dez cantos, explicando mais claramente o rasgo da chronica d'onde o arrancara e dando-lhe ao mesmo tempo mais volume e elegancia.

Com este livro foi que Garrett, fingindo-se morto para não ser perseguido pelo governo que então dominava a patria, comdemnou pela maior parte as imagens da mythologia grega que até essa epoca inçava a poesia em toda a parte, dizendo ao abrir o poema:

«Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
«Da culta Grecia amavel, crença linda,
«De Venus bella, Venus mãe de d'amores
«Brincões, travessos: — do magano Jove
«Que do setimo céu atraz das moças
«Vem andar a correr por este mundo,
«Ja niveo touro, já dourada chuva,
«Já quanto mais lhe apraz,— de Baccho alegre,
«Do louro Apollo, e das formosas nove
«Castas irmãs que nos vergeis do Pindo
«Tecem aos sons da lyra ecternos carmes;
«Gentil religião, teu culto abjuro,
«Tuas aras profanas renuncio:
«Professei outra fé, sigo outro rito,
«E para novo altar meus hymnos canto.
« . . . . . .
«Disse adeus ás ficções do paganismo
«E christão vate, christãos versos faço

«N'esta composição—diz Garrett—seguiu-se visivelmente

o exemplo de Wielland no Oberon; todo o seu maravilhoso é tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes.»

NOTA VII— *Pag.* 103

«Dedicou-o ao seu muito particular amigo, Antonio Joaquim Freire Marreco, etc.»

D'este amigo, é que falla o poeta no principio do poema *Camões*:

«Certo amigo na angustia, que aos tormentos
«Myrradores que a vida me entravavam
«Adoçaste o amargor, e com benigna
«Dextra, cavaste á roda do infortunio
«Cravo que o gyro barbaro lhe impeça.
«Ati, a quem a vida que se me ia
«Em desalento, em desconforto, devo,
«Ati minhas endeixas mal cantadas
«Nas solidões do exilio, onde as repetem
«Os ermos echos de estrangeiras gruttas,
«Ati meus versos consagrei na lyra
«Quebrada sobre o escolho da desgraça
«Inda languidos sons desfere amêdo,
«Que a teu fiel ouvido vão memorias,
«Lembrar da patria, e recordar do amigo.

Veja-se o começo do poema, e nota correspondente.

NOTA VIII— *Pag.* 105

«Parece-me que não incendiou a cubiça dos habitantes das terras de Santa Cruz.»

Quando escrevia aquellas paginas, não tinha noticia de que houvesse contrafacção brazileira d'este livro, mas affirmou-me ha pouco tempo o sr. Jacome Serra, estudioso moço paulista, que viu mais d'uma edição d'elle, feita no imperio.

NOTA IX—*idem*

«Empregado n'uma casa de commercio parisiense, etc.»

Escrevi este periodo informado por um emigrado companheiro do poeta, que não esteve em Paris, mas em Ruão, e que se correspondia com elle. Lembra-me agora que li não sei se no *Braz Tizana,* que Almeida Garrett esteve effectivamente empregado n'uma casa commercial em França, mas no Havre de Graça, e não na capital. Esta noticia julgo que vem confirmada no livro das *Memorias de Litteratura Contemporanea* de Lopes de Mendonça, escriptor que eu muito respeito.

NOTA X — *Pag.* 140

«Querido e acatado pelos homens de coração, que são, etc.»

Estas palavras que ponho na bocca do poeta, quando elle desembarca nas praias do Mindello, são inteiramente filhas da imaginação. Mas comtudo presumo que não serão totalmente destituidas de verdade, porque é de suppor que os pensamentos do nobre soldado do dador da carta constitucional, não se affastassem muito da minha ideia. Aquelles a quem não soarem bem estas phrazes, dou-lhes de conselho que não as leiam, porque pouco ou nada perderão com isso, e nenhuma affronta me fazem.

Deixem-me ao menos o prazer de as gravar aqui, porque gosto muito d'ellas, e como todos sabem, ha bocados n'este livro que só eu os poderei interpetrar, por causa da pouca clareza com que os apresento, bastante contra a minha vontade.

NOTA XI—*Pag.* 146

«Mas não pôde tomar conta d'esse cargo, etc.

Estou certo que entre as nomeações que os poderes publicos fizeram ao poeta, hão de haver alguns cargos que elle não chegou a exercer, em consequencia de não os poder acceitar. Se os não acceitou foi por que não pôde ou não quiz; o que é fóra de duvida, é que de tudo quanto digo sobre taes assumptos existem documentos que foram encontrados entre os papeis, que se revolveram depois da morte de Garrett.

NOTA XII—*Pag.* 148

«Ate José Estevão, o proprio José Estevão, etc.»

Hade alguem dizer que eu tentando fazer apologia? dos dois gigantes da tribuna portugueza, aprezento Garrett abraçado á lua ao passo que ponho—talvez sem rasão alguma! —José Estevão de bruços, applicando o ouvido sobre a terra, em observação do que se passa na raiz dos seus fundamentos. Dirão que é demasiada a altura em que ponho Garrett, e desmedida a baixeza em que mostro o seu maior émulo; não é tanto assim! Apesar de pôr sem hesitação, no lugar merecido, os dotes de Garrett, não deixo de confessar o merecimento de José Estevão de Magalhães. Este fica com a gloria da sua eloquencia, e Garrett com todas as suas grandezas litterarias e oraes.

Os que tomarem á má parte esta minha dedicação pelo contrabandista da palavra *desapontamento*, palavra que campêa de fronte altiva nas nossas lettras, Almeida Garrett, façam de mim o juizo que entenderem, por que não me zango, seja qual elle for. Mas obrigado pelo dever, a pôr o meu peito por escudo ao nome do poeta direi com um dos mais exforçados athletas da revolução litteraria de 1865 e 1866, —*A tout Seigneur, tout honeur.*

NOTA XIII—*Pag.* 260

«Digo parece-me etc.»

É esta uma das passagens do meu livro em que mais forçado me vejo a titubear.

Diz-se que Almeida Garrett pediu a sua demissão de ministro, a S. M. a rainha, por aquella Augusta Senhora se recusar a dar apoio a assignar um tractado que elle fez entre Portugal e a França.

NOTA XIV—*Pag.* 249

«O estimado poeta dos *Cantos*, etc.»

Declaro que não presenciei estas scenas que descrevi—talvez com alguma liberdade de pensamento—porque n'essa epoca ainda eu não tinha completado mais do que quatro annos, e apenas sabia o caminho que conduzia ao eido do visinho que tinha as uvas mais maduras do que as do meu quintal, que eram mais azedas do que as propias azedas!

Não presenciei, digo, as scenas a que se refere esta nota, mas conhecendo todos os laços d'amizade que ligaram sempre Amorim ao seu mestre, creio que ninguem lançará máos olhares sobre os quadros em que os mostro juntos. É certo que quando um amigo vê o amigo intimo em estado perigoso, tem a restricta obrigação de velar por elle;—principalmente se o enfermo está n'uma isolação de affagos, como aquella que Garrett exprimentou nos seus ultimos tempos de vida.

NOTA XV—*Pag.* 250

«E a rua de Sancta Izabel, etc.»

Garrett morreu na rua de Sancta Isabel n.º 78.

NOTA XVI—*Pag.* 267

«Será a morte do meu estro, etc.»

Hão de dizer alguns conhecedores do assumpto que estou tractando, que eu transpuz os raios da moderação